

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

**JORNALISMO AMBIENTAL EM REVISTA:
Das Estratégias aos Sentidos**

Eloisa Beling Loose

Porto Alegre - RS

Março de 2010.

ELOISA BELING LOOSE

JORNALISMO AMBIENTAL EM REVISTA:

Das Estratégias aos Sentidos

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – PPGCOM/UFRGS, como requisito parcial e último para a obtenção do título de Mestre em Comunicação e Informação.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ilza Maria Tourinho Girardi

Porto Alegre - RS

Março de 2010.

JORNALISMO AMBIENTAL EM REVISTA:

Das Estratégias aos Sentidos

elaborada por

Eloisa Beling Loose

COMISSÃO EXAMINADORA

Ilza Maria Tourinho Girardi, Dr^a.

(Presidente/Orientadora)

Christa Berger, Dr^a. (Unisinos)

Márcia Benetti Machado, Dr^a. (UFRGS)

Ronaldo Henn, Dr. (Unisinos)

Valdir José Morigi, Dr. (UFRGS)

(Suplente)

Porto Alegre – RS, 12 de março de 2010.

[...] sentido e significado nunca foram a mesma coisa: o significado fica-se logo por aí, é directo, literal, explícito, fechado em si mesmo, unívoco, por assim dizer, ao passo que o sentido não é capaz de permanecer quieto, ferveilha de sentidos segundos, terceiros e quartos de direcções irradiantes que se vão dividindo e subdividindo em ramos e ramilhos, até se perderem de vista; o sentido de cada palavra parece-se com uma estrela quando se põe a projectar marés vivas pelo espaço fora, ventos cósmicos, perturbações magnéticas, aflições.

*José Saramago, **Todos os nomes**, p. 135*

AGRADECIMENTOS

Esta etapa de aprendizado e aperfeiçoamento foi construída graças a um conjunto de pessoas que acreditaram nos meus objetivos e me apoiaram da seleção para o ingresso, até o momento, da defesa final do Mestrado. Nem todas tiveram a oportunidade de acompanhar de perto minhas pequenas conquistas, mas, de longe, contribuíram para que não me sentisse só, para que não desanimasse nas horas em que a saudade apertava e as dúvidas pareciam tomar conta do caminho.

Agradeço aos meus professores da UFSM, por terem incentivado, desde os primeiros anos de graduação, meus anseios de pesquisa e terem auxiliado na minha preparação para o ingresso em uma universidade pública e de qualidade. Igualmente, agradeço aos amigos que, desde a época de iniciação científica, compartilham discussões, indicações bibliográficas e momentos inesquecíveis nos encontros anuais de comunicação.

Sou especialmente grata à professora Ilza Girardi que, além de sempre dividir seu grande conhecimento sobre jornalismo ambiental e ser uma orientadora generosa, mostrou-se uma amiga excepcional, tanto para resolver questões de ordem prática, quanto para escutar e aconselhar sobre meus conflitos extra-acadêmicos. Foi ela quem fez Porto Alegre não parecer tão grande, indicando lugares para visitar, espaços para interagir (eventos do Núcleo de Ecojornalistas) e apresentando amigos que se tornaram meus também.

O primeiro ano foi mais leve graças aos colegas Bianca Efrom, Natália Ledur Alles, Jousi Quevedo, Luciano Alfonso, Sara Feitosa e Reges Schwaab, e à amiga Naiara Longhi. No segundo ano, tive a felicidade de conhecer mais pessoas especiais, que influenciaram positivamente em minha forma de pensar: Gisele Neuls e Sabrina Franzoni. Agradeço também aos professores do PPGCOM, que sempre foram solidários às minhas demandas e possibilitaram que eu aperfeiçoasse minhas formas de agir e pensar como pesquisadora.

À minha banca de qualificação, formada pelas professoras Christa Berger e Márcia Benetti, por proporcionarem meu crescimento pessoal e acadêmico em um momento tão crucial.

À CAPES, por financiar meus estudos, e à UFRGS, pela estrutura e oportunidade de cursar uma pós-graduação que contemplasse meus interesses.

E, acima de tudo, à minha família, sempre presente, ainda que a muitos quilômetros de distância. De maneira especial, à minha mãe, que jamais deixa de acreditar nos meus sonhos, e ao meu namorado, que é companheiro e admirador de todos os meus passos.

RESUMO

Este trabalho analisa os sentidos e as estratégias dos discursos das revistas especializadas em meio ambiente, a fim de investigar como a noção de meio ambiente é construída. Tendo em vista que o jornalismo conforma a realidade – selecionando pautas, enfoques e modos de tornar esse conhecimento social um discurso inteligível -, compreende-se que quatro diferentes publicações ambientais (‘Terra da Gente’, ‘Mãe Terra’, ‘Sustenta!’ e ‘Aquecimento Global’) trazem perspectivas diferentes de uma visão ambiental, ainda que se proponham tratar da mesma temática. Para delinear as semelhanças e divergências entre as revistas, optou-se por usar, de forma livre, o referencial teórico-metodológico da Análise do Discurso Francesa. Além das filiações de sentido, extraídas de Formações Discursivas (FDs) definidas em função da literatura que discute o meio ambiente, verificam-se os sentidos possíveis dos nomes das revistas e as estratégias discursivas que movimentam as intenções dos produtores pensando em seus destinatários. Sem deixar de perceber o contexto e as dificuldades externas à produção, foca-se no jornalismo ambiental apresentado no veículo revista, tanto pelo espaço privilegiado de interpretação, quanto pela dedicação integral que o tema recebe. A pesquisa indica que cada revista fabrica um discurso particular sobre meio ambiente, porém a FD Ecosocial é a predominante no *corpus*, assim como a mobilização de estratégias de aproximação e de estímulo à mudança de hábitos do leitor.

Palavras-chave: Jornalismo Ambiental; Discurso; Revistas Especializadas; Sentido; Estratégias Discursivas.

ABSTRACT

This paper analyzes the senses and the discursive strategies of environmental newsmagazines in order to investigate how the notion of environment is built for them. Considering that journalism formats reality - selecting agendas, approaches and ways to make this knowledge an understandable social discourse - it is known that four different environmental publications ('Terra da Gente', 'Mãe Terra', 'Sustenta!' and 'Aquecimento Global') will bring different perspectives of an environmental vision, although they intend to address the same subject. To delineate the similarities and differences between the magazines, we decided to use in a free way the theoretical and methodological framework of French Discourse Analysis. The intention is to look for affiliations of sense, extracted from Discursive Formations (DFs), defined according to the literature which discusses the environment, and evidences about the possible senses in titles of the mentioned magazines, and also the discursive strategies that move the intentions of the producers thinking about the receivers. Considering the context and the external difficulties in the production, there is a focus in environmental journalism present in the magazine as a vehicle, because of a privileged space for interpretation and the dedication that the theme receives. This research indicates that each magazine built a particular discourse about the environment, but the DF Ecosocial is predominant in the samples. The analysis also demonstrates the regular use of strategies to reach the reader and to stimulate them to change their habits.

Keywords: Environmental Journalism; Discourse; Specialized Newsmagazines; Sense; Discursive Strategies.

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A	Relação das Matérias Analisadas.....	155
---------	--------------------------------------	-----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 O Jornalismo como Construtor Social de Realidades	14
1.1 A Construção das Notícias.....	17
1.2 Jornalismo e Discurso.....	19
2 O Jornalismo Especializado em Meio Ambiente	26
2.1 Jornalismo Ambiental: Delimitações de uma Especialidade.....	34
2.2 As Revistas Especializadas em Meio Ambiente.....	41
2.2.1 O Caminho da Segmentação.....	42
3 Modos de Ver e Dizer o Meio Ambiente	50
3.1 Os Contornos da Noção Meio Ambiente.....	50
3.2 Visões sobre o Meio Ambiente.....	55
3.2.1 Ecologia Rasa e Profunda.....	55
3.2.2 Correntes Ecosocial e a Ecotecnocrática.....	58
3.2.3 Perspectiva Naturalista.....	60
3.3 As Três Correntes do Ecologismo de Alier.....	61
4 Trajetória Metodológica	64
4.1 A Análise do Discurso para interpretar o Discurso Ambiental.....	64
4.2 Apresentação dos <i>Corpus</i> Empírico e Discursivo.....	65

4.3 O Passo a Passo da Pesquisa.....	70
5 Desconstruindo os Discursos das Revistas Ambientais.....	73
5.1 As Filiações de Sentidos.....	74
5.2 Os Sentidos Possíveis dos Nomes das Revistas.....	77
5.2.1 Sentidos de uma Única Formação Discursiva.....	82
5.3 Os Discursos dos Editoriais	87
5.4 Os Discursos das Reportagens.....	100
5.5 As Estratégias Discursivas que movimentam o Discurso Ambiental.....	118
5.5.1 Formas de expressar o Meio Ambiente.....	120
6 Considerações sobre a Construção Discursiva das Revistas Ambientais.....	139
REFERÊNCIAS.....	146

INTRODUÇÃO

Não é novidade que o assunto *meio ambiente* veio para ficar em todas as esferas da nossa vida. Termos como *responsabilidade ambiental*, *desenvolvimento sustentável*, *ecologicamente correto*, entre outros, já nos soam familiares há algum tempo, mas, com tanta informação circulando por aí, fica difícil entender precisamente o que significa cada um deles, ainda mais porque, vira e mexe, surge um novo conceito, que passa a ficar em evidência (Trecho do editorial de novembro da Revista 'Aquecimento Global').

A ideia exposta acima revela uma das preocupações que me levaram à interpretação das discursividades da expressão meio ambiente¹. A rapidez com que novos sentidos são dados às palavras e o surgimento de novas palavras que são utilizadas com o mesmo sentido são evidentes. Na área ambiental, muitas vezes por desconhecimento, esses 'fenômenos' são bastante comuns e, conseqüentemente, resultam em desentendimento e mais desinformação.

Contudo, é importante destacar que, para compreender a complexidade que cerca essa noção, não basta se fixar na expressão vocabular. Os modos de dizer o meio ambiente são cruciais para se dar forma às peculiaridades e engendramentos que perpassam o significado e determinam os sentidos possíveis. Além disso, tal inquietação está intimamente integrada aos meus ideais de jornalista, que se firmam na crença de que: (1) a informação qualificada causa transformações; (2) a cidadania só acontece a partir do conhecimento; e (3) a sociedade pode alterar seu futuro na Terra por meio da circulação de sentidos outros a respeito do meio ambiente.

Assim, pesquisar os detalhes das construções discursivas do jornalismo ambiental – em um programa de pós-graduação - é um passo importante para a trajetória que escolhi seguir na minha vida. Mais que um título acadêmico, o Mestrado foi para

¹ Adoto o uso da primeira pessoa para relatar a pesquisa por entender que o exercício de interpretação aqui apresentado é um caminho possível - e particular - para compreender o meio ambiente por meio dos discursos das revistas especializadas, havendo a possibilidade de outras análises.

mim uma oportunidade de perceber o mundo com outros olhos e de aprofundar meus conhecimentos na área da comunicação ambiental.

O interesse por meio ambiente e as especificidades da cobertura jornalística sobre esse tema não surgiram repentinamente. Durante os anos de graduação, várias foram as vezes que questões ambientais acompanharam minha formação – nas matérias, nos programas de rádio e televisão, na extensão e na iniciação científica -, mas foi realmente no último ano que senti a necessidade de seguir profissionalmente por essa área. Percebia que havia dificuldades e que a ‘especialidade’ meio ambiente não interessava muito aos mercados acadêmico e jornalístico, porém sabia que, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, havia um espaço dedicado à causa. E todos os esforços valeram a pena.

Acredito que o jornalismo exerce um papel estratégico fundamental na formação de opinião, ao legitimar e tornar visível as preocupações que emergem da sociedade. Ao pautar um tema e disponibilizar um viés crítico e complexo sobre ele, a imprensa está proporcionando um espaço de reflexão que pode gerar uma transformação na atitude das pessoas; ao incorporar as ‘lentes’ propostas pelo jornalismo ambiental, poderá contribuir para a formação de uma cidadania planetária.

Como pesquisadora, penso que identificar as estruturas discursivas ligadas ao meio ambiente, veiculadas por revistas especializadas, pode trazer uma série de ponderações e o despertar para outras formas de formatar os discursos ambientais pelo campo jornalístico. Teoria e prática precisam estar conectadas.

A perspectiva comunicacional deste trabalho é evidente quando se percebe que não é o *corpus* o elemento determinante e, sim, os processos de produção de discursos que estão sendo trocados entre as esferas midiática e social. O jornalismo, por meio de seus discursos, determina uma série de efeitos de sentido em seu público. As revistas ambientais, sendo produtos desse campo, constroem representações a respeito do meio ambiente que ajudam a estabelecer, reforçar ou silenciar dadas percepções em seus leitores.

Ao ingressar no programa de pós-graduação, já tinha em mente trabalhar com a perspectiva discursiva do jornalismo (para dar continuidade aos estudos teórico-metodológicos iniciados na faculdade) e com veículos especializados (já que geralmente o meio ambiente é analisado na grande mídia). A escolha por revistas ambientais deu-se em razão da possibilidade de se ter impressos os discursos analisados e, principalmente,

porque o ano de 2008 foi um ano atípico na produção editorial nesse segmento: duas das quatro revistas do *corpus* empírico surgiram no decorrer desse ano. Além disso, outra publicação aumentou a periodicidade. Pode-se dizer que tal impulso no mercado das publicações a respeito do meio ambiente ocorreu em função da grande midiaticização que teve o terceiro relatório divulgado pelo Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC, na sigla em inglês), no fim de 2007, associado a diversas campanhas de Organizações Não Governamentais (ONGs) e às tragédias decorrentes da intensificação das alterações no clima. Só no Brasil, por exemplo, temos o caso do ciclone extratropical que afetou o litoral do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, no mês de maio, e o da estiagem e das chuvas, em outubro, que fizeram várias cidades da região sudeste e sul decretarem estado de emergência: em 33 municípios, devido às chuvas, e, em 102, por causa dos incêndios e da falta de água².

A intenção deste trabalho é trazer as pistas discursivas que permeiam as páginas das revistas ambientais, tendo em vista os sentidos e as estratégias discursivas investidas para reportar o meio ambiente. A pretensão é verificar quais são as formas de se falar sobre o meio ambiente e identificar como são construídos os discursos ambientais pelas revistas que assumem a causa e pretendem exercer o jornalismo ambiental. De forma específica, optei por: (1) constatar quais são as representações feitas sobre o meio ambiente pelas revistas especializadas neste tema, por meio das Formações Discursivas e Ideológicas; (2) perceber quais são as estratégias discursivas que diferenciam os discursos das revistas; (3) verificar quais são os efeitos de sentido mais evidentes nos nomes das revistas; e (4) observar se há uniformidade nas construções discursivas a respeito do meio ambiente e delinear perfis para cada revista em relação ao meio ambiente.

O percurso desta investida teórico-metodológica parte do jornalismo como atividade que contrói socialmente a realidade (Capítulo 1). Por esse prisma, fica claro o motivo do enfoque discursivo que norteia toda a análise.

Em seguida, faz-se necessário explorar os entendimentos do jornalismo ambiental. O Capítulo 2 é dedicado à compreensão das perspectivas e desafios que são inerentes à prática do jornalismo ambiental. Mais que conhecer as técnicas e fontes para tratar de um tema único, o jornalista ambiental precisa observar o cotidiano de outro

² Informações do *site* de notícias 'AmbienteBrasil' (www.ambientebrasil.com.br).

ângulo e jamais perder o caráter cidadão na fabricação de seu discurso. Abre-se também - nessa mesma parte do trabalho – um espaço para conhecer o histórico e as especificidades das revistas ambientais.

No terceiro capítulo, a ênfase é dada nas formas de ver e entender a noção ‘meio ambiente’. Foge-se, por um momento, do campo da comunicação e adentra-se nos usos e significados dessa expressão nos estudos ambientais. Desse estudo, retira-se a base conceitual para definir os sentidos possíveis dos discursos de cada revista.

A trajetória metodológica é apresentada no quarto capítulo. Tento sistematizar, de forma clara, as indagações que me levaram a utilizar cada conceito da Análise do Discurso Francesa (AD). Não me filio a uma única linha por avaliar que meu problema de pesquisa não comporta apenas um viés. Sigo a linha de Michel Pêcheux para perseguir as filiações de sentidos e faço uso livre de outros conceitos da AD para detectar as estratégias discursivas. Mobilizando tais conceitos, desejo cercar o que é dito e como é dito em algumas materialidades em que se inscreve o jornalismo ambiental.

A análise propriamente dita concentra-se no Capítulo 6, onde a separo em razão dos nomes das revistas, das estratégias discursivas e das filiações de sentidos³ das reportagens e dos editoriais. As considerações finais que delineiam cada uma das revistas encontram-se no último capítulo. Esclareço que esta pesquisa não tem o propósito de fazer comparações, mas de averiguar de que forma o meio ambiente pode ser formatado pelos discursos jornalísticos nas revistas especializadas.

³ Os termos sentido e efeito de sentido são utilizados por diferentes estudiosos da AD, muitas vezes, com o mesmo significado. Assim, nesta dissertação, os conceitos serão empregados como sinônimos.

1. O Jornalismo como Construtor de Realidades

Nos dias de hoje, não há dúvida de que os discursos⁴ produzidos pelos meios de comunicação são nada mais que relatos construídos a partir de determinados critérios sobre os acontecimentos entendidos como reais (aqueles do cotidiano). Porém nem sempre foi assim. Já houve tempo em que os jornalistas – aficionados pela ideia da objetividade – viam seu trabalho como um retrato fiel da realidade, como um reflexo de espelho daquilo que estava movimentando o dia-a-dia das pessoas.

Embora essa visão já ultrapassada - a positivista - negasse o trabalho jornalístico como fabricação de uma estória, confiando no respaldo do conceito da objetividade, a ideia resiste ainda em alguns lugares. Na maioria dos casos, entretanto, verifica-se que a objetividade permanece sendo muito considerada pelos profissionais e pesquisadores do jornalismo, mas vista com outros olhos: como uma meta a ser alcançada no que diz respeito ao rigor da apuração dos fatos e à elaboração do texto, enfim ao método da produção da notícia.

Outro ponto que merece espaço nessa explanação inicial é o papel do jornalista como mediador das informações de outros campos. Por muito tempo, acreditou-se que o campo jornalístico tinha como função principal veicular os acontecimentos que ocorriam nos demais campos sociais. Essa é uma atribuição legítima, afinal, para o exercício da profissão, há necessidade de recorrer a fontes de áreas diferentes, de realizar a cobertura de eventos e acontecimentos que fogem do próprio campo. O destaque é dado por se entender que o jornalismo possui uma função mais ampla, na medida em que se constitui um “processo autônomo de engendramentos de sentidos” (FAUSTO NETO, 2006, p. 50), sendo mais que um reproduzidor das cenas que observa.

⁴ Para Brandão (1997), o discurso é o efeito de sentido construído no processo de interlocução (opõe-se a uma concepção de língua como mera transmissão de informação). Dessa forma, o discurso não é fechado em si mesmo: o que se diz significa em relação ao que não se diz, ao lugar social do qual se diz, para quem se diz e em relação a outros discursos. Ainda nas suas palavras, o discurso é o ponto de articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos linguísticos.

Imerso em uma sociedade que passou a ser rotineiramente midiaticizada, percebe-se que a instância jornalística não apenas repete os discursos de outros campos. Por ter uma competência específica – a de natureza discursiva – possui a capacidade de produzir realidades (VERÒN, 1987). Essa produção - é válido lembrar - precisa ser reconhecida pelos demais campos, sendo necessário informar agora também como se tece a ‘realidade da construção’, ou seja, quais são as formas usadas pelos meios de comunicação para dar forma às referências do mundo.

O jornalismo pode ser visto como institucionalizador de ‘verdades’ na esfera social, afinal ele dá visibilidade a determinados sentidos de valor, e o seu discurso é repleto de estratégias que buscam a legitimação e a veracidade diante dos públicos. No entanto, o caráter ético e cidadão da atividade jornalística não deve ser perdido: existe um papel sociopolítico que deveria nortear todo discurso jornalístico para o bem comum de todos. O interesse público deve permear toda a construção discursiva do jornalismo.

De acordo com Karam (2004, p. 37),

O resgate e reinterpretação do passado, aliados à multiplicidade de fenômenos sociais que se desenrolam em diferentes regiões geográficas, em áreas distintas e em ritmo cada vez mais intenso, apenas reafirmam a existência, ainda, de um papel incontornável e fundamental, o de medir essa produção em escala planetária, em períodos essencialmente curtos, com agilidade, como se os fatos ocorressem no próprio momento, e com uma linguagem específica, mediante técnicas particulares.

Assim, neste trabalho, foca-se o aspecto discursivo do fazer jornalístico, mas não se esquece o aspecto público, onde se entende a informação jornalística como uma das portas de acesso à democracia e, conseqüentemente, à prática da cidadania. Constata-se que o jornalismo ambiental⁵ está intimamente ligado ao jornalismo cívico⁶, já que ambos preocupam-se com a revitalização da vida pública, com a democracia e com a maior participação e interesse dos cidadãos.

Traquina (2001, p. 179) afirma: “[...] para o jornalismo cívico torna-se um imperativo que o jornalismo encoraje o envolvimento com o cidadão na vida pública,

⁵ O jornalismo ambiental não é simplesmente o jornalismo dedicado à cobertura de meio ambiente. Ele extrapola essa concepção ao incorporar no seu fazer a percepção holística e a tentativa de mobilização da sociedade para alcançar a sustentabilidade da vida.

⁶ Em artigo eletrônico, Jan Schaffer (2001) trata do jornalismo cívico como aquele “que ajude as pessoas a superarem sua sensação de impotência e alienação, desafiando-as a envolver-se e tomar para si a responsabilidade sobre problemas comunitários”. Márcio Fernandes (2007; 2008) ratifica essa concepção nos seus estudos.

desenvolvendo nos jornalistas uma nova perspectiva – a perspectiva do ‘participante justo’ [...]”. É também esse ângulo que é adotado pelos jornalistas ambientais ao construir notícias e reportagens que mobilizem o público a enfrentar e tomar atitudes diante dos problemas ambientais.

As duas ‘especialidades’ de jornalismo estão afinadas na tentativa de gerar mudança. Tais perspectivas visam transformações, novas formas de ver as questões que nos cercam e também outras maneiras de nos relacionarmos com elas. Traquina (2001), ao falar do jornalismo cívico, revela que suas intenções estão cercadas de um ‘tom revolucionário’, já que avança sobre o objetivo historicamente marcado do jornalismo de ‘dar notícias’. Embora seja relevante, faz-se necessário que, ao mesmo tempo, os jornalistas cultivem um espaço que gere conhecimento para a ‘revitalização da cidadania’. O jornalismo ambiental, partindo de um tema específico – mas que é global e abrange todas as demais áreas –, visa ser de igual modo transformador, mobilizando seu público por meio de informações qualificadas para a manutenção de um espaço social mais justo e sustentável.

Márcio Fernandes (2007) traz, em seus estudos, uma catalogação de temas abordados pelo jornalismo cívico (a partir de Friedland e Nichols, 2002), na qual o meio ambiente é citado. Nesse caso, o tema está inscrito em uma categoria maior (comunidade) e se caracteriza por matérias que buscam a diminuição, por exemplo, dos índices de poluição. Segundo esse mesmo autor, o jornalismo cívico quer:

Uma abordagem continuada de um tema, maior engajamento das comunidades, debate alargado e minimização da influência da imprensa, atuando mais como um ponto de partida e menos como um líder cujas idéias precisam ser aceitas (FERNANDES, 2008, p. 96).

O jornalismo ambiental pode, em partes, ser assimilado como jornalismo cívico centrado na temática ambiental. No entanto, ele vai além, porque busca desvendar as conexões ocultas que perpassam a sociedade, não se detendo unicamente no que é tido como ambiental. Seu diferencial está na perspectiva holística que emerge do campo ambiental e não na ênfase do assunto que cobre. Não há dúvidas de que os dois jornalismo aqui tratados possuem uma ampla zona de intersecção de interesses, porém o ambiental distingue-se pela percepção da interconexão dos fatos.

1.1 Construção das Notícias

Até os anos 1970, o conceito de objetividade era entendido como o oposto à opinião, à ideologia. Assim, os jornalistas imparciais, que tinham como objetivo o equilíbrio das informações e não escreviam seus julgamentos, eram tidos como os objetivos, que estariam apenas relatando os fatos que presenciaram. Esse pensamento alimentou a perspectiva da Teoria do Espelho, na qual as notícias são espelhos da realidade (essa é a ideologia profissional clássica dos jornalistas).

Com o advento do Paradigma Construcionista⁷ no campo de pesquisa do jornalismo, essa concepção tomou novos rumos. Alsina (2009, p. 46) expõe o novo olhar dado para o jornalismo da seguinte forma:

A noção “construção social da realidade, tal como está definida por Berger e Luckmann (1979), localiza-se no nível da vida no cotidiano, em que se dá, no entanto, um processo de institucionalização das práticas e papéis. Esse processo é, ao mesmo tempo, social e intersubjetivamente construído. Isso faz caracterizarmos a atividade jornalística como um papel socialmente legitimado para gerar construções da realidade publicamente relevantes.

Inseridas nessa conjuntura, as notícias começaram a ser entendidas como estórias, que resultam de um processo de construção linguística, organizacional, social, cultural. O conceito de distorção, que antes era motivo de acusação àqueles que não se enquadravam no ‘ser objetivo’, torna-se inadequado porque se percebe que as atitudes dos jornalistas são circunscritas por constrangimentos oriundos das organizações noticiosas, pelas negociações com as fontes, pelas rotinas de trabalho e pelos próprios desafios do uso da linguagem. Segundo Berger (2003, p. 127), “o jornalismo não representa o real, mas o constrói pela linguagem, obedecendo a uma ‘gramática de produção’ própria do contexto e da instituição da qual ele (o discurso) é produzido”.

A partir dessas mudanças sobre a forma de ver o jornalista e seu exercício, a objetividade começou a ser entendida como um ‘ritual estratégico’ (TUCHMAN, 1971), onde o termo seria uma premissa para seguir os procedimentos adequados a uma

⁷ É importante dizer que, antes da Teoria Construcionista, outras teorias avançaram sobre a ideia de que as notícias refletiam a verdade, como as teorias do *gatekeeper*, organizacional, da ação política e estruturalista. Não haverá detalhamento sobre elas por ser outro o objetivo central deste trabalho.

cobertura não tendenciosa (a saber: apresentar versões diferentes do mesmo fato, mostrar provas suplementares para comprovar sobre o que escreve, utilizar aspas para indicar que não é o repórter quem está dizendo, estruturar as notícias de forma que se possa identificar o que é mais importante e o que é opinião). Esses procedimentos são postos por Tuchman (1971, p. 89) como

[...] estratégias através das quais os jornalistas se protegem dos críticos e reivindicam, de forma profissional, a objetividade, especialmente porque sua experiência profissional não é suficientemente respeitada pelos leitores e pode até ser alvo de críticas.

Pode-se enxergar esse processo como parte de uma ritualização que busca dar proteção aos profissionais da área. Sem a responsabilidade de ser objetivo (ou tentar seguir os tributos que remetam a isso), seria difícil manter a credibilidade que reveste o trabalho dos jornalistas e impossível ser exercido o papel de legitimador de acontecimentos⁸. Diante de tal missão, faz-se necessário recordar que o jornalismo está ligado à formação da opinião pública, ao dever de informar aquilo que é de interesse coletivo. Alsina (2009, p. 11) incorpora essa preocupação na sua definição:

Voltando à notícia, dentro da perspectiva da construção social da realidade, posso conceber a construção da notícia como algo especial pertencente à realidade: é a realidade simbólica, pública e cotidiana. Desse ponto de vista, deveríamos falar sobre a construção da realidade social. Os jornalistas são, como todo o mundo, construtores da realidade ao seu redor. Mas também conferem estilo narrativo a essa realidade e, divulgando-a, tornam uma realidade pública sobre o dia-a-dia.

Essa natureza e responsabilidade de noticiar o que é de interesse público e de converter acontecimentos em algo de conhecimento de todos estão atreladas a fatores inter e extraorganizacionais. Silva (2006, p. 191) lembra que o fato jornalístico está muito mais distante do conceito de espelho da realidade, quando se leva em conta que ele é constituído por fatos sociais e institucionais, ou seja,

⁸ Utilizamos a conceituação de Rodrigues (1988) para definir o que é acontecimento jornalístico: tudo aquilo que irrompe a superfície lisa da história a partir de uma multiplicidade de fatos. É notado como um acontecimento de natureza específica em razão dos vários critérios que norteiam a seleção da notícia.

o texto noticioso já traz no seu interior fatos institucionais que possuem estruturas que se interligam na arquitetura de uma realidade social que permeia a vida de todos os indivíduos. Posso dizer, com certa segurança, que o enunciado jornalístico é uma reafirmação de um mundo institucional. Os fatos desagregadores da vida em sociedade divulgados pela notícia ratificam a ‘estabilidade social’ que aparentemente está sendo contestada. É dos leitores a possibilidade de situar seu olhar e direcionar sua ação e fala a partir do lugar que ocupa dentro desse mundo institucionalizado.

Nesse momento, o receptor é posto em discussão, como outra peça do processo de construção da notícia. Alsina (2009) afirma que tal processo possui três fases: a da produção, a da circulação e a do consumo, evidenciando que o jornalista, embora cercado de certa autonomia e autoridade, não tem o poder de refletir, de forma isenta, a realidade que o cerca. Como prática social, ele retém as informações, transforma-as, e estrutura os acontecimentos por meio de movimentos interpretativos que estão relacionados às vivências, ao contexto sócio-histórico, às normas editoriais, às vozes ouvidas para a fabricação do texto, etc.

Charaudeau (2006, p. 96) confirma tal acepção quando diz que o acontecimento “nunca é transmitido à instância de recepção em seu estado bruto; para sua significação, depende do olhar que se estende sobre ele, olhar de um sujeito que o integra em um sistema de pensamento e, assim fazendo, o torna inteligível”. Dessa forma, reforço que os sentidos dos textos noticiosos só podem gerar efeitos nos públicos a partir de um engendramento de relações. E são os modos de organização do discurso que possibilitam que os sentidos ali amarrados resultem em certos efeitos de sentido⁹ e não em quaisquer efeitos.

1.2 Jornalismo e Discurso

O jornalismo é, além de mediador do mundo social, trabalho discursivo que enquadra os sujeitos na esfera social e auxilia na composição das representações

⁹ De acordo com o ‘Glossário de Termos do Discurso’ (FERREIRA, 2001), os efeitos de sentido podem ser compreendidos como os “diferentes sentidos possíveis que um mesmo enunciado pode assumir de acordo com a formação discursiva na qual é (re)produzido.”

simbólicas e do imaginário social. Gregolin (2003, p. 97) configura a relevância do discurso veiculado nas mídias para a apreensão de um espaço coletivo:

Como o próprio nome parece indicar, as mídias desempenham o papel de mediação entre seus leitores e a realidade. O que os textos da mídia oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor produzir formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta.

Nesse sentido – como produtora de imagens simbólicas – a mídia participa ativamente, na sociedade atual, da construção do imaginário social, no interior do qual os indivíduos percebem-se em relação a si mesmos e em relação aos outros. Dessa percepção vem a visualização do sujeito como parte da coletividade.

Calculada nessa afirmação, pode-se dizer que o jornalismo carrega consigo (no seu fazer) a prática discursiva. Como processo de comunicação, o jornalismo produz sentidos e efeitos de sentido (com a intenção de estruturar e legitimar realidades) mediante mecanismos discursivos.

Assim, a matéria jornalística é, antes de tudo, o produto do discurso oriundo do campo jornalístico. Na concepção de Adriano Duarte Rodrigues (1990), no discurso jornalístico, é o acontecimento que constitui o referente de que se fala, ou seja, uma espécie de ponto zero da significação. É o acontecimento que gera o primeiro efeito de realidade e é por isso que uma das regras práticas que movimenta o fazer jornalístico consiste em afirmar que a opinião é livre, mas os fatos são soberanos. O discurso do jornalismo é um relato feito a partir das dissoluções do acontecimento real e “pertence, por conseguinte, ao mundo do acidente que deixa vestígios e altera a substância do mundo das coisas, dos corpos, do devir” (RODRIGUES, 1990, p. 100).

Ao relatar os acontecimentos, os jornalistas modificam sua natureza por meio do agir discursivo. Esse produto não é mera locução, mas o resultado de ações de modos de dizer, consequência de um fazer ligado a valores (próprios e do campo), regras formalizadas do fazer jornalístico, preocupações com clareza, credibilidade, coerência e satisfação do público-alvo. Como já mencionei, o jornalismo não é uma atividade isenta de juízos e, para captar a atenção da recepção, utiliza-se de uma série de estratégias que, às vezes, até divergem daquelas usadas para manter sua reputação de imparcial e justa. Silva (2006, p. 93) esclarece com outras palavras este ponto.

O jornalismo informativo (notícia, reportagem e entrevista) é uma apresentação do mundo e, sobretudo, constitui o mundo construindo uma configuração da 'realidade'. A imagem do mundo que todos possuem leva nossos pensamentos, crenças e juízos a estabelecerem coordenadas entre essa imagem do mundo e a realidade em que se vive. As ações das pessoas vão refletir uma 'forma de vida' que, por sua vez, pressupõe uma aceitabilidade dessa imagem de mundo. O jornalismo vai destacar aqueles fatos que mais revelam os valores e crenças da sociedade naquele momento histórico. É preciso alertar, no entanto, que o mérito dos fatos jornalísticos está nas pessoas que aparecem como agentes ou pacientes deles. São personagens escolhidos como protótipos ou representantes categoriais da comédia humana. Suas ações vão mapeando os significados do mundo, descobrindo relações e mostrando os sistemas de conhecimento e comunicação.

O discurso jornalístico, que pode ser visto também como o do acontecimento, está em uma disputa permanente por efeitos de realidade (a fim de emitir um caráter de real) e por registros de notabilidade (valores-notícias). Vive num constante paradoxo: no mesmo instante que busca ser objetivo, a fim de legitimar o que diz, precisa articular aspectos de drama e de espetáculo para atrair a atenção dos leitores. É uma narrativa, mas teme assumir esse caráter devido à necessidade de se apresentar como um relator fiel dos fatos em função de sua legitimidade.

Bird e Dardenne (1988, p. 265) enfatizam que “as notícias enquanto abordagem narrativa não negam que as notícias informam”; afinal, o modo de contar, de construir a notícia é sempre subjetivo e parte de mapas culturais (estrutura social) determinados historicamente. Assim, as categorias que demarcam o jornalismo são, social e historicamente, construídas. Benetti, a partir de Traquina (2002), coloca que:

De forma mais ampla, o jornalismo constrói sentidos sobre a realidade, em um processo de contínua e mútua interferência. De forma mais restrita, a notícia é uma construção social que depende basicamente de seis condições de produção ou existência: a realidade, ou os aspectos manifestos dos acontecimentos; os constrangimentos impostos aos jornalistas no sistema organizacional; as narrativas que orientam o que os jornalistas escrevem; as rotinas que determinam o trabalho; os valores-notícia dos jornalistas; as identidades das fontes de informação utilizadas e seus interesses (BENETTI, 2007, p. 110-111).

Portanto, como discurso, os media precisam ser vistos como agentes estruturados e não reprodutores neutros dos acontecimentos. É um discurso resultante

de um processo complexo, relacionado a um conhecimento específico, às regulações institucionais, sociais e históricas e ao uso das formas de linguagem. Mais que informar sobre nomes, números e a ‘exatidão’ dos fatos que, observados e/ou investigados, as notícias – que são fruto do trabalho dos jornalistas - colaboram com a ordenação humana. Fala-se isso porque os relatos noticiosos, assim como qualquer estória, “dotam os acontecimentos do passado de fronteiras artificiais, construindo totalidades significativas a partir de acontecimentos dispersos” (BIRD; DARDENNE, 1988, p. 265).

As mídias (produtoras do discurso informativo) são sempre levadas a tomar determinadas posições sobre o que deve ser informação e sobre qual o enfoque ela deve ser construída. A questão do poder, associado à mídia, pode ser vista como aquela capaz de sistematizar um determinado “ver” e expô-lo na esfera pública. Charaudeau (2006, p. 19) explicita essa ideia: “as mídias não transmitem o que ocorre na realidade social, elas impõem o que constroem no espaço público”. Isso quer dizer que, pelo fato de a informação ser fundamentalmente questão de linguagem (e esta ser subjetiva), qualquer notícia será um retrato deformado do acontecimento real. A relevância da linguagem é destacada por Morigi e Raddatz (2007, p. 105):

A linguagem é o elemento básico que permite fazer circular as representações e os sentidos nos meios de comunicação, os quais influem na construção da realidade ou das representações que se recriam a partir dela. Algumas especificidades da linguagem, como a capacidade de argumentação, aliadas às estratégias de comunicação, tais como a apresentação das idéias e técnicas de jornalismo, são fundamentais para o renascimento de determinadas representações e sentidos.

O discurso proporciona significados que, aliados às produções de sentidos dos receptores das informações (enquanto indivíduos e constituintes da sociedade), geram alguma forma de entendimento dos acontecimentos e possível mobilização social. Esse processo de construção de uma realidade, de um valor simbólico, feito a partir da linguagem, é uma articulação de estratégias discursivas¹⁰ que formatarão um determinado discurso.

¹⁰ Estratégias discursivas são, segundo Eliseo Verón (2004), variações declaradas dentro de um mesmo tipo de discurso ou de um mesmo gênero-P (gênero de produto, tais quais ‘mensal feminista generalista’, ‘revista de divulgação científica’, ‘revista ambiental’, etc.).

No texto de Morigi e Raddatz (2007) são evidenciadas quatro dessas estratégias, utilizadas pelas mídias a fim de manter o fluxo de representações: (1) criar, dia a dia, uma rede de informações e mensagens para a audiência e nela produzir algum tipo de significação; (2) selecionar o conteúdo que é veiculado pelos meios de comunicação; (3) editar as informações, ou seja, atribuir um sentido, uma abordagem àquele conteúdo selecionado; e (4) formatar o material. Por meio de técnicas próprias do campo jornalístico, das circunstâncias de produção da informação (pautadas sempre pelo curto tempo), dos julgamentos feitos pelos jornalistas sobre o que é importante e o que pode ser desprezado, esses profissionais rotinizam a elaboração das notícias e divulgam as representações de um grupo seletivo, rodeado por interesses econômicos, políticos e de ascensão e reconhecimento profissional, moldados por critérios de noticiabilidade, normas editoriais e repertórios de conhecimento pessoais. Tais construções, por circularem cotidianamente e a todo o momento, são assimiladas – umas com mais e outras com menos força – pelos seus receptores, que acabam por entendê-las como resultado de uma realidade.

Pode-se dizer que os significados dados aos objetos, pessoas e eventos, pela estrutura de interpretação, são oriundos das práticas cotidianas, das diferentes formas como eles são representados, seja pelas palavras, narrativas, imagens, emoções associadas, formas de classificação e/ou pela conceituação. A mídia representa o mundo de tal maneira não apenas porque assim o deseja, mas porque há representações sociais que são cristalizadas e passadas por meio da família, da escola, das relações de trabalho e de outros lugares não midiáticos. Como quem determina o que vai ser passado na mídia também faz parte desse conjunto de interações e consulta outras pessoas (as fontes) para concluir as notícias, suas construções discursivas derivam também de vivências pessoais e de uma projeção a respeito daquilo que ele acredita que seu público aceitará ou não como verdade real. Hall (1997, p. 33) acentua que, sob esse olhar, “o leitor é tão importante quanto o escritor na produção de significados”.

No jornalismo, o discurso torna visíveis representações acerca de determinados acontecimentos. Como parte de um campo legitimador, o discurso jornalístico reforça algumas representações e constrói outras, com maior ou menor ênfase. Mariani (1998, p. 66) ressalta a função do jornalismo enquanto espaço de visibilidade:

O discurso jornalístico desempenha um papel importante na produção/circulação de consensos de sentidos. Isto passa

os jornais como um todo – apesar das diferenças existentes em termos de posicionamento político de cada jornal – e organiza uma direção na produção de sentidos políticos. Em outras palavras, consideramos que, na imprensa, o modo de denominar, descrever e narrar os eventos referentes aos partidos comunistas é regulado historicamente, resultado de uma memória institucional vinculada ao dizer jornalístico que ultrapassa a polêmica entre opinião/informação e a construção ou não dos acontecimentos.

O uso de discurso, nestes termos, não é meramente linguístico. Ele é também prático à medida que regula os modos como se pode falar e raciocinar a respeito de tais assuntos. Com isso, o jornalismo, enquanto discurso, não apenas revela representações a partir de um sistema cultural e histórico, mas também rege determinados tipos de leitura e de interpretação.

Podemos afirmar, então, que o discurso jornalístico produz determinados efeitos de sentido, de acordo com as circunstâncias sócio-históricas e o repertório do enunciatário, que geram representações mais ou menos predominantes sobre aquilo que está sendo dito. O tratamento dado ao acontecimento, entretanto, não é, de maneira alguma, uma mentira, uma trapaça, mas, por ser uma tarefa complexa e pressionada por fatores subjetivos, também não pode ser confundido com um retrato do mundo. O jornalismo possui íntima conexão com a realidade; apesar disso, não pode negar que o que fabrica é uma interpretação sustentada por provas e testemunhos de certo momento real. Silva (2006, p. 15) acrescenta:

Em outros termos, o jornalismo deve ser visto como uma forma epistemológica de organizar o mundo. Isso significa que, mesmo partindo de objetos do mundo, os jornalistas constroem lingüística e discursivamente objetos de discurso. Esse processo se desenvolve de forma interacional e dentro do ambiente que os envolve.

O jornalismo é responsável pelo ‘fazer-saber’ das pessoas (ALSINA, 2009). É por meio dessa atividade que as pessoas conhecem os acontecimentos do lugar onde vivem e de todo mundo. Se o público não crer que aquilo que é noticiado é real, não poderá se ‘fazer-saber’. Kovach e Rosenstiel (2004, p. 31) sublinham essa finalidade do jornalismo: “a imprensa nos ajuda a definir nossas comunidades, nos ajuda a criar uma linguagem e conhecimentos comuns com base na realidade”. Por isso o exercício jornalístico só pode ocorrer com eficácia ancorado no real, construído estrategicamente, visando à credibilidade.

Embora a questão discursiva seja fundamental e preponderante, há para além dela outros aspectos típicos e específicos do discurso jornalístico (oriundos das particularidades do campo que o gera). As condições de produção, por exemplo, são fatores que podem interferir (e muito) na organização dos efeitos de sentido. Berger (2003, p. 128) reforça isso quando diz:

Como todo discurso, mas de modo ainda mais evidente, o jornalístico carrega uma tensão entre o texto e o contexto, ou seja, o sujeito jornalista convive em tensão com suas fontes, com a empresa jornalística e com os leitores, confirmando que as condições incluem a produção, a circulação e o reconhecimento e que, estas, formam e moldam o modo de dizer as coisas do mundo. Tais condições acham-se, portanto, não do lado de fora do texto, mas absolutamente inseridas.

O contexto da prática jornalística que está circunscrito neste trabalho, ainda que dissolvido em vários capítulos, é crucial para se entender os discursos ambientais das revistas analisadas. Nenhum discurso é puro ou isento das interferências do seu construir-se. O discurso jornalístico é um trabalho complexo de atrelamento de informações a partir do cruzamento de fontes, das referências pessoais sobre o tema, da estrutura de poder da empresa para a qual se trabalha, da situação econômico-tecnológica disponível, dentre outras circunstâncias. No caso das revistas ambientais, não há diferença: os seus discursos também são afetados pelo contexto das redações.

2. O Jornalismo Especializado em Meio Ambiente

Vivemos hoje uma crise ambiental global¹¹. A sociedade pós-moderna, caracterizada pelas relações fluidas e velozes, pela tecnologia de última geração e consumo rápido, pelo individualismo e busca incessante por progresso (que aqui significa o desenvolvimento baseado na exploração das riquezas naturais), passou por cima da natureza, desprezou sua essência e desrespeitou seus ciclos de vida. Não que tais transtornos tenham surgido agora. As degradações ambientais vêm de anos atrás, porém, em nenhum outro período, se esteve tão consciente do que se estava fazendo, em nenhum outro momento o homem transgrediu tanto o meio ambiente apesar de todos os sinais de desgaste do planeta. O relatório do IPCC (Intergovernmental Panel on Climate), divulgado em 2007, mostra que 11 dos últimos 12 anos (1995-2006) estão entre os mais quentes desde os registros instrumentais da temperatura da superfície global (desde 1850).

O fenômeno da globalização – intimamente relacionado com o capitalismo – está a transformar o mundo de forma muito desigual. Em uma extremidade, há um crescente número de ricos e, na outra, uma quantidade maior de pobres vivendo em estado subumano. Porto-Gonçalves (2006, p. 57) alerta:

A permanecer a lógica capitalista subjacente ao padrão de poder mundial, os riscos ambientais inerentes a esse sistema-mundo moderno-colonial continuarão a colocar a vida do planeta e a cada um em perigo. E isso não somente pelas razões ecológicas tão bem apregoadas, mas, sobretudo, pelo caráter de tensão militar permanente que implica um mundo tão desigual e que, para se manter, exige a apropriação de recursos que estão em todo o mundo para satisfazer não mais que 20% a 25% da população mundial.

¹¹ O relatório Planeta Vivo 2008 (produzido pela WWF-Brasil) revela que consumimos, de forma excessiva, os recursos naturais - que são a base dos serviços ambientais -, e o fazemos mais rapidamente do que eles podem ser repostos. Assim como a ganância imprudente ocasionou a atual crise econômica, o consumo imprudente está exaurindo o capital natural do mundo e coloca em risco nossa prosperidade futura.

A desestruturação do ambiente segue uma lógica cartesiana, que observa o mundo de forma fragmentada, desconsiderando a repercussão das agressões em cada parte do todo. O meio ambiente virou estereótipo, modismo. Ele é evocado para alavancar empreendimentos em um momento em que ‘desenvolvimento sustentável’ promove notoriedade ou para ser posto no lugar de vilão, quando ocorrem as catástrofes e ele é tido como vingador. Nos dois casos, os olhares são distorcidos, visto que a expressão desenvolvimento sustentável é, por si só, contraditória (Como pode haver sustentabilidade aliada ao desenvolvimento/crescimento/aumento do uso de recursos finitos?), e as tragédias ambientais são decorrentes da ignorância e/ou prepotência humana.

A destruição do ambiente é uma realidade pesada. O ambientalista Augusto Carneiro (2003) é crítico e assinala que o empobrecimento do planeta Terra é cada vez maior e, mesmo assim, as pessoas inconscientes continuam a agir com indiferença, ajudando a destruir seu habitat, acelerando sua autodestruição. O relatório do Greenpeace “Mudanças do clima, mudanças de vida – Como o aquecimento global já afeta o Brasil”, publicado em agosto de 2006, traz algumas das implicações e projeções decorrentes desse cenário:

[...] se o atual padrão de consumo e produção for mantido, e países como a China, a Índia e mesmo o Brasil atingirem níveis de crescimento econômico e consumo que se assemelhem aos níveis atuais da Europa e dos Estados Unidos, os recursos naturais se esgotariam. Seria necessário existir dois planetas Terra para dar conta de toda a demanda (WORLD RESOURCES INSTITUTE, 2006). Vários recursos naturais já são explorados acima de seu limite de reposição, como os recursos hídricos, a biodiversidade e os recursos pesqueiros. Aumento da população, mais consumo e aumento no ritmo de produção, baseada na mesma matriz energética atual, significaria ainda uma elevação sem precedentes nas emissões de gases-estufa, o que levaria a modificações drásticas para toda a vida na Terra. (GREENPEACE, 2006, p. 52).

O problema que nos atinge é local, regional, global. As mudanças climáticas nos afetam de formas diferentes, porém atinge a todos. Os ecossistemas desequilibrados perdem sucessivamente sua biodiversidade. A urbanização descontrolada traz problemas ligados à pobreza, à ocupação de áreas inapropriadas, à falta de saneamento básico, poluição das águas, excesso de lixo, concentração de asfalto, inundações,

desmoronamentos, dentre outros. No campo, as questões se centram nos monopólios de cultivos, regados a agrotóxicos e ao manejo inadequado. A economia, a política, a tecnologia, a ecologia e a sociedade estão conectadas. Contudo, nem todas as pessoas notam essas frágeis ligações¹². Faz parte da tarefa dos jornalistas ambientais revelar os pontos ocultos do funcionamento social.

Bond (apud ERBOLATO, 1991, p. 26) declara que “a necessidade de interpretar e explicar as notícias é manifesta”. O nosso dia-a-dia se tornou tão complicado e variado nas suas múltiplas atividades e o acesso à informação é tão grande e também volumoso que, mesmo os especialistas se desorientam em seus próprios campos de conhecimento. Isso sublinha a ideia da importância do jornalismo para a circulação informativa de uma sociedade. Para Kovach e Rosenstiel (2004), os cidadãos necessitam de informações para serem livres e se autogovernarem, ou seja, terem independência.

O trabalho dos jornalistas se torna, dessa forma, imprescindível para possibilitar aos receptores a facilidade de acesso aos conhecimentos ambientais de forma a garantir uma ação cidadã qualificada. No Relatório de Desenvolvimento Humano 2007/2008, há destaque para a função da mídia:

Os *media* têm um papel crucial na informação e na alteração da opinião pública. Para além do seu papel de escrutínio relativamente às ações governamentais e aos decisores políticos, os *media* são a principal fonte de informação para o público em geral no que respeita à ciência das alterações climáticas. Dada a imensa importância da matéria em causa, trata-se de um papel de grande importância e de enorme responsabilidade (Relatório de Desenvolvimento Humano 2007/2008, p. 67).

A cidadania¹³ faz parte do perfil do campo jornalístico, já que a informação pode ser considerada como propriedade do público. Franciscato e Neves (2006, p. 56)

¹² A ideia de ‘interdependência ecológica’ é encontrada no relatório de Desenvolvimento Humano 2007/2008, elaborado pelo Programa das Nações Humanas para o Desenvolvimento. Segundo esse documento (2007, p. 2), “atualmente vivemos num mundo dividido, a vários níveis. Os povos estão afastados por profundos hiatos de riqueza e oportunidades. Em muitas regiões, nacionalismos rivais são fontes de conflito. Demasiadas vezes, as identidades religiosas, culturais e étnicas são tratadas como fonte de cisões e diferenças para com o outro. Face a todas estas distinções, as alterações climáticas recordam-nos vivamente aquilo que todos nós temos em comum: chama-se planeta Terra. Todas as nações e todos os povos partilham a mesma atmosfera. E temos apenas uma.”

¹³ Moretzsohn (2007, p. 106) fala que os princípios que consolidaram o jornalismo de referência remontam ao “projeto iluminista de esclarecer os cidadãos, forjado no contexto das revoluções liberais de fins do século XVIII”. Na mesma obra (“Pensando contra os fatos”), faz uma reflexão crítica sobre

defendem a ideia de que o jornalismo tem como objetivo primeiro aproximar a sociedade da realidade que a cerca, de modo a diminuir fronteiras: “é bom lembrar que a informação é direito inegável ao ser humano e elemento fundamental para a construção de uma nação”.

Portanto, o jornalismo cumpre função social ao situar a informação em um contexto e revelar as mais variadas relações ocultadas pela sociedade capitalista. A investigação jornalística proporciona que o leitor, distante dos órgãos de poder, entenda os mecanismos pelos quais circulam as decisões de interesse comum. A reportagem produzida, de forma democrática, amplia as conexões e a capacidade reflexiva de quem a recebe. Além disso, ao ultrapassar os limites da transmissão de fatos para discutir os aspectos críticos de sua difusão em diferentes meios, o jornalismo assume um papel cultural.

O trabalho bem feito dos jornalistas provoca reflexão e discussão, estimulando transformações na consciência sociopolítico-ambiental de toda sociedade. Quando o assunto é complexo e amplo (como quando se fala em meio ambiente) e há uma crise para ser enfrentada, a responsabilidade é ainda maior. Hernán Sorhuet Gelós (2008) acredita que, por meio da informação, é possível transformar o exercício do poder.

Nesse sentido, o jornalismo seria uma ferramenta indispensável no fazer notícias com qualidade para a promoção de atitudes sociais: “é necessária uma sociedade mais participativa e influente em seu destino. Por essa razão, em todos os âmbitos se reclama mais e melhor participação cidadã¹⁴” (SORHUET GELÓS, 2008, p. 69). A informação é um passo importante para a promoção do agir consciente e exercício da ação política.

O jornalismo já dá atenção aos fatos ambientais¹⁵, entretanto editoriais de política, economia e esportes costumam alavancar maiores equipes de profissionais e despertar maior interesse nos editores. Essa situação é antiga e não é exclusiva da

como o jornalismo pode voltar a cumprir sua missão fundadora em uma sociedade movida pelo espetáculo e viciada no senso comum.

Tradução livre da autora. Citação original: “Se necesita de una sociedad más participativa y influyente en su destino. Por esa razón desde todos los ámbitos se reclama más y mejor participación ciudadana.”

¹⁵ Há cerca de trinta anos, o meio ambiente não participava da agenda de notícias ou aparecia de maneira muito rasa. Porém esse quadro está sendo modificado. No estudo “Mudanças Climáticas na Imprensa Brasileira”, realizado pela Andi (Agência de Notícias dos Direitos da Infância), monitorou 50 jornais diários entre 2005 e 2008 e comprovou o crescimento do espaço dedicado especificamente a problemas como o efeito estufa, fontes de energia, consequências das alterações do clima, estratégias para mitigá-las etc. A pesquisa pode ser acessada em: www.mudancasclimaticas.andi.org.

imprensa brasileira. O sociólogo John Hannigan (1995, p. 85) declara que, nos Estados Unidos, a preocupação com a conservação já existia desde 1880, porém o dogma central do ambientalismo – de que tudo está ligado, conectado –, ainda nos dias de hoje, não está totalmente incorporado à prática jornalística. “Os assuntos abordados nessa época eram específicos e tratados como somente problemas locais”. Segundo este autor, derramamentos de óleo, enchentes, queimadas e demais acidentes ambientais eram noticiados, entretanto sem as devidas considerações e repercussões. A cobertura inicial era pontual e bastava-se com as respostas do tradicional *lead* somado a relatos dos ‘especialistas’.

Durante o final dos anos 1960 e princípios dos anos 1970, a mídia aumentou visivelmente o espaço dado ao meio ambiente. Nesse período, “pela primeira vez, as questões ambientais foram vistas pelos jornalistas na Grã-Bretanha e na América como uma categoria principal de notícias” (HANNIGAN, 1995, p. 85). A mudança de consciência deveu-se, em boa parte, pela visão que se teve da Terra a partir da lua, em 1969. Com a imagem do globo terrestre, até então desconhecida e não-imaginada, o meio ambiente ganhou destaque na esfera pública.

Entretanto, depois desse despertar, a cobertura do tema começou a decair. Até os anos 1980, as notícias ambientais continuam a ser específicas e a ter importância apenas local. Hannigan (1995) avalia que só na década seguinte as histórias sobre o tema ganham um caráter mais global e complexo.

No Brasil, acompanhando os rumos mundiais, o tratamento dos fatos ambientais também demorou a ser considerado. A cobertura ambiental brasileira só teve mais destaque quando eventos ambientalistas de grande porte aconteceram aqui, a exemplo das conferências internacionais Rio 92 e Rio+10¹⁶. Nesse período, ocorreu intenso debate na sociedade sobre temas de interesse do meio ambiente e a mídia mobilizou-se a favor da causa.

Apesar disso, antes dos anos 1990, já havia alguns movimentos e repórteres que buscavam a especialização jornalística na área ambiental. Segundo Roberto Villar

¹⁶ Conhecida mundialmente como RIO 92, a II Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Humano (realizada em 1992 no Rio de Janeiro) teve como principal tema a discussão sobre o desenvolvimento sustentável e sobre como reverter o atual processo de degradação ambiental. Foi a maior reunião de chefes de Estado da história da humanidade, com a presença de cerca de 117 governantes. Já a Rio +10 ou Eco 2002 ocorreu em Johannesburgo, na África do Sul. Seu principal objetivo foi discutir e avaliar os acertos e falhas nas ações relativas ao meio ambiente mundial nos últimos dez anos.

(2009, *online*¹⁷), foi em 1968 que surgiu, na França, a primeira entidade de jornalismo ambiental. Nesse mesmo ano, em terras brasileiras, Randau Marques - primeiro jornalista brasileiro a se especializar em meio ambiente – era preso pela Operação Bandeirantes (centro de informações e torturas do Regime Militar) por ser considerado subversivo.¹⁸

Na mídia internacional, o enfoque pela temática ambiental começou a aparecer, com mais frequência, depois da Conferência da ONU sobre Meio Ambiente, realizada em Estocolmo, em 1972. As descobertas científicas referentes ao buraco na camada de ozônio, nos anos 1980, despertaram nova onda de interesse sobre o meio ambiente. O aquecimento global começa a ser discutido pela imprensa. Aqui, no Brasil, começou-se a dar ênfase, especialmente, aos problemas de queimadas da Floresta Amazônica.

O jornalista ambiental Roberto Villar (2009, *online*), em texto que fala sobre a história do jornalismo ambiental, demarca dois eventos ocorridos em 1989, que auxiliaram na expansão da atividade em nosso país: o seminário "A Imprensa e o Planeta", promovido pela Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão e pela Associação Nacional de Jornais, em São Paulo, e o "Seminário para Jornalistas sobre População e Meio Ambiente", organizado pela Federação Nacional dos Jornalistas, em Brasília. Esses momentos possibilitaram que autoridades no assunto pudessem trazer a questão para os jornalistas brasileiros e deu origem aos núcleos regionais de jornalismo ambiental em São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul.

Tais núcleos tinham a intenção de criar uma entidade nacional de jornalismo ambiental. Com o passar dos anos, somente o Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul (NEJ/RS)¹⁹ conseguiu sobreviver às adversidades. Recentemente, em razão do

¹⁷ Documento eletrônico não paginado.

¹⁸ Randau Marques escreveu reportagens denunciando contaminações, prejuízos ambientais e questionando o uso dos agrotóxicos. Em Porto Alegre, cobriu o caso polêmico do fechamento da fábrica de celulose Borregard, em 1973.

¹⁹ O NEJ/RS nasceu dentro do movimento ambientalista gaúcho, em 22 de junho de 1990. Foi o pioneiro no Brasil. Em 19 anos de atuação no Rio Grande do Sul, já organizou vários cursos de qualificação para jornalistas, seminários e debates com a população, elaborou manual e outros materiais para discutir o papel da imprensa na cobertura do meio ambiente. A partir da experiência do NEJ/RS, outros núcleos brasileiros surgiram, e foi por iniciativa do núcleo gaúcho que se criou a Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental (1998). Mais tarde, em 2000, o NEJ/RS esteve à frente também do surgimento da Rede de Comunicação Ambiental da América Latina e do Caribe (2000). Já recebeu diversos prêmios de reconhecimento público. Atualmente, realiza o programa radiofônico "Sintonia da Terra", mantém a agência de notícias ambientais "EcoAgência" (www.ecoagencia.com.br) e promove mensalmente o evento 'Terça Ecológica', no qual coloca em discussão aspectos polêmicos do meio ambiente.

maior destaque ao meio ambiente e da necessidade de preparar profissionais da comunicação para cobrir de forma qualificada esse tema, núcleos de ecojornalistas e ecomunicadores foram fundados e outros reativados.

Mundialmente, a principal entidade de jornalismo ambiental é a Sociedade de Jornalistas de Meio Ambiente dos Estados Unidos, também criada nos anos 1990. Conforme Villar (2009), essa entidade se dedica a melhorar a qualidade, precisão e importância das reportagens de meio ambiente. A criação de uma rede mundial de jornalistas de meio ambiente foi uma das decisões do “Encontro Internacional de Imprensa, Meio Ambiente e Desenvolvimento”, realizado em 1992, em Belo Horizonte. No entanto, só um ano depois, numa reunião em Dresden, na Alemanha, que foi criada a Federação Internacional de Jornalistas de Meio Ambiente.

Em razão dessas conquistas de espaço e valorização (nacional e internacional), nota-se que houve um crescimento na cobertura dos assuntos ambientais. No entanto, vários momentos de encolhimento, onde o meio ambiente parecia ser desinteressante para todos, perpassam as décadas. Tal desestímulo, apontado no ‘Manual de Comunicação e Meio Ambiente’ por Hamú e Gontijo (2004), pode ser atribuído a crises financeiras e de gestão dos veículos de comunicação, que invariavelmente diminuem os espaços jornalísticos sobre o assunto. Outro fato é a substituição de jornalistas experientes por repórteres iniciantes (e, assim, mais baratos), resultando, em coberturas superficiais e fragmentadas, muitas vezes limitadas a desastres ambientais ou temas polêmicos.

O meio ambiente na mídia brasileira passa por movimentos sazonais, que refletem mais a posição secundária com a qual o tema tem se inserido na agenda de prioridades de governos, empresas e demais segmentos.

A transversalidade do tema, proposta por ambientalistas e incorporada ao discurso do governo, ainda não ganhou corpo: as preocupações ambientais continuam restritas ao Ministério do Meio Ambiente e ao Ibama, enquanto os demais ministérios ligados à produção seguem com sua agenda desenvolvimentista tradicional, nada sustentável. O reflexo disso pode ser observado em algumas redações, que permanecem fiéis à velha visão compartimentalizada de mundo, onde o que importa, em geral, é a política, a economia, o esporte, e o ‘resto’ – nesta categoria - está incluído no tema “meio ambiente” (HAMÚ; GONTIJO, apud BELTRAND, 2004, p. 9).

Na última década, após inúmeros desastres e uma conscientização maior dos jornalistas, empresários e políticos, abriram-se espaços específicos para o tema e surgiram revistas voltadas somente para tratar a temática. Mesmo com os avanços, ainda encontram-se muitas notícias isoladas de contexto e delineadas por causa de eventos (onde são consideradas a presença de celebridades e o simbolismo), de catástrofes ambientais e de acontecimentos jurídicos administrativos (audições parlamentares, alterações de leis ambientais, lançamentos de livros, etc.)²⁰. Além disso, fontes *lattenizadas* (BUENO, 2007), isto é, fontes oriundas do meio científico, permanecem recorrentes nas matérias ambientais. O viés da divulgação científica é forte quando se observa o meio ambiente nos meio de comunicação.

Outro ponto que se repete é o apelo às histórias de interesse humano que sempre despertaram o público. O drama, o desespero, a perda, a dor e a esperança são elementos que sempre fizeram vender jornais e revistas. Portanto, os desastres ambientais acabam por se mostrar uma bela oportunidade para arrecadar mais lucros e aumentar a visibilidade dos veículos. Não restam dúvidas de que esse tipo de cobertura incita o debate público. Vale lembrar que também há outro lado: elas favorecem enquadramentos monocausais, em vez de enquadramentos que envolvem redes causais longas e complexas.

Enquanto a cobertura centrada nos acontecimentos tem a vantagem de aumentar a consciência pública dos tópicos ambientais de outra forma esquecidos, tem igualmente o seu lado negativo. Ao centrar-se em acontecimentos discretos, em vez de nos contextos em que eles ocorrem, os meios de comunicação tendem a dar aos consumidores de notícias a impressão de que os indivíduos ou corporações errantes são responsáveis por esses acontecimentos em vez das políticas institucionais e dos desenvolvimentos sociais (SMITH, 1992; WILKINS e PATTERSON, 1990, apud HANNIGAN, 1995, p. 89).

Nota-se, dessa forma, que a mídia necessita equilibrar os tipos de cobertura sobre meio ambiente. O acesso à informação é um direito fundamental, pois receber informações de boa qualidade permite à sociedade tomar decisões conscientes. Espera-se que os meios de comunicação cumpram sua função buscando a pluralidade de fontes,

²⁰ Classificação encontrada na obra 'Sociologia Ambiental', de John Hannigan.

a variação de enfoques e a problematização nos assuntos que não estão evidentes. O meio ambiente não tem apenas uma causa, uma consequência, um *expert*, um caminho possível.

2.1 Jornalismo Ambiental: Delimitações de uma Especialidade

O jornalismo ambiental do qual se fala aqui é aquele especializado e, acima de tudo, comprometido com a vida. Tal comprometimento, como já explicitarei, é semelhante ao assumido pelo jornalismo cívico (que busca o engajamento da imprensa na sociedade, sem prejuízos para emissores nem receptores). Essas ‘especialidades’ de jornalismo não são novas, partindo de preocupações relacionadas a interesse público, cidadania e democracia que já aconteciam nos anos 1920, com John Dewey, e, nos anos 1940, com a teoria da responsabilidade social do jornalismo defendida pela Comissão Hutchins (TRAQUINA, 2001, p. 183).

O jornalismo ambiental, assim como o cívico, possui uma atenção especial em ajudar a melhorar a vida pública, em promover a ação dos cidadãos em benefício da coletividade. A questão ambiental é global, é pública e também cidadã, por isso se aproxima tanto do jornalismo cívico.

O jornalismo especializado em meio ambiente vai além do conhecimento da temática, trazendo em si os sentidos de coletividade, qualidade de vida e sustentabilidade da vida no planeta. Concordo com a concepção formulada por Víctor Bacchetta:

O jornalismo ambiental considera os efeitos da atividade humana, da ciência e a tecnologia em particular, sobre o planeta e a humanidade. Deve contribuir, portanto, para a difusão de temas complexos e a análise de suas implicações políticas, sociais, culturais e éticas. É um jornalismo que procura desenvolver a capacidade das pessoas para participar e decidir sua forma de vida na terra, para assumir em definitivo sua cidadania planetária (BACCHETTA, 2000, p. 18).²¹

²¹ Tradução livre da autora. Citação original: “El periodismo ambiental considera los efectos de la actividad humana, desde la ciencia y la tecnología en particular, sobre el planeta y la humanidad. Debe contribuir por lo tanto a la difusión de temas complejos y al análisis de sus implicancias

A partir dessa conceituação, percebo que o meio ambiente e o homem estão articulados e são interdependentes. A expressão meio ambiente possui muitas acepções, de acordo com a proposta, intenção e valores de onde é oriunda. Há diversas definições que se confrontam até mesmo em grupos comuns (como biólogos, geógrafos, gestores, políticos). Assim, nesta pesquisa, toma-se a compreensão de meio ambiente assumida por Wilson Bueno (2007, p. 33), por considerar a amplitude e complexidade no qual a temática está envolvida e pela sua afinidade com as intenções do jornalismo ambiental:

Meio ambiente é o complexo de relações, condições e influências que permitem a criação e a sustentação da vida em todas as suas formas. Ele não se limita apenas ao chamado meio físico ou biológico (solo, clima, ar, flora, fauna, recursos hídricos, energia, nutrientes, etc.), mas inclui as interações sociais, a cultura e as expressões/manifestações que garantem a sobrevivência humana (política, economia, etc.).

Tendo em vista o olhar holístico ao qual se propõe o jornalista ambiental e seu entendimento da complexidade que envolve o meio ambiente, é que se pontuam algumas características e ênfases desse jornalismo especializado. O jornalismo ambiental é a tentativa de se explicar as ciências da vida e da Terra por meio de uma linguagem acessível, de fácil compreensão para os leigos, de modo a alertar a sociedade sobre os sinais de desgaste que o meio ambiente nos apresenta. Os jornalistas dessa área têm o intuito de conduzir os seus públicos à ação, contribuindo com a diminuição das agressões ambientais e preservando a qualidade de vida.

Liana John (2001, p. 88) crê que “o papel desempenhado pelos jornalistas ambientais ultrapassa os limites da notícia e penetra no campo incerto da educação”. Assim sendo, mais do que expor os fatos, é necessário explicá-los e relacioná-los com a nossa convivência no meio. John (2001, p. 88) ainda sinaliza o trabalho desse jornalista especializado:

Cabe ao jornalista ambiental explicar novos conceitos, técnicas e tecnologias e descobrir que relações têm elas com

políticas, sociales, culturales y éticas. Es un periodismo que procura desarrollar la capacidad de las personas para participar e decidir sobre su forma de vida en la Tierra, para asumir en definitiva su ciudadanía planetaria”.

a destruição ou preservação dos recursos naturais; com a integridade e funcionamento dos ecossistemas ou do meio ambiente urbano. Também cabe ao jornalista ambiental acolher e investigar denúncias e disseminá-las no meio mais adequado, provocando reações locais ou globais, conforme o caso.

O jornalista ambiental não deve dar aula de ecologia, mas o apelo à espetacularização deve ser minimizado. É possível captar o leitor com boas chamadas, um *lead* atrativo e fotografias interessantes. O que parece não estar havendo é o cuidado com as escolhas das pautas e fontes. Mesmo que o tempo seja curto e haja pressões da empresa, faz parte do trabalho jornalístico avaliar a pertinência da informação. É preciso construir textos jornalísticos interessantes a partir de fatos significativos:

Jornalismo é contar uma história com uma finalidade. A finalidade é fornecer às pessoas informação que precisam para entender o mundo. O primeiro desafio é encontrar a informação que as pessoas precisam para tocar suas vidas. O segundo desafio é tornar essa informação significativa, relevante e envolvente (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 226).

Diante disso, além dos desafios comuns ao exercício do jornalismo, quem cobre meio ambiente (assim como demais assuntos específicos) deve munir-se de conhecimento prévio para não se tornar apenas porta-voz das fontes. Isso exige formação e atualização constantes, uma vez que o campo ambiental é relativamente recente e ainda está em modificação, e muita responsabilidade - visto que a demanda é grande - o tempo escasso e as intenções das fontes nem sempre são as mais altruístas. A missão é difícil, utilizando-se um termo de Liana John (2001): “quixotesca”, mas é diante dessa situação que a ideia de transformar uma sociedade alheia aos seus problemas em outra, provida de cidadania ambiental, norteia os rumos desse jornalismo especializado.

A divulgação das notícias ambientais possibilita novas percepções sobre os impactos sentidos no dia-a-dia de nossas vidas e nos motiva a buscar alternativas para melhorias. “A divulgação da ciência é hoje instrumento necessário para consolidar a democracia e evitar que o conhecimento seja sinônimo de manipulação e poder” - diz Ennio Candotti (2001, p. 5), em menção à importância da veiculação dos acontecimentos da esfera científica (no que pode enquadrar-se a esfera ambiental).

André Trigueiro (2005, p. 292) afirma ainda que “uma das premissas do Jornalismo Ambiental é perceber a realidade que nos cerca de um ângulo mais abrangente, privilegiando a qualidade de vida no planeta e do planeta”. Em outras palavras, a perspectiva do olhar é que diferencia o jornalista especializado em meio ambiente.

No entanto, embora saibamos que notícias relativas ao meio ambiente existem, em volume considerável, por que elas não são divulgadas? Por que não recebem aprofundamento necessário? Outra barreira enfrentada pelos jornalistas dedicados a esse tema é ter visibilidade na mídia. Expor os problemas ambientais implica revelar os responsáveis e, às vezes, tais responsáveis são justamente os que mantêm as empresas jornalísticas (empresários que anunciam nos veículos). Pode-se imaginar que muitas das empresas jornalísticas sofram constrangimentos, ou até impedimentos, quando se trata de discutir a imagem de quem banca os salários dos jornalistas. Trigueiro expõe (2005, p. 295):

É fato que o Jornalismo Ambiental ameaça os interesses das empresas públicas ou privadas que agem na contramão da sustentabilidade. Para essas empresas, uma exposição ruim na mídia pode desencadear uma sucessão de desastres que vão de um ligeiro arranhão na imagem à perda da credibilidade – com eventuais impactos no faturamento e na cotação de ações no mercado de Bolsa.

Apesar de tais empecilhos causados pelo conflito existente entre os interesses privados e o bem coletivo, o jornalismo ambiental persiste no enfrentamento das barreiras que tendem a ocultar os fatos. Possuindo o poder de trabalhar com a multidisciplinaridade²², ele busca levar a possibilidade e o incentivo à mobilização para a sociedade. O jornalismo representa um eixo estrutural fundamental para que se desenvolvam as relações humanas. Giddens (1991) aponta o campo dessa atividade como aquele capaz de promover a reflexividade, oferecendo, para isso, modelos de percepção da realidade social, política e democrática. As práticas sociais seriam, assim, reavaliadas e moldadas conforme as informações que circulassem.

²² A multidisciplinaridade está vinculada ao jornalismo ambiental pelo fato de a questão ecológica ser trabalhada em conjunto com outros temas: a tecnologia, o desenvolvimento, os arranjos de produção, a política de produto, o tipo de nutrição, os estilos de vida, as normas legais, as formas organizacionais e administrativas. Sua capacidade de compilar inúmeras áreas é devido ao fato de sua centralidade ser o início e o motivo de tudo: a vida.

Mais um aspecto importante desse ramo jornalístico é o questionamento do mito da imparcialidade. O jornalista ambiental toma partido em favor da sustentabilidade²³, do uso racional dos recursos naturais e de tudo aquilo que preserve a vida. A vertente ativista dos jornalistas ambientais os diferencia daqueles que vêem o meio ambiente como só mais uma editoria a ser coberta dentro de um veículo. Ser jornalista ambiental não é apenas ser perito nos temas que envolvem o meio ambiente; exige um olhar diferenciado sobre o mundo.

Quando se fala sobre os fatores atualidade e instantaneidade, características pontuais do jornalismo, também se devem fazer ressalvas: a pauta ambiental é complexa, exige investigação de conceitos, problemáticas e conflitos; portanto, não deve ser baseada só no factual. O imediatismo e a corrida pelo ‘furo jornalístico’ limitam as possibilidades da construção de uma matéria contextualizada, deixando-as focadas apenas no evento, geralmente esporádico, ou nas consequências. As causas precisam ser averiguadas. Peter Nelson (1994, p. 41) retrata esse quadro, criticando a má postura de alguns jornalistas autotitulados ambientais:

Os jornalistas especializados em meio ambiente passam uma boa parte do tempo reagindo a acontecimentos que são notícia – o vazamento de um produto químico, uma nova lei, etc. Mas a maior parte do trabalho científico não é polêmica e não tem grande repercussão. Ainda, sim, esse trabalho é importante. Ao noticiar somente acidentes e ‘achados’ isolados, os jornalistas dão a impressão de que as notícias sobre meio ambiente não passam de uma série de acidentes aleatórios e previsões calamitosas. É necessário fazer mais reportagens gerais, que informem os leitores do que está sendo feito na área científica em relação a um determinado problema ambiental.

Os jornalistas especializados na cobertura ambiental devem estar conscientes de que a construção da notícia sobre meio ambiente exige uma dupla responsabilidade, já que, além dos cuidados tidos para revelar o fato de forma plural, objetiva e o mais comprometida possível com a verdade, a informação ambiental afeta de modo certo o presente e o futuro da humanidade. A não fragmentação da realidade deve ser uma regra

²³ Tomar partido e se tornar ativista da causa ambiental significa dizer que o jornalista ambiental tem, além da missão de noticiar, a missão ampla de auxiliar a melhorar o lugar onde vivemos. Tal qual o jornalismo cívico, que busca ser um ‘participante justo’ na construção das notícias, esse posicionamento a favor da sustentabilidade provoca uma série de reservas e controvérsias em relação às demais práticas jornalísticas.

para os profissionais com consciência de cidadania. O jornalista Roberto Villar Belmonte (2004, p. 29) ressalta o compromisso do jornalismo ambiental:

Os jornalistas devem discutir mais todos os problemas ambientais urbanos do ponto de vista das políticas públicas. Não basta descrever a crise gerando pânico e medo. É preciso continuar a pauta, manter no noticiário o debate, indo além do alarme, ajudando a encontrar saídas.

A participação da população na articulação de políticas públicas que se contraponham aos danos gerados pela globalização só se dará mediante o entendimento de quão valioso é seu papel como cidadão na proteção da sua vida e de todo o planeta. Augusto Carneiro (2003, p. 111) lembra a importância de vermos o todo e nos sentirmos parte dele: “temos necessidade de entender o mínimo e pensar seriamente na participação coletiva imediata nas soluções, o que não dispensa a participação individual de todos”.

Na classificação das funções do jornalismo ambiental proposta por Wilson Bueno (2008), há um destacado espaço para a política, no sentido de mobilização da sociedade. As duas outras, a informativa (preenche a necessidade de o leitor estar em dia com os temas atuais) e a pedagógica (explica os motivos e aponta soluções) são também relevantes, mas só chegarão a promover outras atitudes mediante o sucesso da primeira. O sentido de levar a informação ambiental para um público leigo, não especializado, está intrincado na expectativa de futuras mudanças de hábitos e valores. Bueno (2008, p. 110) observa que essa função

incorpora também uma vigilância permanente com respeito à ação dos governantes que, por omissão ou comprometimento com os interesses empresariais ou com grupos privilegiados da sociedade, não elaboram e põem em prática políticas públicas que contribuem efetivamente para reduzir a degradação ambiental.

Diante do exposto, atribui-se um valor ao jornalismo ambiental que vai além do informar de forma responsável, visando à formação do que ficou instituído chamar de opinião pública. A preocupação com o planeta extrapola as intenções do jornalismo. O exercício jornalístico realizado com ética e responsabilidade socioambiental possibilita

outras concepções a respeito do mundo onde vivemos, gerando transformações no cotidiano e nas condições de vida da sociedade.

Mais que ser persistente nas investigações, levar em consideração o cidadão e trazer para o leitor a contextualização de forma clara e compreensível, o que está em jogo no fazer do jornalista ambiental são as lentes pelas quais ele vê o mundo. Para tornar possíveis os pressupostos de construir uma informação ambiental qualificada, a forma de enxergar as articulações da imensa e complexa teia social da qual fazemos parte precisa ser holística²⁴. Os fragmentos devem ser costurados a fim de tornar visível aos leitores os interesses que estão por trás de cada empreendimento, fenômeno, reunião, ato político, etc.

A ideia cartesiana (baseada no dividir para conhecer) separa as notícias por editoria, por veículo, por público, acaba por afetar a compreensão das conexões entre meio ambiente, economia, publicidade, turismo, educação... Morin (2002) avalia que, a partir desse quadro, aprendemos a separar, compartimentar, isolar e não relacionar nossos conhecimentos, tornando-nos seres desligados de nosso planeta, do nosso cosmos. O olhar diferenciado que se propõem os jornalistas ambientais é aquele que une, relaciona, desvenda os nós escondidos pelo emaranhado de burocracia e anseios particulares que cercam o que é de interesse público.

O jornalismo ambiental opta pela visão holística, contrária à mecanicista – que é o ponto de partida para o reducionismo. A observação isolada, desligada de suas causas e consequências, torna os assuntos estereotipados, gerando um senso comum e, às vezes, até uma banalização dos fatos noticiados. O dever do jornalista ambiental é fugir do lugar comum, enxergar as problemáticas cotidianas, levando em conta as implicações para a vida no e do planeta. De acordo com Isabel Carvalho (2008, p. 34),

[...] um bom exercício para renovar nossa visão de mundo é, às vezes, trocar as lentes, para ver as mesmas paisagens com olhos diferentes. Isso significa “desnaturalizar” os modos de ver que tínhamos como óbvios.

O movimento de transformação do olhar está alinhado também à teoria dos sistemas vivos, considerada por Fritjof Capra o arcabouço científico mais adequado para estudar a ecologia. Segundo ele, “embora seja possível distinguir as partes de qualquer

²⁴ A visão holística é baseada na concepção Sistêmica (do grego *systema* = grupo, reunião), que vê o mundo em termos de ligações e relações.

sistema vivo, a natureza do todo é sempre diferente da simples soma das partes” (CAPRA, 2003, p. 21).

Essa forma abarcadora de refletir sobre os acontecimentos é denominada de pensamento sistêmico²⁵ ou, ainda, de pensamento dos sistemas. Sob esse mesmo ponto de vista, a Ecologia Profunda²⁶ é uma proposta caracterizada pela indagação, pela defesa do direito à vida e por reconhecer a “inteligência do universo”. Para Capra (1996), adepto dessa corrente ecológica, todos estão encaixados na Teia da Vida, que é complexa, não-linear e totalmente dependente do outro. O pensamento sistêmico é calcado na premissa de que tudo está interligado, sendo assim um vetor de múltiplas interações.

Nos últimos vinte anos, esse paradigma ganhou impulso com a Teoria da Complexidade, que mostra a interdependência essencial de todos os organismos, de todos os fenômenos. O cuidado redobrado com a contextualização e, portanto, com entendimento do funcionamento do todo revela sua preocupação central.

Permeado por essas diferentes maneiras de ver, o jornalismo ambiental atua contra a compartimentalização do saber, contra o sistema cartesiano que ainda predomina na nossa sociedade. Apesar da evolução do tempo e da ciência, continuamos reproduzindo os modelos ultrapassados que tendem a ver o mundo desconexo, desprovido de vida e afastado de nós.

Precisamos conhecer e apreender as informações que endossam esse outro paradigma. Eis o papel crucial dos jornalistas: proporcionar o acesso ao conhecimento para a mudança, exercer um jornalismo que transforme os modos de perceber e agir no mundo. Belmonte (2004) diz que é dever do repórter tecer uma teia de significados dos assuntos tradicionalmente desconectados da colcha de retalhos do noticiário cotidiano para, desse modo, possibilitar a compreensão pública.

2.2 As Revistas Especializadas em Meio Ambiente

²⁵ Pensamento que coloca em xeque a visão reducionista-mecanicista da ciência moderna.

²⁶ Oposta a essa proposta, a Ecologia Rasa vale-se do princípio antropocêntrico. Mais detalhes no Capítulo 3.

O jornalismo especializado desenvolve estratégias editoriais próprias, fruto de um público mais seletivo e dirigido por uma linha de condução mais rígida, no sentido de ser mais focada. Atualmente, as revistas representam a maior variedade editorial que se apresenta no mercado da imprensa. Goulart (2006) diz que existem milhares de títulos para todos os públicos e gostos, abrangendo um mercado que corre atrás de nichos de público e de publicidade. A questão da segmentação²⁷ nesse tipo de veículo serve para melhor captar a todos e, assim, dentro de cada segmento, transformar o indivíduo em um ser genérico.

Com as mudanças na sociedade, o individualismo e a produção de bens personalizados, abriam-se caminhos mais férteis para a concepção de materiais jornalísticos voltados para tribos específicas. Nesse mercado, o custo de elaboração é relativamente mais baixo do que o de outros veículos, sendo que a grande questão para o editor não é tanto como lançar uma revista, mas como mantê-la viva. Afinal, a competição com outras similares resulta em um meio em que a taxa de mortalidade é altíssima. São poucas as que conseguem manter a periodicidade ou, ainda, persistir nas bancas por um longo período. Mira (2001, p. 11) diz que algumas tendem a se tornar líderes, porém essa é uma posição instável. “Para sobreviver, uma revista tem de acompanhar rapidamente as mudanças do seu público, característica que a torna muito reveladora”, alerta.

É isso que se verifica nas revistas ambientais. Elas surgem em épocas em que o assunto está no auge da discussão pública, mas poucas conseguem resistir às adversidades desse mercado. A dificuldade de dar continuidade à revista, falhando a periodicidade e pecando na repetição de pautas, pode ser decorrente, em grande parte, da falta de verbas publicitárias, já que são poucas as empresas que vêem o público interessado em ecologia como potenciais compradores e identificados com o escopo da publicação.

2.1.1 O Caminho da Segmentação

²⁷ A segmentação é uma estratégia de *marketing* que visa combinar grupos de compradores com o mesmo grupo de necessidades e comportamentos. Já a especialização é parte da segmentação por produzir algo voltado para um público específico, tratando geralmente de um rol de temas bem definidos.

As revistas surgiram, no Brasil, no século XVIII. Scalzo (2003) aponta que a primeira delas surgiu em 1812, na Bahia, com o nome de ‘As Variedades’ e, em 1817, no Rio de Janeiro, ‘O Propagador das Ciências’ já é reconhecida como a primeira revista segmentada.

As revistas entraram em circulação após os jornais, para ajudar na complementação da educação, no aprofundamento de assuntos, na disseminação da segmentação e no serviço utilitário que podem oferecer a seus leitores. Scalzo (2003) afirma que a revista une e funde entretenimento, educação, serviço e interpretação dos acontecimentos. Ela se diferencia por possuir menos informação no sentido clássico (as *hard news* ficam mais a cargo dos jornais diários) e mais informação pessoal (aquela que vai ajudar o leitor em seu cotidiano). Isso não nega o caráter jornalístico do veículo nem a busca pelo ‘furo’. A revista possui outras rotinas produtivas e se articula para trazer a compreensão dos fatos, objetivando informar com qualidade como qualquer outro meio de comunicação. Mesmo assim, a investigação pelo novo e a tentativa de publicar o inédito correm paralelas ao espaço de análise do que já foi divulgado pelo rádio, pela *internet*, televisão e/ou jornal.

A partir de meados dos anos 1980, o processo de segmentação da mídia se acelera de modo geral em todo o país. Para Mira (2001), o veículo ‘revista’, segmentado por definição, tem esse processo ainda mais intensificado e influencia a criação de novas editoras. Com essa mudança, o mercado editorial amplia seus olhares e reparte seus esforços com o propósito de alcançar novos públicos.

A segmentação está ligada ao processo de globalização. O público possui múltiplas identidades que se manifestam de acordo com as condições e situações vividas. O acesso à informação está internacionalizado e a delimitação de um só tema ou grupo de informações que contemplem um único público facilita a vida dos indivíduos cercados pela tirania da aceleração do tempo e da velocidade com que se encontram novas notícias. As publicações segmentadas acabam exercendo um papel de selecionador daquilo que pode interessar, poupando tempo do consumidor de fatos jornalísticos. Conforme Mira (2001, p. 214):

A segmentação é uma estratégia da qual procuram-se atingir novos nichos de mercado. Porém, revela com clareza que as variáveis que recortam os nichos são sociais como, por exemplo, o gênero, a geração ou a questão étnica. Para

tornarem-se segmentos de mercado, evidentemente, eles devem ter potencial de consumo.

Assim, a lógica do mercado absorve os movimentos sociais, culturais e demais grupos potenciais de consumidores de informações específicas, mas os rearticula, os ‘molda’ de acordo com seus interesses mercadológicos. Só haverá nichos de produção editorial, se estes trazerem bons retornos financeiros. Segmentar o mercado é visto como um processo de identificação de interesses e desejos dos leitores. Para tanto, é preciso saber detectar as tendências de comportamento da atualidade com a finalidade de acompanhar os movimentos e necessidades do público-alvo.

Regina Sharf (2004) destaca a tematização como uma das mais conhecidas formas de segmentação e vê, na versatilidade, uma característica que permite a prosperidade desses veículos. A partir de um tema central, a exemplo do meio ambiente, surgem revistas que se pautam essencialmente nas variantes da temática, a fim de contemplar o interesse desses leitores. Deve-se atentar para o fato de que, às vezes, os realizadores não são jornalistas. Ocorrem casos em que são os especialistas ou apaixonados por uma temática que impulsionam o projeto. Nessas situações, acabam sendo assessorados por profissionais do meio jornalístico.

A busca por matérias cada vez mais relacionadas com o assunto presente no dia-a-dia do leitor ou aquelas diretamente vinculadas às suas curiosidades, planos ou preocupações tornou-se uma realidade na delimitação de públicos no mercado jornalístico contemporâneo. Eurípedes Alcântara (apud CALDAS, 2002, p. 156) sublinha essa tendência: “a especialização crescente das publicações não-noticiosas, sua divisão e subdivisão em assuntos cada vez mais específicos é inescapável. Este é um imperativo mercadológico”.

Além do fato de a revista ser o veículo mais segmentado dentre os meios de comunicação, ela possui a mesma vantagem do jornal quanto à questão do suporte. Ambos são impressos, e o que é impresso, historicamente, parece mais verdadeiro do que aquilo que não é. A palavra impressa incute maior veracidade, legitimidade e tem caráter documental e comprobatório. A escrita é o meio mais eficaz para transmitir informações complexas. A profundidade das informações está intimamente relacionada às páginas de revista.

A periodicidade semanal, quinzenal ou mensal possibilita a análise e transmissão de informações mais complexas. O maior tempo de apuração da notícia (de investigação dos fatos) corrobora para uma análise mais complexa e contextualizada daquilo que o jornal noticiou de um dia para o outro. Além de informarem, as revistas entretêm, trazem análise, reflexão, concentração e experiência de leitura. A segmentação traz ainda outra vantagem: possibilita que aqueles que a produzem possam delinear de forma muito próxima para quem estão escrevendo. Nenhum outro meio de comunicação pode melhor definir seus leitores ideais que as revistas segmentadas.

As revistas segmentadas possibilitam aliar fatos comuns que contemplem as expectativas de um grupo de leitores bem definidos, com profundidade e variedade. As revistas especializadas geram uma relação diferente com quem as lê: são colecionadas, relidas e levadas para mostrar aos amigos.

Voltando-se especialmente para as revistas ambientais, é difícil saber como elas surgiram, pois os registros são poucos. Mesmo as que circulam hoje em dia possuem poucas informações sobre quem as produz, quais linhas editoriais seguem, com que propósitos foram criadas. Os primeiros registros encontrados são da década de 1990, quando o meio ambiente aparece nas segmentações ligadas à aventura, ao comportamento (relacionado ao estilo de vida 'verde') e ao turismo ecológico.

As singularidades da produção em revista especializada estão centradas no maior espaço de tempo que se tem para chegar ao resultado (tendo-se, por isso, maior responsabilidade quanto à exposição dos contextos, análise dos acontecimentos e explicações mais complexas), no delineamento mais concreto do público e na definição 'macro' do que a revista abordará nas edições seguintes. A revista é tradicionalmente o espaço das grandes reportagens, e as voltadas para o meio ambiente costumam conter matérias de mais de três páginas, buscando explicitar a visão holística que o tema requer.

A lucratividade também é diferenciada. Mira (2001, p. 161) identifica um pouco da dinâmica que rege uma grande parte das revistas segmentadas:

[...] Trata-se de produções independentes, elaboradas por pequenas editoras, montadas com amigos ou parentes. A equipe de redação é mínima, contando com artigos e matérias de colaboradores também ligados ao meio. Essas publicações, naturalmente, não têm a estabilidade de grandes editoras: elas aparecem tentando captar oportunidades editoriais de acordo com as modas esportivas e desaparecem com elas; mas

quando bem sucedidas (ou seja, se tiverem potencial para chegar perto de 100 mil exemplares), podem ser compradas ou associar-se a uma grande editora [...]. Seu desaparecimento no mercado editorial aponta para a tendência contemporânea de descentralização da produção na mídia em geral, no cinema, na televisão, na indústria fonográfica, permanecendo os grandes conglomerados com as etapas mais lucrativas, ou seja, o *marketing* da distribuição.

Para manter jornalistas nas redações e pagar os custos das rotinas produtivas, necessita-se de dinheiro. As revistas segmentadas em meio ambiente possuem ainda um público restrito, e são poucas as que mantêm assinantes fiéis. Hoje há nas bancas revistas que só se sustentam de venda avulsa e de publicidade. Essa afirmação explica o porquê de algumas revistas ambientais abusarem de capas que estampem catástrofes: aquilo que é assustador e causa receio vende mais que uma capa com um lobo-guará ou um lago bem conservado. Os saldos publicitários também são pequenos ainda, devido às contradições existentes entre os produtores/defensores de uma nova visão sobre o planeta e os investidores, preocupados com a arrecadação de mais consumidores.

Devido a esse impasse, são as Organizações Não Governamentais (ONGs) que contribuem, de forma mais assídua, na manutenção de tais publicações. É claro que esse quadro está se transformando desde a implantação de normas que exigem das empresas cuidados em relação à sustentabilidade de suas ações. Com o cumprimento rígido das leis ambientais e com o desenvolvimento de certificados que valorizem as práticas ambientais corretas no meio empresarial, o termo ‘ecologicamente correta’ passou a dominar os *slogans* de fábricas e prestadoras de serviço. O que antes era ignorado – por não trazer benefícios rentáveis – passou a ser *marketing* ‘verde’. Os incentivos fiscais e as exigências dos consumidores ecologicamente responsáveis firmaram um perfil empresarial mais consciente, ainda que a compreensão do que seja ‘ecológico’ tenda a ser rasa e sofra pressões constantemente em prol de lucros.

É possível notar que as redações das revistas ambientais vendidas em bancas são enxutas, devido à grande quantidade de matérias assinadas por um único repórter ou ao espaço significativo que é cedido às colunas de opinião escritas por biólogos, geógrafos e demais especialistas. A falta de periodicidade, como no caso da ‘Aquecimento Global’, ou o longo tempo que separa uma edição da outra, como acontece com a revista ‘Mãe Terra’, que é bimestral, são pistas dessa situação.

Há de se levar em conta, para a avaliação do contexto da produção ambiental, que a consciência ecológica é historicamente recente e engatinha nas redações jornalísticas. Como já foi dito neste trabalho, é apenas no final dos anos 1970 e início dos anos 1980 que a imprensa brasileira começa a dar destaque para a cobertura ambiental, divulgando denúncias sobre o desmatamento na Amazônia e a contaminação dos solos e água pelo uso de agrotóxicos em decorrência do modelo agrícola implantado.

Foi a Eco-92 que promoveu um *boom* significativo de notícias sobre meio ambiente no Brasil. Mira (2001) conta que, nesse ano, a Editora Azul lançou ‘Os Caminhos da Terra’, revista de turismo, de 100 mil exemplares, dirigida ao viajante interessado em descobrir lugares não frequentados, em explorar a natureza. Essa foi uma das pioneiras e estava baseada no tripé aventura/natureza/ecologia, sendo que o caráter de desbravador das matas era o atrativo principal. Os anunciantes já se enquadravam no pensamento do “*marketing ecológico*” ou “*marketing verde*”, ou seja, empresas que querem criar uma imagem pró-ecológica, apoiando determinadas causas ou mostrando que seus produtos não contribuem para a destruição da natureza. O público-alvo era aquele aventureiro que sonhava em ter uma vida alternativa junto à natureza.

Na mesma época, surgiram publicações editadas por ONGs, como o ‘Jornal do Meio Ambiente’ e o ‘Jornal Terramérica’. Revistas digitais também apareceram – já que a *internet* possibilitou menores custos de produção e veiculação e, assim, os produtos ficaram mais independentes de anunciantes -, como a ‘Água Online’ e a ‘Rede Verde’. Das publicações que atingem um número maior de leitores, podem ser registradas duas: ‘Eco 21’ e ‘Ecologia e Desenvolvimento’.

A ‘Eco 21’²⁸ foi inspirada na Rio-92 e tinha, como linha mestra, a documentação do processo de implementação da Agenda 21 e das convenções, assinadas durante o encontro de cunho ambiental. Primeiramente, teve o nome de ‘ECO-RIO’, mas foi renomeada após o fim da conferência, e demarcou um novo olhar sobre os estudos na área ambiental. O produto foi fruto da associação entre a Tricontinental Editora e Andino Cultural e tinha como objetivo documentar iniciativas de âmbito local, regional,

²⁸ A revista não é encontrada em bancas, mas pode ser assinada pelo *site* www.eco21.com.br.

nacional e internacional, que se encaminham para a implementação dos princípios do desenvolvimento sustentável. Zamberlan (2004, p. 33) assim descreve a revista:

Estruturada em 50 páginas ou encontrada no *site* www.eco21.com.br, a 'Eco 21' adota uma visão crítica da realidade, propondo uma análise dos fatos do ponto de vista do ambientalismo de esquerda. As pautas, que procuram abordar os principais acontecimentos nacionais e internacionais, tratando da implementação da sustentabilidade, são discutidas entre os seis jornalistas da redação de 'Eco 21' e transcritas nos artigos dos colaboradores, que se utilizam das páginas da revista, para veicular as suas idéias e iniciativas. A seqüência na ordem das reportagens prioriza a política ambiental. Em seguida, os grandes eventos ou acontecimentos, reportagens de assuntos específicos, fatos científicos, ecoturismo e cultura são diagramados no padrão de duas colunas e uma falsa ou, no caso das reportagens de opinião, em duas colunas largas.

Para a mesma autora (2004), a eclosão das ideias sobre desenvolvimento sustentável e meio ambiente fez com que a Editora Terceiro Mundo (hoje Terceiro Milênio), nascida em 31 junho de 1980 e com paternidade atribuída ao jornalista e deputado federal Neiva Moreira, lançasse três publicações no mercado com esta ênfase: 'Cadernos do Terceiro Mundo', 'Ecologia e Desenvolvimento' (1991), e 'Revista do Mercosul' (1992). A revista 'Ecologia e Desenvolvimento' foi a que mais teve sucesso das três. De acordo com Zamberlan (2004, p. 31),

As quarenta e oito páginas da revista abordam a temática ambiental por meio de textos, fotografias e ilustrações. Em toda a edição, há uma reportagem de capa, geralmente escrita entre as páginas 14 e 21. Em comemoração à centésima edição da revista, em março de 2002, 'Ecologia e Desenvolvimento' ganhou um número especial, onde o seu histórico foi retomado entre as setenta e duas páginas da publicação de aniversário.

Outras publicações continuaram a ser lançadas no decorrer da década de 1990 até os dias de hoje, no entanto muitas delas estruturadas para circularem em um âmbito restrito e adquiridas somente por meio de assinaturas. O público em geral não tem acesso a esses produtos (afinal, eles não são vistos em bancas), tornando o fluxo de informações desse tema bastante limitado a especialistas.

Ainda que o tema meio ambiente se apresente mais recorrente na mídia desde a Eco-92, percebe-se que as revistas especializadas ainda são poucas e mostram dificuldades em se manter nas bancas. No mercado de revistas, verificamos que o tema

ecológico circula entre os mais variados tipos de publicações: das de economia, às informativas semanais, passando pelas científicas, espiritualistas até chegar às de comportamento. Entretanto, as revistas dedicadas exclusivamente ao assunto costumam possuir tempo restrito de vida. Um exemplo bem próximo é apresentado aqui mesmo: duas das quatro revistas escolhidas como objeto de análise já não existiam na metade do ano de 2009 (elas deixaram de ser publicadas, por motivos financeiros, antes de completarem dois anos de mercado), e uma delas passou a ser veiculada somente pela *internet*.

3. Modos de Ver e Dizer o Meio Ambiente

Nenhum sentido nasce sozinho. Os sentidos também não são imutáveis. Maria Cristina Leandro Ferreira (2001²⁹) expõe que:

O sentido de uma palavra, expressão, proposição não existe em si mesmo, só pode ser constituído em referência às condições de produção de um determinado enunciado, uma vez que muda de acordo com a formação ideológica de quem o (re)produz, bem como de quem o interpreta. O sentido nunca é dado; ele não existe como produto acabado, resultado de uma possível transparência da língua, mas está sempre em curso, é movente e se produz dentro de uma determinação histórico-social, daí a necessidade de se falar em efeitos de sentido.

Assim, os sentidos só tomam forma quando postos em um feixe de relações do qual temos algumas referências. Os discursos ambientais, sendo parte da significação simbólica do cotidiano, também são ancorados em sentidos outros, que podem tender para aspectos biológicos, políticos, culturais, econômicos, etc.

Na grande mídia, geralmente, os modos de se falar e/ou apresentar as questões ambientais são dados em razão de suas fontes de informação ou do enfoque da pauta. Tratando-se de revistas especializadas na temática, entretanto, essa perspectiva de como dar sentido ao meio ambiente ganha todas as páginas e perpassa por várias fontes e enfoques. Mas, para analisar os sentidos que predominam em cada uma das revistas, faz-se necessário primeiro reconhecer os sentidos possíveis dessa expressão.

3.1 Os Contornos da Noção Meio Ambiente

²⁹ A versão do 'Glossário de Termos da AD' utilizada neste trabalho não possui paginação.

Mesmo que seja bastante conhecido, o conceito de meio ambiente ainda não possui clareza para boa parte da população. Com o passar do tempo e o agravamento dos problemas ambientais, tornou-se obrigação ou moda falar de meio ambiente nas escolas, nos meios de comunicação e até nas conversas informais. A incorporação nas políticas empresariais e industriais da questão ambiental também contribui para a popularização dessa noção, ainda que seu intuito seja agregar valor aos produtos e não apenas preocupar-se com algo que, conscientemente falando, deveria já ser praxe. A falta de compreensão do que realmente significa meio ambiente gera discursos diversos e, às vezes, até mesmo antagônicos.

Outro ponto a ser destacado é a maneira afastada do cotidiano do homem com a qual o meio ambiente é frequentemente tratado. Trigueiro (2005) avalia ser grave verificar que existem pessoas que percebem o meio ambiente como algo à parte de si, relacionando-o apenas com a fauna e a flora. Essa distância atrasa a mobilização em prol das questões ambientais. Sob sua perspectiva, “a expansão da consciência ambiental se dá na exata proporção em que percebemos meio ambiente como algo que começa dentro de cada um de nós, alcançando tudo o que nos cerca e as relações que estabelecemos no universo” (TRIGUEIRO, 2005, p. 13).

Para além dos deslizamentos de sentido que ocorrem com o conceito, vale destacar alguns motivos pelos quais isso acontece e continua ocorrendo. Há uma enorme quantidade de vocábulos utilizados como sinônimos de meio ambiente que causam confusão e prejudicam o entendimento. Não é raro encontrarmos ecologia³⁰ como sinônimo de meio ambiente, embora se saiba que o primeiro seja uma ciência que estuda aspectos do nosso ambiente. Há outros que interpretam o meio ambiente como ecossistema, porém o segundo termo vai além: incorpora os elementos antrópicos e tecnológicos. O ecossistema natural é, na concepção de Branco (1999), inteiramente homeostático e inteiramente deliberado. Ao contrário, o homem é totalmente dependente da natureza (por exemplo, não consegue sintetizar seu próprio alimento e depende das plantas para obter renovação do ar que respira). Assim, “o homem é

³⁰ Segundo Urban (2002), ecologia é a ciência que estuda as interações dos seres vivos entre si e com o ambiente onde vivem (do grego *oikos*: casa). Como ciência individualizada, é muito nova: a designação foi criada em 1876, pelo naturalista alemão Ernst Haeckel; ecólogo é quem estuda ecologia; ecologista ou ambientalista é quem milita em defesa do ambiente; a expressão ‘defesa da ecologia’ deve ser evitada porque tem sentido pouco exato: equivale a dizer, por exemplo, ‘defesa da matemática’.

obrigado a ter cuidado no sentido de não interferir no automatismo desse sistema autônomo, componente de seu próprio meio ambiente” (BRANCO, 1999, p. 101).

A simplificação dessa noção também ocorre quando ela é posta como natureza. Embora encontremos vários significados para o vocábulo, a ideia de paisagem natural é aquela mais consagrada pelos livros e filmes. Outra questão está na própria palavra. O conceito de natureza não é natural (e sim construído culturalmente pelas sociedades). No entanto, é comum notarmos, entre os que falam da problemática ambiental, citarem exemplos de comunidades outras que possuem relações harmônicas com a natureza (como os indígenas). Porto-Gonçalves (2005, p. 23) assevera:

Toda sociedade, toda cultura cria, inventa, institui uma determinada idéia do que seja a natureza. Nesse sentido, o conceito de natureza não é natural, sendo na verdade criado e instituído pelos homens. Constitui um dos pilares através do qual os homens erguem as suas relações sociais, sua produção material e espiritual, enfim, a sua cultura.

Na pesquisa desenvolvida por Samyra Crespo: ‘O que o brasileiro pensa sobre ecologia’, é ratificado o desconhecimento do todo, o recorte fragmentado que os cidadãos guardam sobre o meio ambiente. Nesta investigação, ficou claro que o nível de escolaridade possui ligação direta com a forma de se ver o meio ambiente e que a televisão é uma potente ferramenta de difusão das informações ambientais (90% dos entrevistados a citaram), o que sinaliza que o jornalismo ambiental possui uma responsabilidade imensa, ainda mais quando os conhecimentos escolares estão ausentes ou falham.

Os dados da pesquisa impressionam: em 1997, um quarto da população brasileira não era capaz de reconhecer um problema ambiental no lugar onde mora. Além disso, Crespo (2003) afirma que a pesquisa preocupa porque predomina uma visão natural do meio ambiente, onde os elementos verdes e animais constituem o todo de uma percepção. Porém, na análise da evolução ocorrida nos anos 1990, a autora é confiante, dizendo que a consciência ambiental vem ganhando espaço no país.

Na tentativa de esclarecer a abrangência e multiplicidade de fatores que imbricam tal expressão, fizemos uma revisão bibliográfica acerca do que os estudiosos nesse campo (jornalistas ambientais, biólogos, ecólogos) definem como meio ambiente. Mesmo que sejam definições ligeiramente diferenciadas, elas possuem uma essência

comum: a correlação pareada entre o ambiente natural e o ser humano. Um primeiro olhar é apresentado por Urban (2002, p. 57) quando coloca que o termo se refere a um

[...] conjunto de condições, leis, influências e interações de ordem física, química e biológica que permite, que abriga e rege a vida em todas as suas formas; tudo o que cerca o ser vivo, que o influencia e que é indispensável à sua sustentação, incluindo solo, clima, recursos hídricos, ar, nutrientes e outros organismos; o meio ambiente não é constituído apenas do meio físico e biológico, mas também do meio sociocultural e sua relação com os modelos de desenvolvimento adotados pelo homem; meio ambiente natural é meio ambiente físico, constituído pelo solo, água, ar atmosférico, flora e fauna e de toda matéria e energia que regem a natureza, regido pela homeostase, fenômeno do equilíbrio dinâmico entre os seres vivos e meio em que vivem; o meio ambiente natural é composto, dentre outros, pelos recursos ambientais orgânicos – biodiversidade, flora, fauna e microorganismos – e recursos inorgânicos – ar, água, minerais, solo e sol.

No ‘Ecoguia’ (2008), é exposto que, com o passar dos tempos, o sentido da expressão meio ambiente evoluiu: primeiro era tido como o próprio ambiente, onde as pessoas viviam (incluindo elementos naturais e artificiais); depois adicionou as relações entre as pessoas e os demais ecossistemas do planeta; e, finalmente, começou a levar em conta os fatores sociais suscetíveis a ter efeitos sobre os seres vivos e a atividade humana. Nessa publicação, ainda enfatiza-se a diferença entre meio ambiente e ecologia: “Por seu caráter multidimensional e sua relação com o ser humano, o meio ambiente é uma noção muito mais ampla que a ecologia, que se dedica às relações entre todos os seres vivos (entre eles as pessoas) e seu ambiente” (ECOGUIA, 2008, p. 153-154).

O ‘Guia do Meio Ambiente’ (1992) confirma essas informações, aprofundando quando se deu a mudança crucial do significado desse conceito com a inclusão da esfera social.

Os seres vivos, em geral, não subsistem sem uma série de condições e substâncias que proporcionam sua sobrevivência e seu desenvolvimento. Tudo que cerca o ser vivo, que o influencia e que é indispensável à sua sustentação constitui o meio ambiente. Estas condições incluem o solo, o clima, os recursos hídricos, o ar, os nutrientes e os outros organismos. Em 1975, na Conferência Internacional sobre Educação Ambiental em Tbilísi, Geórgia, o meio ambiente foi definido não só como meio físico e biológico, mas também como meio sócio-cultural e sua relação com os modelos de

desenvolvimento adotados pelo homem (ROCHA, 1992, p. 84-85).

Marcos Reigota, em sua obra 'Meio ambiente e representação social', discute o que significa de fato o conceito 'meio ambiente', trazendo exemplos de definições de meio ambiente por vários pesquisadores de áreas diferentes – para mostrar que não há consenso nem mesmo no campo científico sobre meio ambiente. Este autor (2007, p. 14) chega a dizer que, “por seu caráter difuso e variado, considero então a noção de meio ambiente uma representação social”. Seu entendimento é o que segue:

[...] o lugar determinado ou percebido, onde os elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em interação. Essas relações implicam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e sociais de transformação do meio natural e construído (REIGOTA, 2007, p. 14).

Se há provas de que nem entre os pesquisadores da área se consegue construir um consenso sobre a ideia de meio ambiente, como os jornalistas e demais comunicadores irão fazê-lo? A expressão 'meio ambiente' costuma ter acepções distintas de pessoa para pessoa, porém o que é importante neste trabalho é conhecer as definições de onde partem os jornalistas que pretendem se dedicar ao tema ambiental.

O entendimento mais amplo do que seja meio ambiente revela um universo onde tudo está conectado: cada pequena parte integra o todo, e o conhecimento não é estanque. “A percepção dessa visão ambiental mais abrangente nos insere num movimento virtuoso de construção da cidadania no seu sentido superlativo: a cidadania ecológica planetária, tão necessária e bem-vinda no século 21” (TRIGUEIRO, 2005, p. 17). É esse olhar - de onde partem os jornalistas ambientais - que se busca nas revistas que se dizem especializadas. Espera-se que a compreensão e os questionamentos sobre as questões ambientais movam o jornalismo ambiental de veículos focados exclusivamente no meio ambiente, ressaltado aqui mais uma vez:

Meio ambiente é tudo o que tem a ver com nossa vida, tudo o que nos cerca e nos influencia. É o conjunto de fatores naturais, sociais e culturais que nos envolve e com os quais interagimos. Nosso corpo e tudo o que a ele se refere – alimentação, estresse, saúde, bebidas, drogas, exercícios, etc. –, nossa casa, nossa família, nosso local de trabalho... Como é nosso meio ambiente? Esse que está ao nosso redor, diretamente ao nosso redor, com o qual lidamos diariamente?

O que fazemos com nosso meio ambiente? O que fazemos pra melhorá-lo ou não? O que fazemos que o transforma em um local cada vez pior? (DIB-FERREIRA, 2008, p. 9).

Para encerrar esta primeira parte, retomo a origem do termo meio ambiente. André Trigueiro (2005, p. 75) é quem explica a reunião de dois substantivos redundantes: meio (do latim *mediu*) significa tudo aquilo que nos cerca, um espaço onde nós também estamos inseridos; e ambiente, palavra composta por dois vocábulos latinos: a preposição *amb(o)* (ao redor, à volta) e o verbo *ire* (ir). Dessa forma, ambiente é tudo o que vai à volta. Contudo, dizer que meio ambiente é ‘tudo’ simplifica demais a questão. É necessário interligar as relações político-sociais e econômicas, aproximar o homem e compreender as complexidades dos sistemas que nos cercam.

3.2 Visões sobre o Meio Ambiente

São muitas as possibilidades de se enxergar o mundo, e cada uma delas é responsável por determinados discursos. Os discursos não nascem sozinhos; eles são oriundos de um momento sócio-histórico e de uma certa ideologia que assujeita o sujeito. De acordo com a Análise do Discurso, os indivíduos são interpelados por ideologias, o que as tornam sujeitos de seus discursos.

Para a realização deste trabalho, detive-me nos olhares mais difundidos nos estudos sobre ecologia e meio ambiente. Deixo claro que existem outras formas de relacionar a questão ambiental que não seja diretamente vinculada com a relação homem-natureza e a forma de apropriação dos bens naturais, mas as escolhas aqui expostas já são fruto das primeiras observações (análise preliminar) feitas nas revistas do *corpus*.

3.2.1 Ecologia Rasa e Profunda

A ideia de meio ambiente muitas vezes é associada às categorias de Ecologia Rasa e Ecologia Profunda. Tais nomeações têm a ver com a relação homem-natureza, revelando a superioridade ou a igualdade do homem (raça humana) em relação ao ambiente natural ou à natureza. Sabe-se que há outras classificações e delimitações semelhantes, pois existem muitas correntes que estudam a ecologia, porém centro-me nesta, por ela ter mais amplo conhecimento em função da difusão efetuada pelas obras de Fritjof Capra.

Foi o filósofo Arne Naess quem cunhou a expressão Ecologia Profunda, em 1972, a fim de designar a equivalência entre os seres humanos e as outras espécies integradas em ecossistemas em funcionamento. Diegues (2001, p. 44) traz em seu livro que essa linha de pensamento surgiu “com a intenção de ir além do simples nível factual da ecologia como ciência para um nível mais profundo de consciência ecológica”.

A não igualdade ou superioridade dos homens diante do restante da natureza ficou conhecida como Ecologia Rasa. O físico austríaco Fritjof Capra foi um importante divulgador dessas concepções, alertando para a necessidade de a humanidade desenvolver um olhar mais holístico³¹ do planeta e voltando-se, assim, para a Ecologia Profunda.

Para Capra (1996, p. 26):

A ecologia rasa é antropocêntrica, ou centralizada no ser humano. Ela vê os seres humanos como situados acima ou fora da natureza, como a fonte de todos os valores, e atribui apenas um valor instrumental, ou de "uso", à natureza. A ecologia profunda não separa seres humanos - ou qualquer outra coisa - do meio ambiente natural. Ela vê o mundo não como uma coleção de objetos isolados, mas como uma rede de fenômenos que estão fundamentalmente interconectados e são interdependentes. A ecologia profunda reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos e concebe os seres humanos apenas como um fio particular na teia da vida.

³¹ Capra (1996, p. 25), ao falar do novo paradigma ecológico baseado na Ecologia Profunda, atenta para a ligeira diferença dos termos ‘holístico’ e ‘ecológico’: “Uma visão holística, digamos, de uma bicicleta significa ver a bicicleta como um todo funcional e compreender, em conformidade com isso, as interdependências das suas partes. Uma visão ecológica da bicicleta inclui isso, mas acrescenta-lhe a percepção de como a bicicleta está encaixada no seu ambiente natural e social - de onde vêm as matérias-primas que entram nela, como foi fabricada, como seu uso afeta o meio ambiente natural e a comunidade pela qual ela é usada, e assim por diante. Essa distinção entre "holístico" e "ecológico" é ainda mais importante quando falamos sobre sistemas vivos, para os quais as conexões com o meio ambiente são muito mais vitais”.

Assim, uma concepção é oposta à outra. Enquanto a Ecologia Profunda é o ponto central de um novo paradigma voltado para a atenção das conexões que temos com o cosmos e com os demais seres vivos, a Rasa vê o homem como o eixo que tudo controla e explora em prol de si, sem a preocupação do todo.

As bases do jornalismo ambiental assentam-se sobre as bases da Ecologia Profunda, já que esta questiona o modo de vida moderna, voltado essencialmente para o crescimento e o lucro, em detrimento da qualidade de vida no planeta. O jornalismo ambiental tenta mostrar as relações existentes entre os elementos sociais, ambientais, políticos e econômicos, a partir da exposição dos funcionamentos da teia da vida da qual todos somos parte.

A Ecologia Rasa e a Profunda coincidem com as perspectivas do antropocentrismo e do biocentrismo, respectivamente. Com isso, a primeira defende a responsabilidade dos seres humanos com a natureza, enquanto a segunda assume certos deveres diante da natureza. Junges (2004, p. 23) explica o que norteia os biocêntricos:

[...] a natureza é titular de direitos. Os biocêntricos referem-se a deveres diretos e não apenas indiretos para com o meio ambiente, são críticos das posições antropocêntricas, postulando um valor intrínseco para a natureza e rejeitando uma diferença de tratamento entre seres humanos e não-humanos.

Apesar de essas correntes de pensamento serem reconhecidas no movimento ecológico e terem vários adeptos, muitas críticas são tecidas a respeito da Ecologia Profunda, especialmente pela tentativa de se negar o antropocentrismo. Diegues (2001), em sua obra 'O Mito da Natureza Intocada', fala que a Ecologia Profunda sofreu severas críticas dos ecologistas sociais:

Porrit e Winner (1988) afirmam ser inócuo pedir ao ser humano que "pense como uma montanha", como pretendem esses últimos. O homem somente raciocina como ser humano, por mais solidário que seja em relação ao mundo natural, e por mais que evite ser antropocêntrico. Bookchin, adepto da ecologia social, vai ainda mais longe, afirmando que a posição dos ecologistas profundos é neomalthusiana, pois ignora o fato de que os problemas ecológicos de hoje têm raízes nas questões sociais. E ainda, alerta para o perigo do "ecofascismo" embutido em algumas proposições dessa escola (DIEGUES, 2004, p. 44-45).

Dessa maneira, essa perspectiva possui uma contradição sob um primeiro olhar: embora considere o homem apenas mais um fio da teia da vida, é ele o único que pode pensar na interdependência dos seres e também o único que pode ‘reger’ esse equilíbrio. No entanto, não há outra forma mais próxima de integração ao meio ambiente. A Ecologia Profunda traz à tona um novo paradigma, onde uma consciência planetária emerge. O fato de conceber o mundo como um todo e não como uma coleção de partes dissociadas modifica a forma de ver o cotidiano. “A percepção ecológica profunda reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos, e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedades, estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza”, sublinha Fritjof Capra (1996, p. 25).

A inclusão da percepção espiritual ou religiosa reforça a quebra de paradigma apontada por Capra.

Quando a concepção de espírito humano é entendida como o modo de consciência no qual o indivíduo tem uma sensação de pertinência, de conexão, com o cosmos como um todo, torna-se claro que a percepção ecológica é espiritual na sua essência mais profunda. Não é, pois, de se surpreender o fato de que a nova visão emergente da realidade baseada na percepção ecológica profunda é consistente com a chamada filosofia perene das tradições espirituais, quer falemos a respeito da espiritualidade dos místicos cristãos, da dos budistas, ou da filosofia e cosmologia subjacentes às tradições nativas norte-americanas (CAPRA, 1996, p. 26).

Frente a esse pensamento, os valores éticos, filosóficos e culturais precisam estar em consonância com o bem comum de todo o planeta. O meio ambiente interage com todos os aspectos da vida, e é necessário que haja consciência dessa interdependência.

3.2.2 Correntes Ecosocial e Ecotecnocrática

Além dos olhares de Naess e Capra, apresento a classificação feita por Caporal e Costabeber (2001, *online*), no artigo ‘Agroecologia e Sustentabilidade’³², em que os autores delimitam os discursos de ordem culturalista e social³³ dos voltados para o

³² Documento eletrônico não paginado.

³³ O enfoque culturalista, segundo Caporal e Costabeber (2001), é aquele que se “opõe à corrente liberal, criticando a cultura ocidental, a ciência e a tecnologia moderna, consideradas como causadoras da

progresso a qualquer custo. Aqui, o que é discutido e destacado não é apenas a inserção do homem na natureza como parte dela, mas também a perspectiva de interesses: o que leva ao bem-estar social ou ao bem-estar de grandes corporações mercantis.

Elucidam os autores:

A corrente ecotecnocrática, construída nos marcos da Teoria do Equilíbrio, "nasce do coração da modernidade ocidental" (ESCOBAR, 1995)³⁴ e se difunde a partir do Relatório Brundtland (CMMAD, 1992)³⁵. Afirmando a necessidade de um crescimento econômico continuado, tenta equacionar a relação sociedade ambiente e os limites do crescimento mediante um otimismo tecnológico, artifícios econômicos e mecanismos de mercado.

Com base nisso, constatamos que a corrente ecotecnocrática tem por objetivo aumentar o poder econômico das nações, tendo a natureza como principal matéria-prima (como sempre foi). Seu argumento em benefício do meio ambiente é estruturado sobre a eficiência da tecnologia: os avanços tecnológicos darão conta posteriormente do que se precisa sacrificar hoje. O discurso do liberalismo econômico ecológico é conveniente para grande parcela das empresas que comandam a economia atualmente. Persiste a crença de que o futuro trará alguma solução para sanar o modo de pensar e fazer que gera dinheiro fácil às custas da exploração ambiental.

Em contrapartida, Caporal e Costabeber (2001) trazem outra corrente: a ecossocial. Esta supõe o pluralismo tecnológico, respeitando as condições do ecossistema local, as necessidades e decisões dos atores envolvidos, ressaltando que o mercado é imperfeito e incapaz de resolver todos os problemas (SACHS, 1986). A tecnologia não pode reverter a destruição da vida.

Essas duas formas de ver a complexa teia que compõe a noção de meio ambiente revelam um olhar voltado para a questão da sustentabilidade, seja ela um dever do homem ou uma necessidade que se desenvolverá no futuro tecnológico de uma

atual crise (SACHS, 1996). Enfatizando "a cultura como instância fundamental de nossa relação com a natureza", critica as tentativas de subordinar a natureza por meio do chamado *esverdeamento* da economia (O'Connor, 1994). A natureza é percebida como fonte de vida não somente material mas também espiritual, existindo uma continuidade indivisível entre os mundos humano, material e espiritual (ESCOBAR, 1995)." O social propõe um câmbio no sistema dominante, em favor de estratégias descentralizadas, compatíveis com as condições ecológicas e capazes de incorporar as identidades étnicas e valores culturais.

³⁴ ESCOBAR, A. El desarrollo sostenible: diálogo de discursos. **Ecología Política**. Barcelona: Icaria, n. 9, p. 7-25, jun. 1995.

³⁵ COMISIÓN MUNDIAL DEL MEDIO AMBIENTE Y DEL DESARROLLO. Nuestro futuro común. Madrid: Alianza Editorial, 1992.

sociedade mercantil que prioriza o crescimento econômico. Também aqui, como no caso das Ecologias Rasa e Profunda, o meio ambiente recebe duas possibilidades de olhar: uma associada aos preceitos de evolução do sistema capitalista, vendo a tecnologia como salvação, e outra centrada mais na qualidade de vida e nas interações socioculturais entre homem e natureza.

3.2.3 Perspectiva Naturalista

Uma terceira forma de se observar o meio ambiente é deslocada da relação com o homem. Essa é uma visão antiga, mas que deixa vestígios nos discursos ambientais até hoje.

Diegues (2001) afirma que, na Europa, até o século XVIII, os homens cultuavam a natureza domesticada (tanto que a entrega de gado a índios nas colônias ‘descobertas’ era um símbolo de civilidade). Desse modo, os campos cultivados eram os únicos que possuíam valor, e o homem se considerava o rei das criações, portanto superior ao restante dos seres e ao ambiente. Também alguns indivíduos tidos como não civilizados (pobres, mulheres, aleijados, etc.) eram vistos como animais e, por isso, marginalizados.

A idéia de civilidade e cultura era então construída como o pólo oposto da esfera associada à natureza, ao selvagem, à barbárie, à desrazão e à ignorância. A civilização estava relacionada a valores ilustrados como cultivo, polimento, aperfeiçoamento, progresso, razão. E esse era um processo que se aplicava tanto aos costumes sociais quanto ao próprio cultivo de uma subjetividade individual (CARVALHO, 2003, *online*³⁶).

A natureza, para aquela época, era classificada conforme poderia suprir as necessidades da população humana. A visão antropocêntrica dominava todo o ambiente. Carvalho (2003) fala que, a partir do século XVIII, surgem novos olhares para a natureza, que valorizam o selvagem e o rústico como reservas de integridade biológica, estética e moral. A autora explica:

³⁶ Versão do texto não paginada.

Esta mudança deve ser compreendida no contexto do século XVIII, com o advento da Revolução Industrial na Inglaterra que impulsionaria a virada para um mundo definitivamente urbano e industrial. Era notória a deterioração do ambiente urbano com a poluição do ar, disseminação de doenças, péssimas condições de vida dos operários. [...] A insatisfação com as condições efetivas de vida oferecidas pelo projeto civilizatório urbano industrial parece ter sido crucial na geração de um forte sentimento anti-social que fez oscilar o pêndulo dos valores relativos à natureza. Esse deslocamento vai possibilitar o nascimento do que Thomas (1989) chama de "*novas sensibilidades*" e que se traduzem na atração pela natureza e na valorização do selvagem e do inculto.

O mundo selvagem (florestas, animais não domesticados, pântanos, montanhas) começou a ser valorizado somente a partir do início do século XIX, em função, grande parte, do avanço da História Natural (do interesse que os naturalistas tinham por áreas selvagens não transformadas pelo homem). Mais tarde, após a industrialização e o crescimento das cidades, foram os poetas e escritores românticos que restauraram o que restava de "natureza selvagem" na Europa, transformando-o em "lugar da descoberta da alma humana, do imaginário do paraíso perdido, da inocência infantil, do refúgio e da intimidade, da beleza e do sublime" (DIEGUES, 2001, p. 24).

Essa compreensão, difundida por um movimento literário, contribuiu para consolidar a ideia de meio ambiente vinculado especialmente à beleza e ao valor estético, a um espaço de contemplação que conduz o ser humano à meditação das maravilhas da natureza intocada. Pelo mesmo viés, os preservacionistas buscam proteger o meio ambiente de forma a mantê-lo intacto da ação humana. Essa corrente pode ser descrita também como a reverência à natureza, no sentido da apreciação estética e espiritual da vida selvagem.

3.2 As Três Correntes do Ecologismo de Alier

Ratificando as classificações feitas no item anterior (Ecologia Rasa e Profunda, Corrente Ecosocial e Ecotecnocrática e Visão Naturalista), encontro respaldo também na classificação feita por Joan Martínez Alier na obra 'Ecologismo dos Pobres'. A descoberta dessa sistematização deu-se após a estruturação elaborada por mim (a partir da análise preliminar do *corpus* e da pesquisa bibliográfica do campo ambiental) dos

diferentes modos de ver e pensar o meio ambiente, e é incluída aqui por confirmar e reforçar a delimitação de perspectivas.

Alier³⁷ é reconhecido internacionalmente por seus estudos em economia ecológica e ecologia política e, em seus estudos, conclui que o ambientalismo pode ser dividido em três correntes principais: ‘o culto ao silvestre’, ‘o evangelho da ecoeficiência’ e ‘o ecologismo dos pobres’. É possível encontrar fortes semelhanças na divisão proposta por esse autor com a que construí a partir de variadas fontes de pesquisa. Abaixo, a síntese das correntes de Alier:

- 1) O culto ao silvestre – Segundo Alier (2007), é a corrente mais antiga (é representada há mais de 100 anos por John Muir e pelo Sierra Club dos Estados Unidos) e diz respeito à defesa da natureza intocada, não atacando o crescimento econômico, o que é posto em discussão e é uma “ação de retaguarda”, buscando preservar e manter o que resta da natureza original situada fora da influência do mercado. É caracterizado pelo amor às belas paisagens, sem relacioná-los aos interesses materiais, e respaldado cientificamente pela biologia conservacionista.

- 2) O evangelho da ecoeficiência – Preocupa-se com os efeitos do crescimento econômico, não só nas áreas de natureza original como também na economia industrial, agrícola e urbana. “Sua atenção está direcionada para os impactos ambientais ou riscos à saúde decorrentes das atividades industriais, da urbanização e também da agricultura moderna” (ALIER, 2001, p. 26). Muitas vezes defende o crescimento econômico, ainda que não a qualquer custo, e vê o meio ambiente como ‘recursos naturais’, ‘capital natural’ ou ‘serviços ambientais’. É sustentada pela economia e pela tecnologia, sendo reconhecida como modernização ecológica.

³⁷ É considerado um dos mais destacados economistas ecológicos do mundo. É professor do Departamento de Economia da Universidade Autônoma de Barcelona. Membro do Comitê Científico da Agência Européia de Meio ambiente e presidente da Sociedade Internacional de Economia Ecológica, é diretor da revista ‘Ecología Política’. Autor dos livros ‘La economía y la ecología’ (1991), ‘Economía ecológica y política ambiental’ e ‘De la economía al ecologismo popular’ (2004).

- 3) Ecologismo dos pobres³⁸ - Refere-se aos movimentos do Terceiro Mundo que lutam contra os impactos ambientais que ameaçam os pobres (incluem ações de base camponesa, pescadores artesanais, movimentos contrários à monocultura, etc.). Recebeu apoio da agroecologia, etnoecologia, da ecologia política e da sociologia ambiental. Nasceu no início dos anos 1980, em razão de conflitos ambientais em nível local, regional, nacional e global causados pelo crescimento econômico e pela desigualdade social.

A classificação de Alier (2007) sublinha as três formas de pensar o ecologismo, mais reconhecidas nos estudos sobre meio ambiente e ecologia, revelando suas distinções, mas alertando que, em muitos casos, as correntes convivem simultaneamente, entrecruzando-se. A separação por linhas, correntes e/ou categorias é benéfica e, às vezes, obrigatória para o desenrolar de uma pesquisa. Convém ressaltar que, na prática discursiva do dia-a-dia, essas delimitações são tênues e difíceis (porque os sentidos não são estáveis).

A concepção do ‘culto ao silvestre’ reflete a sacralidade da natureza e é coincidente com a definição proposta na visão naturalista. Já o ‘evangelho da ecoeficiência’ estabelece conexão com a corrente Ecotecnocrática proposta por Caporal e Costabeber (2001), em que o meio ambiente é visto pelo viés do sucesso empresarial e a tecnologia possui o poder de remediar, no futuro, os males de hoje. A perspectiva da Ecologia Rasa, que é antropocêntrica, complementa este interesse do homem em gerar riquezas à custa de outras formas de vida. Por fim, o ‘ecologismo dos pobres’, ainda que motivado pelo sofrimento, atenta para o equilíbrio entre homem e natureza (a igualdade encontrada na Ecologia Profunda) e para a construção de uma sociedade mais justa, que tenha bem-estar para a maioria (e não apenas os mais ricos que constituem a minoria da população).

Dessa maneira, percebe-se que, ainda que existam denominações diversas para delinear as formas de dizer e pensar sobre meio ambiente, essas três concepções estão cristalizadas nas pesquisas da área ambiental e nos discursos que permeiam nosso círculo social. Algumas possuem mais ênfase em determinados locais e momentos, porém elas convivem em espaço de tensão permanente.

³⁸ Alier (2007) diz que tal corrente pode ser denominada também de ecologismo popular, movimento da justiça ambiental, ecologismo do sustento, da sobrevivência humana (GARI, 2000) ou como ecologia da libertação (PEET; WATTS, 1996).

4. Trajetória Metodológica

Neste capítulo, explico os procedimentos teórico-metodológicos selecionados a partir dos estudos da Análise do Discurso francesa, para investigar o objeto de pesquisa. Tendo em vista sempre o problema de pesquisa (de que forma a ideia de meio ambiente é construída pelas revistas ambientais?), busco esclarecer os questionamentos, as noções e o *corpus* discursivo, necessários para a compreensão de cada tópico a ser observado.

4.1 A Análise do Discurso para interpretar o Discurso Ambiental

Como uma metodologia sempre precisa ser condizente com uma perspectiva teórica, e vice-versa, escolhi Análise do Discurso francesa, que se encaixa perfeitamente na perspectiva da teoria construcionista do jornalismo. Nos estudos de jornalismo, o construcionismo começa a ser inserido nos anos 70 do século XX, em contraposição ao paradigma positivista, pelo qual se entendia que o jornalismo era capaz de refletir a realidade. Assim, na aplicação da AD, é crucial considerar as limitações e implicações que estão circunscritas no processo de fabricação do produto jornalístico. “A compreensão dessas condições não é acessória e, sim, um pressuposto para qualquer estudo no jornalismo” (BENETTI, 2007, p. 111).

O analista não deve esquecer-se da complexidade de seu objeto no decorrer da pesquisa, ponderando as especificidades do objeto e as implicações do contexto histórico, social e cultural. Dessa forma, considero a AD uma possibilidade de desvendar as construções de sentido que cercam e fazem o discurso jornalístico das revistas ambientais, lembrando que este é repleto de pressões profissionais, mercadológicas, éticas, e demanda um entendimento profundo do funcionamento e das práticas desse exercício. Como construtor e legitimador de certas realidades, o jornalismo proporciona, por meio de seus discursos, matérias primas de grande valor na

busca pelo entendimento de como se produzem os efeitos de sentido que permeiam os textos.

4.2 Apresentação dos *Corpus* Empírico e Discursivo

O empenho em debruçar-me sobre as revistas especializadas em meio ambiente deu-se, especialmente, pelo número de revistas que surgiram nas bancas de revista no ano de 2008. O espaço dedicado ao tema aumentou em todas as mídias no referido ano, em função da midiaticização que teve a divulgação do último relatório do IPCC, e no mercado das revistas fez nascer duas revistas ambientais ('Mãe Terra' e 'Sustenta!'), além de aumentar a periodicidade de uma terceira ('Aquecimento Global'). O interesse pelo jornalismo ambiental, aliado aos poucos estudos sobre esse nicho das publicações (segmento ambiental), também incentivaram, de forma predominante, minha pesquisa.

O *corpus* empírico da pesquisa consiste nas edições publicadas, no ano de 2008, de quatro revistas especializadas em meio ambiente: 'Mãe Terra', 'Aquecimento Global', 'Terra da Gente' e 'Sustenta!'. Essas foram escolhidas por serem as revistas ambientais de mais fácil acesso (encontradas na maioria das bancas de revistas) e por centrarem-se prioritariamente nesse tema³⁹). A seleção por revistas de bancas aconteceu em função do entendimento de que elas devem atender um público mais diverso que o das sustentadas por assinantes, sendo mais próximas de um público não especializado.

A coleta do *corpus* empírico iniciou-se em janeiro de 2008 e terminou em dezembro do mesmo ano, totalizando 25 exemplares (explica-se: nem todas possuem periodicidade regular, e duas delas surgiram durante a coleta). São exatamente 12 revistas 'Terra da Gente' (a única mensal que já possuía exemplares no início da coleta), 6 edições da 'Aquecimento Global', 4 da 'Mãe Terra' e 3 edições de 'Sustenta!'.

Devido ao maior número de exemplares da publicação 'Terra da Gente', selecionei metade dessas edições (os meses ímpares) para a análise, a fim de gerar um equilíbrio entre as revistas. A partir desse corte, fico com 19 editoriais e 19 matérias de capa, totalizando 38 textos a serem analisados.

³⁹ Existem outras revistas que tratam da questão ambiental ligada especificadamente a outro grande tema, como turismo, alimentação e gestão de negócios.

A seguir, constam algumas informações sobre cada publicação⁴⁰:

‘Terra da Gente’

O *site* onde se pode conhecer e assinar a revista é o da emissora EPTV⁴¹ (Emissoras Pioneiras de Televisão), porém não há informações sobre o projeto editorial da mesma.

Em resposta ao meu questionário sobre o dia-a-dia da revista, Liana John, repórter ambiental de amplo reconhecimento no país e editora de ‘Terra da Gente’, respondeu que a revista surgiu de um programa homônimo de televisão produzido desde 1996. Segundo ela, “O projeto da revista teve início em 2003, primeiro com uma análise de viabilidade de mercado e depois com a formatação da revista, suas seções, linha editorial, etc. O número zero foi lançado no Congresso Nacional em abril de 2004, e a primeira edição foi para as bancas em maio de 2004”.

Informações da assessoria da ‘Terra da Gente’ afirmam que ela é a primeira publicação impressa brasileira exclusivamente focada nos temas biodiversidade e meio ambiente. Já ultrapassou 50 edições e hoje possui periodicidade mensal. As revistas de 2008 correspondem às edições de n.º 45 a n.º 56.

‘Terra da Gente’ é caracterizada como uma publicação de conservação ambiental e tem como base a agenda positiva, ou seja, busca mostrar preferencialmente as opções de conservação e as iniciativas positivas no sentido de promover mudanças de hábitos que reduzam impactos ambientais ou contribuam para a conservação ambiental. “Acreditamos que a informação e o conhecimento podem ajudar a mobilizar as pessoas comuns a fazerem sua parte na conservação da biodiversidade”, declara Liana John.

Possui alto padrão gráfico e editorial, e tiragem de 25.000 exemplares, distribuídos em todo o país. Nas bancas, cada edição custava R\$ 10,00 em 2008. Na pesquisa realizada pela própria revista para detectar seu público, no final de 2006,

⁴⁰ Alguns dados sobre a circulação e tiragem das revistas não foram encontrados.

⁴¹ A EPTV tem emissoras em Campinas, Ribeirão Preto, sul de Minas Gerais e na região central de São Paulo (município de São Carlos). É hoje uma afiliada da Rede Globo. Disponível em: <<http://eptv.globo.com/terradagente/RevistaDestaque.aspx>>.

verificou-se que esse público possui um excelente nível cultural e socioeconômico e é formador de opinião nas questões de conservação ambiental⁴².

A equipe conta com 12 jornalistas, mais fotógrafos, dois ou três *freelancers* e colunistas, e conta com boa infraestrutura. Ainda de acordo com John: “Temos cerca de 5 mil assinantes que garantem uma parte dos recursos necessários para a produção, e o restante é proveniente de anúncios e projetos especiais, como os fascículos de informação publicitária da Petrobrás, atualmente encartados na revista. A venda em bancas praticamente empata custo/receita, pois o percentual cobrado pela distribuidora equivale a 50% do preço de capa. Os primeiros anos da revista foram sustentados pela TV”.

Para a revista ‘Terra da Gente’, nas palavras da editora, “A biodiversidade e o ambiente que a abriga é uma rede de relações da qual o homem faz parte e sem a qual o homem não vive. Cada pessoa tem sua parte no usufruto dessa biodiversidade e dos diversos ambientes, assim como tem um dever para com a conservação tanto da biodiversidade como dos diversos ambientes dos quais depende para viver ou passear. Não importa a posição social ou o nível de escolaridade; todos temos uma parte neste todo e, com informação e conhecimento, podemos contribuir para sua conservação”.

‘Mãe Terra’

Não há informações específicas sobre a revista no *site* de sua editora (<http://www.edminuano.com.br>), local onde é possível comprar edições atrasadas da revista ‘Mãe Terra’. Tentei falar com a redação, mas não obtive êxito. Não houve retorno, nem por parte de editores, nem da parte administrativa. Por meio de um *mail* encaminhado à Editora Minuano, consegui apenas a seguinte informação de Valter Costa: “Infelizmente, as barreiras nessa área são muitas, inclusive de banca. A publicação tinha fraco desempenho de venda e não conseguimos encontrar parceiros para viabilizar o projeto. Tivemos que interromper a produção”. Assim, ‘Mãe Terra’, da mesma forma que a revista ‘Aquecimento Global’, saiu de circulação sem completar dois anos de mercado.

⁴² A pesquisa sobre o perfil dos leitores de ‘Terra da Gente’ ainda mostra que 53% dos leitores possuem pós-graduação, 67% entendem que a revista trata de assuntos sobre a conservação e a preservação ambiental, 90% compram a revista pelos assuntos relativos à natureza, e 84% dos leitores consideram a revista ótima. Esses dados foram fornecidos pela editora Liana John.

Em resposta a um *e-mail* sobre periodicidade, a revista diz ser bimestral; no entanto, há significativos atrasos até chegar às bancas. Foram lançadas quatro edições no ano de 2008. A edição custava R\$ 7,90 em 2008. Sobre a editora, há as seguintes informações: “Desde o seu primeiro dia, a Editora Minuano vem se transformando em referencial na publicação de produtos de qualidade nas bancas do Brasil. Atenta à alta competitividade do mercado editorial, a empresa se propõe, por meio da experiência acumulada e constantemente desenvolvida, trazer informação de qualidade e com conteúdo que acrescente algo à vida de seus leitores, colaboradores e anunciantes.”

No editorial da primeira edição, de maio, o intuito da publicação é colocado: “Mãe Terra é uma publicação voltada para levar ao público noções básicas dos problemas ambientais do planeta. Nossa missão é introduzir o leitor nos temas de relevância de modo didático e objetivo.”

‘Sustenta!’

É uma revista que se dedica ao tema ambiental, com destaque para a sustentabilidade. Surgiu no mês de outubro de 2008, com periodicidade mensal e possuía tiragem inicial de 50 mil exemplares, com preço de capa de R\$ 8,90.

Este é o texto descritivo encontrado no *blog* <<http://www.sustentanet.com.br/sustenta/blog.aspx?cat=Revista>>, nos primeiros dias da revista sobre sua proposta: “Trata-se de uma nova publicação lançada nas bancas em outubro, em uma parceria das editoras Confiança (a mesma que publica CartaCapital) e Trivela (dona do site e da revista de mesmo nome). A revista, como o nome sugere, é sobre sustentabilidade. A ideia é ser um canal de informação e um fórum de discussão, onde opiniões diversas possam convergir na busca de um mundo mais responsável dos pontos de vista social, ambiental e econômico. A gente acredita que isso precisa virar tema do cotidiano e não apenas conversa de especialistas. Felizmente, já está virando.”

Após o mês de dezembro, houve uma reformulação estrutural, e a circulação parou por mais de dois meses. Em meados de março de 2009, foi publicada a quarta edição, junto com uma carta do editor executivo, Caio Maia, explicando que “o ambiente econômico nos obriga, pelo menos por hora, a reavaliar a periodicidade e a ter a ‘Sustenta!’ bimestral, pelo menos até o segundo semestre”. Em novembro de 2009,

seus assinantes foram comunicados de que a revista ‘Sustenta!’ teve, em outubro, sua última edição impressa, sendo agora publicada no *site* www.sustentenet.com.br.

Perguntado sobre detalhes da publicação⁴³, Caio Maia respondeu que a “proposta da revista é discutir o tema do ponto de vista do leitor comum, evitando o enfoque acadêmico ou economicista das outras publicações dedicadas ao assunto”. Para ele, o que diferencia ‘Sustenta!’ de outras revistas ambientais é o foco no leitor não especializado, além do cuidado visual. Além disso, Maia contou que a revista tem tiragem de 10 mil exemplares e vende cerca de metade disso. “Pela estimativa tradicional, cerca de 20 mil pessoas a lêem”.

A percepção ambiental que a redação busca alcançar com ‘Sustenta!’ é exposta assim por Maia: “Não há uma preocupação específica com a questão do meio-ambiente, mas a tese básica da revista é a de que todos pertencemos a um só sistema e que nossas ações dentro dele só podem se refletir nele mesmo”.

‘Aquecimento Global’

Também não há informações específicas sobre a revista no *site* da editora: <http://loja.revistaonline.com.br/online/vitrines/app/BuscaProduto.asp?txtBusca=aquecimento%20global>, único local onde há menção a ‘Aquecimento Global’. Quando tentei falar com a editora da revista, Juliana Lambert, sobre as rotinas jornalísticas, ela informou que a publicação havia deixado de ser publicada (isso ocorreu em janeiro de 2009) e não quis falar sobre o processo.

Sobre a editora, há no *site* as seguintes informações: “Líder no mercado brasileiro de publicações no segmento de artesanato leve, segunda no segmento de Decoração - considerando venda e faturamento em bancas - e uma das dez maiores editoras do país, a On Line Editora apresenta ótimas oportunidades para sua empresa ou cliente em vários setores, como Moda e Beleza, Veículos, Negócios, Decoração, Turismo, Casamento, Artesanato Leve, Culinária e Plantas. Sempre apostando na segmentação de mercado e na exigência cada vez maior do cliente, a On Line Editora desenvolve produtos de sucesso, que se transformam em veículos com grande penetração e ótimo retorno”.

⁴³ Questionário enviado por *e-mail* ao editor executivo de Sustenta!, Caio Maia.

A revista teve uma primeira edição em junho de 2007 e outra em dezembro desse mesmo ano. Porém, no ano seguinte, teve sua periodicidade menos espaçada, produzindo novas revistas a cada dois meses. Portanto, no *corpus* do trabalho, tenho 6 edições, de janeiro a novembro. O valor da revista nas bancas, em 2008, era de R\$ 9,90 o exemplar.

Seus editoriais são geralmente cartas de apresentação de conteúdo, e o primeiro (de junho de 2007), que poderia falar de forma explícita sobre os objetivos da revista, não pertencia ao período da coleta. No entanto, há trechos que evidenciam sua proposta: “Mergulhe nestas páginas e confira matérias especiais para refletir, constatar a realidade atual e descobrir soluções para salvar o planeta. Afinal, nossa função vai além da informação, pois nós também somos responsáveis pela formação de cidadãos mais conscientes” (editorial de março de 2008) e: “Para tentar, ao menos, amenizar a situação atual do Planeta, a equipe de ‘Aquecimento Global’ relaciona, a cada edição, alternativas e fatos de fundamental importância” (editorial de maio de 2008).

Concluo esta seção com a apresentação do *corpus* discursivo, que já é fruto de um movimento analítico: ele surge da interpretação que o analista faz do *corpus* empírico. A partir do mapeamento das regularidades de sentidos expressos nos discursos das revistas ambientais, das estratégias discursivas mais acionadas e dos efeitos de sentido mais evidentes, identifiquei 145 sequências discursivas⁴⁴ (SDs) que auxiliarão na desconstrução dos sentidos que asseguram a ideia de meio ambiente para cada publicação. Como algumas SDs possuem as mesmas estratégias e conduzem ao mesmo sentido, utilizarei algumas dessas como representativas do que observo.

4.3 O Passo a Passo da Pesquisa

Repito que, para esta análise, faço uso de conceitos da Análise do Discurso de forma arbitrária, conforme as demandas provindas de meu problema de pesquisa. Aproprio-me das noções de formações, típicas da linha pecheuxtiana, juntamente com

⁴⁴ Para Benetti (2007, p. 113), a sequência discursiva (SD) é “o trecho que arbitrariamente recortamos para análise e depois utilizamos no relato de pesquisa”.

um dos conceitos da segunda geração de analistas do discurso (na qual são representativos Maingueneau e Charaudeau), o de estratégia discursiva.

Nenhuma noção na AD pode ser trabalhada independente de outras. Por isso, o gesto de interpretação aqui realizado é calcado especialmente no conceito de formação discursiva, mas não deixa de movimentar outros (formação imaginária e formação ideológica) para que a análise seja compreendida.

Para a AD, a noção de formação discursiva (FD) é básica, porque é a partir dela que é possível compreender o processo de produção de sentidos, sua relação com a ideologia, e mostra ao analista as regularidades que acontecem no funcionamento do discurso (ORLANDI, 2005). Ainda para esta pesquisadora (1988), é na formação discursiva que se constitui o domínio do saber, o que funciona como um princípio de aceitabilidade para um conjunto de formulações e, ao mesmo tempo, como um conjunto de exclusão do ‘não-formulável’. É por meio desse conceito que se pode delimitar o que é dizível e aquilo que não o é. São elas que demarcam o que pode e o que não se deve dizer em dada posição do sujeito. Para entender seu funcionamento, faz-se necessário investigar as interações entre as FDs de certo discurso; afinal, a identidade de todo e qualquer discurso se constrói na relação com o outro.

A formação ideológica (FId) sempre possui uma ou mais formações discursivas interligadas; afinal os discursos são governados por FIds. Pêcheux (1975) afirma que as palavras e/ou expressões mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, sentidos esses que são determinados em referência às formações ideológicas nas quais se inscrevem essas posições. Assim, os dois conceitos possuem íntima interdependência.

Já as formações imaginárias (FIm) são definidas por Orlandi (2005, p. 40) como:

Em toda língua há regras de projeção que permitem ao sujeito passar da situação (empírica) para a posição (discursiva). O que significa no discurso são essas posições. E elas significam em relação ao contexto sócio-histórico e à memória (o saber discursivo, o já-dito).

A partir disso, vê-se que as FIm são as imagens que, na relação discursiva, constituem as diferentes posições-sujeitos. Essas posições não são objetos físicos, mas da ordem do imaginário, representando no discurso os lugares ocupados na estrutura de

uma formação social⁴⁵. O funcionamento da engrenagem discursiva só é possível por meio das FImS que se manifestam na relação de forças e sentidos e na antecipação do processo de construção do discurso. Então também são indispensáveis na construção discursiva.

Acredito assim que, averiguando as regularidades de sentidos concentradas em cada um dos discursos ambientais selecionados, será possível delinear FDs e, conseqüentemente, as formações ideológicas que as constituem. As formações imaginárias precisam ser levadas em conta, na medida em que são elas que tornam possível o funcionamento discursivo. Além disso, as especificidades de cada elemento do *corpus* discursivo (nome da revista, editorial, reportagem) suscitam olhares outros para a verificação de como o meio ambiente é discursivamente tratado nas revistas ambientais.

Esta pesquisa busca abarcar a construção da noção de meio ambiente em diversas frentes, visto que os discursos vários de cada revista são controversos e atravessam sentidos de filiações múltiplas. A construção da ideia de meio ambiente imbrica várias estratégias e engendramentos múltiplos de sentidos. Alsina (2009, p. 271) nos diz que “a criação de sentido é uma operação complexa, cognitiva e emotiva, na qual intervém toda a bagagem enciclopédica (*background*) de uma pessoa e que poderíamos denominar como sendo seu universo referencial”. Diante disso, cabe aqui mapear as marcas discursivas que possam servir de pistas para delinear as intenções dessa operação.

⁴⁵ Formação Social é o espaço a partir do qual se podem prever os efeitos de sentido a serem produzidos. Para a AD, as posições que os sujeitos ocupam em uma dada formação social condicionam as condições de produção discursivas, definindo o lugar por eles ocupado no discurso. Ao funcionamento das formações sociais está articulado o funcionamento da ideologia, relacionado à luta de classes e às suas motivações econômicas (FERREIRA, 2001).

5. Desconstruindo os Discursos das Revistas Ambientais

“O papel do analista é o de observar a distância, para tentar compreender e explicar como funciona a máquina de fabricar sentido social, engajando-se em interpretações cuja relatividade deverá aceitar e evidenciar” (CHARAUDEAU, 2006, p. 29). Por meio dos dispositivos teórico-metodológicos da AD Francesa, adentro nos discursos jornalísticos das revistas ambientais, a fim de verificar quais os sentidos de meio ambiente são mais predominantes e quais são as estratégias mais utilizadas para manter esses discursos.

Desconstruir os ditos dessas revistas – das estratégias aos sentidos – demonstra o interesse em conhecer a engrenagem discursiva desse segmento específico e buscar compreender o funcionamento da produção jornalística ambiental. Sabe-se que não há captura dos acontecimentos cotidianos que não passe pelo filtro subjetivo do sujeito. Como os discursos são sempre construções de significados, é importante lembrar que:

Comunicar, informar, tudo é escolha. Não somente escolha de conteúdos a transmitir, não somente escolha das formas adequadas para estar de acordo com as normas do bem falar e ter clareza, mas escolha de efeitos de sentido para influenciar o outro, isto é, no fim das contas, escolha de estratégias discursivas (CHARAUDEAU, 2006, p. 39).

De forma consciente ou não, todo discurso é permeado por intenções. A comunicação faz parte de uma necessidade humana: a de se relacionar com o outro. A comunicação é a busca pela alteridade, a procura de uma relação com o outro. E as estratégias discursivas possibilitam a apreensão de sentidos e a ordenação de modos de dizer que atuam como captadores do outro. Soma-se a isso o imperativo primeiro do homem de compreender o que está à sua volta. Alsina (2009, p. 271) explicita essa questão:

Para viver, o ser humano precisa dar sentido ao seu entorno. A criação de sentido é uma necessidade iniludível para o ser humano. Dizer que o que não faz sentido é, talvez, cair num determinismo lingüístico exagerado, pode ser correto para uma postura subjetivista. De qualquer forma, precisamos fazer certos esclarecimentos. Em primeiro lugar, não há por que pensar que a criação de sentido é um processo exclusivamente racional; as emoções nos ajudam a dar sentido à realidade. Podemos então lembrar que não existe razão sem emoção e que não há emoção sem razão. Em segundo lugar, embora não continuemos por este caminho, precisamos reconhecer a existência do que é indizível. Isto é, aquilo que se sente mas ao que não podemos dar-lhe um sentido comunicável e, por isso mesmo, não é facilmente exprimível.

Em razão dessas afirmativas, percorro as SDs, em busca de sentidos e estratégias. As interpretações que seguem foram assim divididas, em razão das explicações teóricas que contemplam, de forma igual, as quatro revistas. A opção por blocos de SDs ocorreu devido ao grande número de extrações e algumas semelhanças relativas às marcas discursivas que se quer analisar. As sequências estão assinaladas por uma letra, relativa a cada publicação, e a um número, que orienta a ordem da SD dentro do conjunto das edições analisadas. A revista ‘Terra da Gente’ corresponde à letra ‘a’, ‘Mãe Terra’ à letra ‘b’, ‘Sustenta!’ à letra ‘c’ e ‘Aquecimento Global’ à letra ‘d’. Essa marcação foi feita – de maneira aleatória - para facilitar a identificação das SDs durante a análise.

5.1 As Filiações de Sentidos

A partir das noções de formação discursiva⁴⁶ (FD) e formação ideológica⁴⁷ (FId) e dos estudos relativos ao significado da expressão ‘meio ambiente’, delineei três perspectivas a partir das quais é possível construir o discurso ambiental nas revistas especializadas.

⁴⁶ Tal definição foi dada por Pêcheux e é tida como clássica. Refere-se, de acordo com Mazière (2007, p. 58), às “regularidades sob forma de ordem, de correlações, de transformações, que incidem sobre uma dispersão de objetos, de conceitos, de escolhas temáticas”.

⁴⁷ A formação ideológica caracteriza um elemento suscetível de intervir como uma força em confronto com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social em dado momento; desse modo, cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas com as outras” (GADET; HAK, 1993, p. 166).

As formações discursivas representam, na ordem do discurso, as formações ideológicas que lhe correspondem. Se é a formação discursiva que determina o que se pode e o que se deve dizer – a partir de uma posição dada, em uma dada conjuntura –, as palavras, expressões e proposições em uso recebem o seu sentido da formação ideológica na qual são produzidas. Desse modo, tais palavras, expressões ou proposições mudam de sentido segundo as posições mantidas pelos que as empregam, o que significa que elas tomam seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem. Fica evidente, dessa maneira, que o sentido depende da FD, uma vez que é ela que o determina, embora as FDs não sejam blocos homogêneos e, sim, heterogêneos, constituídas pela contradição.

Convém registrar que todo e qualquer discurso movimenta, no seu interior, confrontos ideológicos. Não existe discurso puro, ou seja, discurso que não sofra deslizamentos de sentido outros ou que seja entrecruzado por discursividades de FDs diferentes. Como nos fala Gregolin (2003, p. 12):

Há sempre batalhas discursivas movendo a construção dos sentidos na sociedade. Motivo de disputa, signo de poder, a circulação dos enunciados é controlada de forma a dominar a proliferação dos discursos. Por isso, aquilo que é dito tem de, necessariamente, passar por procedimentos de controle, de interdição, de segregação de conteúdos. Por serem produtos de práticas, social e historicamente determinadas, as maneiras de se utilizarem as possibilidades do discurso são reguladas, regulamentadas: não se pode, absolutamente, falar de uma coisa qualquer num lugar e tempo qualquer. Há, sempre, que se submeter à ordem do discurso, articulando aquilo que se pode e se deve dizer no momento histórico da produção de sentidos.

Desse modo, precisa-se estar ciente de que os discursos são espaços de contradição e de embates discursivos, ainda que haja uma FD predominante. A partir do gesto de interpretação proposto, que objetiva saber quais são os modos de dizer o meio ambiente nas publicações do *corpus*, defini três regiões de onde partem os sentidos (FDs), instituídas a partir de uma FId dada:

- a) **FD Eossocial**⁴⁸: Um olhar humanista, preocupado com as relações entre homem e natureza, é logo notado. As marcas discursivas que tentam trazer o leitor para o texto e fazê-lo refletir sobre suas atitudes nos leva a ter uma ideia de meio ambiente complexa e integrada com o cotidiano do homem urbano. Esta concepção será denominada de formação discursiva Eossocial, baseada na formulação de Caporal e Costabeber (2001) e também na caracterização da Ecologia Profunda (CAPRA, 1996). Sinaliza para uma visão holística, plural. Percebe-se que a noção de meio ambiente perpassa toda a matéria por meio das conexões feitas entre ambiente e homem ou natureza e seres vivos. Compreende-se que o enfoque ambiental se dá por meio da problematização plurívoca, do interesse com o bem-estar social e com a sustentabilidade do ambiente nas grandes cidades. Possui relação com a corrente ‘ecologismo dos pobres’, proposta por Alier (2007). **FId que a circunscreve:** a de que a Terra é um bem de todos.
- b) **FD Ecotecnocrática:** O meio ambiente é visto como fonte para o desenvolvimento econômico. Aproprio-me da nomenclatura oriunda dos estudos de Caporal e Costabeber (2001) para demarcar a FD que tem por objetivo aumentar o poder econômico das nações, tendo a natureza como principal matéria-prima. Seu argumento em benefício do meio ambiente é estruturado sobre a eficiência da tecnologia: os avanços tecnológicos darão conta do que se precisa sacrificar hoje. Sob essa FD, o que é rentável possui mais poder de decisão. Nos textos que tratam de economia (mesmo sob o viés ambiental), o lucro proveniente do meio ambiente sempre está em jogo; afinal, ele é a fonte do almejado desenvolvimento. Nos textos de cunho científico-tecnológico, também há um domínio dessa FD, já que o meio ambiente é tido como objeto de investigação para escolher soluções que possam otimizar os recursos naturais. Compartilha pontos de convergência com a Ecologia Rasa (antropocêntrica) e

⁴⁸ A dissertação ‘O Discurso Jornalístico da Sustentabilidade em Programas de Rádio sobre Meio Ambiente: Uma Análise do Quadro Mundo Sustentável e do Programa Guaíba Ecologia’, defendida em 2007, por Reges Toni Schwaab, sob a orientação da professora Dr^a. Ilza Girardi, fez uso das Correntes Eossocial e Ecotecnocrática para definir as duas formações discursivas que foram utilizadas para operacionalizar a pesquisa. Nesse trabalho, além de ser criada uma terceira FD, adicionam-se outros olhares nas formulações das FDs criadas por Schwaab, em razão de o objeto investigado ser outro.

com ‘o evangelho da ecoeficiência’ (ALIER, 2007). **FId que a circunscreve:** a do crescimento econômico.

- c) **FD Naturalista:** Está baseada na visão antiga, que considera o meio ambiente especialmente como as relações entre flora e fauna. O homem está à parte do ambiente. O enfoque se dá nas curiosidades e modos de vida dos animais e plantas. É plenamente identificável com a corrente ‘o culto à vida silvestre’, posta por Alier (2007) como a primeira percepção ambiental do homem em relação à natureza. **FId que a circunscreve:** a da ‘natureza intocada’.

Tendo em vista essas formulações, inicio a análise dos sentidos presentes nos nomes das revistas

5.2 Os Sentidos Possíveis dos Nomes das Revistas

Todo e qualquer discurso é produzido por um sujeito e pressupõe um destinatário que ocupa um lugar determinado na estrutura de uma formação social. Esse lugar está representado nos processos discursivos a partir de uma série de formações imaginárias (FIm) que designam o lugar que um produtor de discurso e seu destinatário se atribuem mutuamente.

É a noção de formação imaginária que movimenta a imagem da posição-sujeito⁴⁹ locutor (quem sou eu para lhe falar assim?) e da posição-sujeito interlocutor (quem é ele para me falar assim ou para que eu lhe fale assim?), além da posição do objeto do discurso (do que estou lhe falando, do que ele me fala?). Soma-se à compreensão de tais posições a inclusão do aspecto que prevê a antecipação. Então, a imagem que o locutor tem do interlocutor e vice-versa, além das imagens possíveis que cada uma das pontas possui do objeto do discurso também são levadas em consideração.

⁴⁹ Posição-sujeito é o “resultado da relação que se estabelece entre o sujeito do discurso e a forma-sujeito de uma dada formação discursiva. Uma posição-sujeito não é uma realidade física, mas um objeto imaginário, representando no processo discursivo os lugares ocupados pelos sujeitos na estrutura de uma formação social. Desse modo, não há um sujeito único, mas diversas posições-sujeito, as quais estão relacionadas com determinadas formações discursivas e ideológicas” (FERREIRA, 2001).

As FImS estão relacionadas a três aspectos: a relação de sentidos (um dizer tem relação com outros dizeres relacionados, imaginados ou possíveis), o mecanismo de antecipação (todo sujeito tem a capacidade de experimentar, de colocar-se no lugar em que seu interlocutor ‘ouve’ suas palavras) e a relação de forças (indica que o lugar do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz). No entanto, é preciso destacar que tais sentidos, antecipações e relações de força que são derivados das FImS não nascem sozinhos e sem história. Eles fazem parte da linguagem e derivam do modo como as relações sociais se inscrevem num contexto dado e conduzido por determinadas relações de poder.

O discurso jornalístico é um discurso específico, marcado por regras e processos particulares, produzido por indivíduos que são interpelados por uma ideologia própria do pensar-fazer jornalismo e situados em uma FIm correspondente; por isso, assumem a posição do sujeito-jornalista. Mariani (1993) pontua que o discurso jornalístico é tanto uma prática social produtora de sentidos, como uma veiculadora de vozes diversas constitutivas de várias formações imaginárias. Sendo assim, o discurso do jornalismo produz efeitos de sentido que ora estabilizam efeitos de sentido anteriores, ora os deslocam, provocando efeitos outros. Pode-se entender, a partir disso, que o campo jornalístico atua na naturalização e, simultaneamente, na transformação dos efeitos de sentido e, por consequência, das formações imaginárias.

As formações imaginárias antecipam o discurso do outro. São elas que regulam a argumentação e antecipam os sentidos possíveis produzido nos interlocutores. Devido a esse movimento antecipatório, as formações imaginárias acabam interferindo no trajeto do discurso. É o trabalho discursivo dos jornalistas – responsável pelas estabilizações dos efeitos de sentido – que proporciona a constituição das FImS sobre os acontecimentos discursivos materializados nos textos.

Dessa maneira, são as formações imaginárias que situam os sujeitos no espaço discursivo. Os lugares que os sujeitos tomam enquanto enunciadore e enunciatários de um discurso são projeções que permitem o funcionamento da relação discursiva. Biazzotto (2006, p. 69) diz que “a posição-sujeito jornalista é privilegiada, pois é ela que coloca em movimento os traços das formações imaginárias dos seus leitores”. Contudo, do lado do leitor, outras posições-sujeito são possíveis e cercadas por diferentes formações imaginárias. Leal (2008, p. 4) discorre sobre a questão:

Não seria demais, aliás, pensar que o nome do jornal conteria também o seu leitor/receptor, que certamente não se confunde com as pessoas de carne-e-osso, mas que marcam os lugares, as posições que cada veículo abriria para a interação com os esses seus interlocutores. Nessa perspectiva, novamente a apreensão do veículo jornalístico como um dispositivo, na medida em que seus processos tecnológicos, operacionais e semióticos se mostram interligados e interdependentes.

O jornalista, então, ao escrever, aciona suas formações imaginárias para antecipar quem será o sujeito que lerá seu texto (imagina a faixa etária, o sexo, os interesses profissionais, o objetivo dele em comprar a revista, a escolaridade, etc.). Também imagina o que a empresa na qual trabalha quer que ele escreva (pensa, então, nos interesses comerciais, na política editorial, no tempo hábil, nas possibilidades de agradar o editor e de ser elogiado, nas formas com que seus colegas e outros veículos construiriam o texto, no número de linhas disponíveis, nas estratégias de captação, didatização, informação, etc.) e quais as expectativas possíveis de suas fontes. E, em função desses vários imaginários, ele controla o que pode e o que não pode ser dito. Benetti (2008, p. 43) ratifica esse funcionamento imaginário: “todos esses sujeitos fazem parte da intersubjetividade que conforma o processo jornalístico”.

No mesmo sentido, Charaudeau (2006), ao falar do duplo processo da mecânica da construção do sentido, trata da transformação (ato que consiste em tornar o ‘mundo a ser significado’ em um ‘mundo significado’) e da transação (que é o processo no qual o sujeito busca dar um objetivo a seu discurso em função de parâmetros que pressupõe saber sobre o outro). Esse último estaria ligado a essa questão de pensar antecipadamente o outro para, assim, se colocar em relação com ele, “visto que a consciência de si passa pela tomada de consciência da existência do outro, pela assimilação do outro e, ao mesmo tempo, pela diferenciação com relação ao outro⁵⁰” (CHARAUDEAU, 2006, p. 42). Seria essa necessidade de estar em relação com outro que calcaria o contrato de comunicação e, por isso, possibilitaria a construção imaginária de um ‘destinatário-alvo’.

A fim de alcançar a instância receptiva que quer atingir, o discurso jornalístico precisa estar atento ao seu alvo intelectual (aquele ao qual se atribui a capacidade de pensar) e ao alvo afetivo (aquele em que o modo inconsciente, das reações de ordem

⁵⁰ É isso que postulam a ciência e a filosofia da linguagem que se interessam pelo discurso.

emocional, é mais predominante). Nesses, as questões de credibilidade, de acessibilidade, de emoções, como o inesperado, o insólito, o trágico, etc., movimentam o sujeito-jornalista na hora em que ele precisa materializar em texto seu discurso. Charaudeau (2006, p. 82) afirma: “no processo de construção da instância-alvo pela instância midiática, alvo intelectual e alvo afetivo se misturam e interagem. É nessa interação que tem origem a opinião pública.”

Os jornalistas, assim, ao selecionarem ou definirem um nome para a materialidade de seus discursos, fazem uso da relação de sentidos, da relação de forças e dos mecanismos antecipatórios, a fim de satisfazer seu ‘destinatário-alvo’ (ou, de maneira mais ampla, seu público-alvo). O nome de uma revista, que será marca de identificação, referência, captação, não tem seu enunciado escolhido ao acaso. É a partir da verificação dos efeitos de sentido possíveis que se pode entender quais formações imaginárias estão presas aos nomes das revistas ambientais ‘Terra da Gente’, ‘Mãe Terra’, ‘Sustenta!’ e ‘Aquecimento Global’.

Os nomes das revistas são as ‘portas de entrada’ do leitor para entrar em contato com os discursos sobre meio ambiente, afixados em suas páginas. Dessa forma, a partir de dado nome, o público constrói um imaginário a respeito do que é meio ambiente.

Parte-se do pressuposto de que esses nomes são constitutivos e, ao mesmo tempo, estabilizadores de discursos de formações imaginárias já existentes. A análise aqui é feita tentando delinear quais os efeitos de sentido presentes em cada publicação que indicam a maneira pela qual se dá a construção das FIms sobre o meio ambiente para seus leitores.

Antes disso, vale entender quais são as funções e significados que os nomes dos produtos jornalísticos desempenham para a unidade do discurso que está ali inscrito. Os nomes das revistas ambientais, em especial, possuem a necessidade de atrair o público nas bancas, já que a maior parte delas sustenta-se com a venda de exemplares e pela repetição do argumento intrínseco ao enunciado.

Os nomes de quaisquer produtos jornalísticos exercem papéis de relevância na concepção do produto como unidade de um discurso. Além de o nome ser a marca distintiva entre os outros produtos oferecidos, é ele o primeiro enunciado a entrar em contato com o leitor (justamente por estar na capa de forma destacada) e, assim, exercer a função de ratificação do contrato com o leitor ou buscar a captação do mesmo.

Maurice Mouillaud (1997), ao estudar o nome do jornal, diz que este enunciado é, ao mesmo tempo, mínimo e dominante. Mínimo porque representa, de forma condensada, toda uma concepção do produto jornalístico que denomina; dominante porque, explícita ou implicitamente, permeia todas as páginas e ‘conduz o tom’ dos discursos heterogêneos que o constituem. Mas a unidade dos títulos que compõem a revista se dá por conta de um *status*; afinal, os discursos pertencentes a um dado produto só podem ser apresentados sob a forma de uma unidade, de um dispositivo⁵¹ espacial. Na verdade, o nome da revista (ou do jornal) possui uma proposta mínima, que é ampliada:

Todos os títulos fazem parte deste jornal, ou então, na medida em que o nome-do-jornal funciona como uma referência ao mundo (um dado dia): todos seus enunciados são os enunciados do mundo nesse tal dia. A única unidade desses enunciados é a de aparecer no mesmo mundo e no mesmo tempo (MOUILLAUD, 1997, p. 91).

Ao tratar dos nomes dos exemplares, esse autor diz que o nome remete sempre à identificação com o modelo original (ou anterior). O leitor partilha de um contrato de leitura e tem no nome do produto o reconhecimento daquilo que já lhe é familiar. Assim, o nome possui uma forte marca de distinção entre os outros, mas, no conjunto de seus exemplares (série), ele funciona como um grampo que unifica as diversas edições. É importante notar que o peso da função dos nomes das revistas (a questão da identificação, em particular) só pode ocorrer a partir de um contexto e de um uso. O nome de uma revista pode referir-se a um exemplar isolado ou a um conjunto de coleções, mas a questão da designação como forma de identidade, de representação de um certo tipo de discurso só pode ser compreendida a partir de um grupo de edições com o mesmo nome.

Outro aspecto é a referência que carrega o nome de dado produto. O público passa a se relacionar com vários discursos que são assinados por um único enunciado (o do nome). Mesmo que este seja um acoplado de inúmeros sentidos diferentes e, às vezes, até antagônicos, o nome dá uma unidade à forma de apresentação.

⁵¹ O dispositivo para Mouillaud (1997) não é o suporte e, sim, o lugar onde o enunciado toma forma. Dessa forma, não estamos falando que o produto jornalístico ‘revista’ é o dispositivo. O dispositivo é, assim, o espaço virtual da processualidade de seu fazer-ser.

5.2.1 Sentidos de uma Única Formação Discursiva

Todo sentido de uma palavra e/ou expressão não existem em si mesmos, mas “mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam” (PÊCHEUX, 1975, p. 160). Isso quer dizer: o sentido só pode ser constituído em referência às condições de produção de um dado enunciado, a uma formação ideológica, imaginária e, conseqüentemente, a uma determinada formação discursiva.

Em virtude de os nomes das quatro publicações analisadas estarem voltadas para as questões ambientais que levem em consideração a ação do homem e sua relação com o meio ambiente, é possível inscrevê-las em uma mesma formação discursiva – a FD Ecosocial, já apresentada neste trabalho. Todos os nomes de revistas investigados são marcados por relações diretas ou indiretas com o ser humano: ‘Terra da Gente’ é movido por um sentido de posse e pertencimento da Terra pelos seres humanos; ‘Mãe Terra’ deixa em evidência a questão dos cuidados por meio do vocábulo ‘mãe’, que ganha relevância em razão de seu sentido culturalmente construído pelos homens; ‘Sustenta!’ traz à tona a necessidade de equilíbrio entre o meio ambiente e a atividade humana ao se remeter à sustentabilidade; e ‘Aquecimento Global’ representa um fenômeno climático intensificado pelo desrespeito do homem ao ambiente em que vive. A partir do exposto, observam-se as posições-sujeito de cada um desses nomes de revistas em relação à FD Ecosocial da qual fazem parte seus efeitos de sentido prováveis.

O primeiro nome a ser explorado é o da revista ‘Terra da Gente’, publicação com mais de quatro anos de circulação. Semanticamente, ainda que inscrita em uma FD já delimitada, a palavra Terra pode ser compreendida: (1) como o nome do nosso planeta (Planeta Terra); (2) no sentido de pátria, local onde vivemos; (3) no sentido de solo, lugar onde se cultiva, onde nascem e crescem os vegetais. Esses efeitos de sentido possíveis não sofrem alteração com o agrupamento da expressão ‘da gente’, que só soma a essas ideias ao sentido de pertencimento das pessoas, habitantes, povos.

O nome ‘Terra da Gente’ apresenta múltiplos sentidos que, embora sejam diferentes, não podem ser considerados antagônicos. O que prevalece em todos os casos é o sentido de que algo (o planeta, a terra para cultivar, a pátria) é de todos (da gente) e, desse modo, algo partilhado, sem dono único. A formação imaginária que provém daí remete à concepção de meio ambiente os efeitos de sentido de ‘Terra’, revelando uma

formação ideológica e discursiva de que o meio ambiente é um bem (como a Terra) de todos. Esse enunciado remete a outros discursos já ditos, relacionados com o sentido de que, se existe algo que é de todos, todos devem se responsabilizar por isso.

A posição-sujeito do jornalista inscrito na FD Ecosocial e ‘amarrada’ pelos sentidos possíveis desse nome (enunciado ‘Terra da Gente’) só pode ser articulada a um lugar de fala preocupado com a preservação e a conservação do espaço sociogeográfico no qual os humanos vivem e à tentativa de construir leitores que percebam essa ‘Terra’ como sua também (devendo cumprir com seus direitos e deveres).

O segundo nome de revista a ser observado leva também, no seu enunciado, a palavra ‘Terra’. ‘Mãe Terra’, além dos sentidos possíveis já apontados na análise anterior, adiciona o substantivo ‘mãe’, que remete à proteção, ao cuidado, ao amor incondicional. ‘Mãe’ contém o sentido de origem, de fonte de vida; afinal, é a mãe que tem os filhos (que podem ser vistos como o futuro das espécies).

‘Mãe Terra’ expressa, então, os sentidos: de espaço socioespacial ou de solo que é fonte de vida; do planeta Terra que deu origem à vida humana, sendo, assim, nossa mãe também; do lugar que nos prove a vida e nos cuida e protege tal qual uma mãe o faria.

Ao pensar nos discursos já ditos, temos várias menções à expressão ‘Mãe Terra’. Como a revista surgiu em 2008, há várias probabilidades de ela ter se apropriado da expressão a partir de outros dizeres. Uma das alusões à ‘Mãe Terra’ é encontrada no texto a seguir⁵²:

Como se respondesse a nossa atual crise de meio ambiente, o nome Gaia se escuta hoje em dia por todas as partes. Existe a "Hipótese de Gaia" do físico James Lovelock, que propõe que o planeta terra seja um sistema auto-regulado; a "consciência de Gaia", que instiga para que a terra e suas criaturas sejam consideradas um todo e simplesmente e o termo "Gaia", que expressa reverência faz do planeta um ser vivo de que toda a vida depende. A esse fenômeno está associada a idéia que só uma personificação do planeta pode devolver-lhe uma identidade sagrada, de modo que seja possível estabelecer uma nova relação entre os seres humanos e o mundo natural. Não é coincidência que em pleno século XXI regresse a mentalidade grega para formular essa experiência, posto que no Ocidente a última Deusa da Terra foi Gaia. É certo que na mitologia clássica a Deusa já tinha a mesma posição de Mãe Suprema de todo o ser vivo que tinha no período Neolítico, no entanto, a terra seguiu sendo, inclusive em filosofia, um

⁵² Documento eletrônico. Disponível em: < <http://www.rosanevolpatto.trd.br/deusagaia.html> >.

ser vivo (zoon), segundo a terminologia platônica. Essa consciência perdeu-se nas referências judias e cristãs e essa perda se faz evidente no modo em que passamos a tratar a terra como se fosse matéria morta. Fica óbvio, portanto, que Maria, a Deusa Mãe reconhecida pela igreja cristã, tenha adquirido todos os atributos das Deusas Mães, exceto o de Deusa da Terra.

Nesse texto, faz-se referência à obra (e pensamento) do físico James Lovelock⁵³, à mitologia grega clássica⁵⁴ e, até, à igreja cristã. Outros autores voltados para os estudos ambientais também se remetem ao planeta Terra como ‘Mãe Terra’, a exemplo de Leonardo Boff, que inclusive ajudou a instituir o dia 22 de abril como o “Dia Internacional da Mãe Terra”. A expressão posta como nome dessa revista ambiental é bastante conhecida hoje, sendo denominação de música (Chimarruts), de reportagens com ênfase ambiental e até de livros (como ‘Astrologia da Mãe Terra’, de Márcia Starck, ‘Mãe Terra’, de Nancy Luenn, ‘Aprendendo com a Mãe Terra’, de Nicete Campos, e ‘A Humanidade e a Mãe Terra’, de Arnold Toynbee).

O nome da revista, dessa maneira, carrega todos esses sentidos e, talvez, até outros não citados aqui. O que se pode afirmar, tendo em vista a FD Ecosocial na qual o enunciado está inserido, é que, de forma semelhante à ‘Terra da Gente’, o sujeito-jornalista movimenta FImS para a construção de um discurso que esteja em sintonia com essa percepção de cuidado e proteção em relação ao planeta do qual somos parte.

Já o nome da terceira publicação a ser examinada é ‘Sustenta!’. A revista nasceu no final de 2008, quando os discursos sobre sustentabilidade e desenvolvimento sustentável já estavam incorporados pela sociedade, por empresas e pela mídia. Afonso conceitua sustentabilidade como:

Dentre as várias definições existentes sobre sustentabilidade, podemos esclarecer que o termo implica na manutenção quantitativa e qualitativa do estoque dos recursos ambientais, utilizando tais recursos sem danificar suas fontes ou limitar a capacidade de suprimento futuro, para que tanto as necessidades atuais quanto aquelas do futuro possam ser igualmente satisfeitas.

Esta noção é derivada do conceito de desenvolvimento sustentável, fruto de reflexões e debates ocorridos desde a década de 1960 e consolidado no relatório “Nosso Futuro

⁵³ Pesquisador independente e ambientalista. Lovelock desenvolveu a hipótese de Gaia, com base nos estudos de Lynn Margulis, para explicar o comportamento sistêmico do planeta Terra. A Terra é vista, nesta teoria, como um superorganismo

⁵⁴ De acordo com esta, Gaia é a deusa Mãe primordial, uma das primeiras divindades a habitar o Olimpo, geradora de todos os deuses, a deusa-terra, livre de nascimento ou destruição, de tempo e espaço, de forma ou condição.

Comum”, publicado pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento da ONU em 1987. De acordo com o relatório, ‘o desenvolvimento sustentável é aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem as suas próprias necessidades⁵⁵, (AFONSO, 2006, p. 11).

Essa noção, no entanto, foi transformada em alguns discursos em prol dos lucros. O conceito ‘desenvolvimento sustentável’ tornou-se, por vezes, limitado. O segmento empresarial fez uma apropriação mercadológica do conceito e restringiu sua atenção às questões relacionadas ao ambiente físico. No entanto, a busca por um futuro comum melhor persiste em alguns lugares.

O desenvolvimento sustentável é um conceito amplo e, devido a esta característica, permite apropriações diferenciadas e ideologizadas por segmentos sociais de interesse. Sua proposição básica de eficiência econômica, associada à eficácia social e ambiental, que significa melhoria da qualidade de vida das populações atuais sem comprometer as possibilidades das próximas gerações, constitui padrão normativo almejado pela maioria das sociedades humanas, hoje (MONTIBELLER F.º, 2004, p. 19).

Porém ‘Sustenta!’ pode ainda ser derivada do verbo sustentar, que significa, entre outros: auxiliar, amparar, impedir que alguma coisa caia, resistir a, conservar, manter, alimentar, dar o necessário para alguém viver, instruir, edificar, perpetuar, fortificar, defender. Entende-se que o nome da revista, por estar enquadrado numa FD Ecosocial, que tem ênfase na preocupação com o meio ambiente – e não com o crescimento econômico -, possui os efeitos de sentido possíveis ligado à sustentabilidade do planeta e/ou ao desenvolvimento econômico em sua acepção primeira, que visa ao respeito com o futuro das próximas gerações.

A posição-sujeito desse nome de revista parece não estar tão próxima da forma-sujeito da FD Ecosocial como os enunciados de ‘Terra da Gente’ e ‘Mãe Terra’, pois há sentidos possíveis que movimentam FImS da ordem do econômico, do uso dos recursos naturais como fonte de riqueza e lucro. Mesmo assim, tal nome está mais próxima que ‘Aquecimento Global’, responsável pelas movimentações de FImS vinculadas ao perigo, ao medo, às catástrofes.

⁵⁵ CMMAD. Nosso Futuro Comum. Rio de Janeiro: FGV, 1991.

O último nome a ser analisado aponta para uma catástrofe ambiental, um fenômeno natural que traz grandes prejuízos à vida humana: ‘Aquecimento Global’. Dentro da FD Ecosocial, esse enunciado sofre um deslizamento de sentido em comparação às outras publicações. Ao invés de trazer a ideia de algo que é nosso ou do qual somos filhos, dá espaço ao aspecto negativo das questões ambientais: dos desastres oriundos do desequilíbrio ambiental.

No Ecoguia (2008, p. 40/41), aquecimento climático é descrito assim:

Nosso planeta está se aquecendo: a temperatura subiu 0,5°C no século XX. É praticamente certeza que as atividades humanas são responsáveis por isso. Na verdade, durante mais de dois séculos, nós lançamos enormes quantidades de gases que intensificam o efeito estufa e podem fazer a temperatura da atmosfera subir. Se não diminuirmos nossos resíduos de efeito estufa, a temperatura corre o risco de subir 1,5°C a 6°C daqui até o fim do século XXI.

Aquecimento climático e aquecimento global são sinônimos para o fenômeno que estabelece o aumento da temperatura média na superfície terrestre. Ele é um dos responsáveis pelo agravamento da força dos furacões, do derretimento das calotas polares, das grandes enchentes, entre outros. Geralmente, o imaginário do aquecimento global está associado a tragédias, destruições.

Com isso, o nome da revista ‘Aquecimento Global’ ocupa uma posição-sujeito mais distante da forma-sujeito (que caracteriza e conforma a FD Ecosocial). O discurso pressupõe um viés mais trágico e fatalista. As FImS dos nomes das revistas antecipam uma ideia de meio ambiente desolado, destroçado, arrasado.

Os nomes das revistas desempenham funções diversas, como já discutido aqui: são as portas de entrada para os leitores, enunciados de captação (para compra e leitura), marca de identificação e referência, responsáveis pela unidade da forma dos discursos, etc. Mas o que se pode perceber em relação aos quatro nomes de revistas ambientais explorados?

Em primeiro lugar, nota-se o deslocamento de posições-sujeito dentro de uma mesma formação discursiva a partir dos efeitos de sentido de cada nome de revista. Enquanto duas publicações ‘Terra da Gente’ e ‘Mãe Terra’ abusam da percepção ambiental de espaço compartilhado, de cuidados, proteção, as outras duas seguem linhas

discursivas que deslizam para sentidos outros do campo semântico ambiental, que não se desligam da FD, mas se afastam da forma-sujeito.

‘Aquecimento Global’ demonstra ser o nome de publicação mais distante dessa forma-sujeito. As formações imaginárias que cercam esse enunciado trazem discursos negativos a respeito do meio ambiente, contrário ao que acontece com os demais nomes de revista. Essa escolha pode ter sido usada de forma estratégica, a fim de chocar o público e atraí-lo para a compra e leitura da revista. Sabe-se que notícias ruins vendem mais do que as boas. Será que nomes de revistas com enfoque mais pessimista também?

Já a revista ‘Sustenta!’ apresenta-se no meio dessas duas situações. Levando-se em conta somente o nome da revista (o que foi proposto), o enunciado é passível de múltiplos sentidos e, a partir da FImS de cada sujeito-jornalista e de cada sujeito-leitor, podem despertar discursos diversos.

5.3 Os Discursos dos Editoriais

O discurso dos editoriais sempre tem um tom argumentativo. É nesse espaço que há um posicionamento mais evidente do que se propõe o produto. “Geralmente, o editorial é motivado por assuntos tratados no jornal (ou revista) e é elaborado em conformidade com a linha de orientação do órgão jornalístico” (SOUSA, 2004, p. 100). Pode tratar de um só assunto ou comentar as principais pautas de cada edição, mas sempre está entre as primeiras páginas da revista e é assinado pelos editores das mesmas.

É ainda nesse espaço discursivo que se encontram as propostas editoriais de cada revista de forma mais nítida. Ao revelar as pautas abordadas em cada edição e justificá-las, os sujeitos-editores deixam pistas sobre a forma como a linha editorial percebe o contexto ambiental e quais são as intenções de seu discurso frente ao público em relação ao meio ambiente. Nesses discursos, a aproximação com o leitor é maior, e há constantes estratégias de interpelação (aquelas que realmente interpelam, na tentativa de trazer o destinatário para dentro do discurso da revista).

Separei os discursos dos editoriais nessa análise em razão da diferenciação de sentidos apresentados entre esses e as reportagens. Nota-se que a construção dos discursos ambientais desses espaços é bastante parecida entre as quatro publicações

(recorrência da FD Ecosocial), ainda que, nas reportagens, as revistas mostrem filiações diferentes. Seguem as análises individuais de cada revista⁵⁶.

‘Terra da Gente’

Os editoriais de ‘Terra da Gente’ carregam, em seus discursos, o sentido de buscar alterar a visão de mundo das pessoas para ampliar a ação sociopolítica do público leitor. Os sentidos positivos, em relação ao meio ambiente, predominam diante dos negativos. As SDs abaixo explicitam o discurso ‘das notícias boas’, que é cultivado por ‘Terra da Gente’.

1a - Melhor que iniciar o ano dando boas notícias é começar divulgando bons exemplos concretos. Por isso, guardamos para esta edição algumas histórias com claras mudanças de atitude, sempre na esperança de ver casos assim multiplicando-se pelo nosso País pelas mãos da população, com o apoio das mais diversas instituições.

2a - Por essa mania de insistir em uma agenda ambiental positiva, até alguns leitores nos consideram otimistas incorrigíveis. Mas o testemunho dos nossos repórteres é suficiente para demonstrar que não estamos sonhando e há possibilidades, sim, de construir uma nova relação com a natureza – menos predatória ou meramente utilitária, e mais racional e responsável.

3a - Esperamos, com tais bons exemplos, começar 2008 com o pé mais que direito, desejando a todos nós a melhor jornada possível durante o Ano Internacional do Planeta Terra. Que este seja um ano de boas notícias, tão necessárias quanto desejadas!

13a - Quatro anos completos na companhia de vocês, leitores, já nos remetem a um número considerável de boas lembranças. Vivemos juntos a aventura de conhecer as múltiplas faces do Brasil, nossa biodiversidade e as ricas diferenças culturais das diversas regiões – e até outros países – por onde andaram nossos repórteres. Contamos com colaboradores de várias localidades para nos enviarem notícias, fotos e dados valiosos. **E pudemos acompanhar o esforço de algumas comunidades, famílias e indivíduos**

⁵⁶ A ordem pela qual as revistas são analisadas segue a ordenação alfabética estipulada aleatoriamente para identificar as SDs, a fim de manter um padrão para o trabalho. Além disso, lembro que o estudo não é comparativo. Ele apenas verifica algumas semelhanças e diferenças com o intuito de reconhecer as especificidades de cada discurso. Optei por analisar as SDs em blocos em razão do grande número de discursividades extraídas e por revelarem sentidos e/ou estratégias similares.

empenhados em construir alternativas mais sustentáveis de desenvolvimento, combinando qualidade de vida e respeito à natureza.

30a – Pode-se discorrer horas a fio sobre as diferentes razões pelas quais tantos ciclos se sucederam, porém não é difícil ver que todos eles repetem o padrão de conhecimento e declínio sem alcançar a sustentabilidade de fato, aquela com 5 dimensões: ambiental, cultural, econômica, ética e social. **Alguns argumentariam que tal sustentabilidade é inatingível no plano real; é mais um sonho na longa lista regional. Talvez. Mas preferimos acreditar que ela pode ser construída, mesmo aos poucos.**

31a – Se vencermos o poderoso obstáculo da desinformação e da informalidade, se conseguirmos transformar em realidade uma pequena parte do potencial de uso da biodiversidade tropical, este poderá se tornar o maior legado socioambiental do mundo. Do tamanho da Amazônia...

As SDs destacadas transparecem o sentido de que outra realidade não é utopia e, sim, um esforço de mudanças em conjunto; coincide com a FId de que estamos todos dividindo a mesma ‘casa’ e que ela é um bem de todos. A própria revista enfatiza que não se importa com o fato de a ver como ‘otimista incorrigível’. Afinal, ela crê na transformação, em alternativas, em uma nova relação com a natureza, na salvação do meio ambiente.

A relação homem-natureza aparece várias vezes nos editoriais. Na SD 2a, é posto: “há possibilidades, sim, de construir uma nova relação com a natureza – menos predatória ou meramente utilitária, e mais racional e responsável”, o que revela a visão – por parte da revista – de um homem contemporâneo que utiliza o meio ambiente como fonte de riquezas e de desenvolvimento econômico (FD Ecotecnocrática). Homem e natureza são postos antagonicamente várias vezes, como se o homem não pertencesse ao meio ambiente. Mesmo que haja sentidos que levem à harmonização dessa relação, há atravessamentos que demonstram o homem como predador, aproveitador, insensível ao futuro da Terra. Os fragmentos que seguem demonstram esse sentido de indiferença do homem quanto ao restante do meio ambiente:

8a – Quando pequenos, aprendemos como funciona o ciclo da água. Fazemos experiências caseiras com o vapor, levando água ao fogão e ‘provocando chuva’ em tampas de panela. Depois observamos nuvens, garoas, tempestades, enxurradas, rios, a vegetação molhada, a sede dos animais, as múltiplas maravilhas que tiramos da água: energia, irrigação, processos

industriais, serviços urbanos a até lazer. Aprendemos que a mesma água não cresce nem diminui, mas vai e volta, reciclada e reutilizada há milhões de anos, num ciclo ininterrupto. **Então crescemos e esse saber tão básico some de nossas rotinas diárias, escondido nos encanamentos. Esquecemos de refletir sobre a origem e o destino de um recurso natural de uso constante. Esquecemos de cuidar do antes e do depois. Esquecemos que nossas atitudes podem interromper o ciclo, ao tornar a água imprestável.**

23a - Muitos animais e plantas da Mata Atlântica estão perto dos limites de resistência, após séculos de agressões derivadas de atividades humanas. Eles estão suspensos por um fio.

29a – Os muitos sonhos ali cultivados costumam ser tentativas de transformar tanta riqueza natural em desenvolvimento econômico. No início, claro, não havia a preocupação com a sustentabilidade – nem mesmo a palavra ou o conceito existiam. **A floresta parecia infinita e à disposição da ambição humana.**

Nessas SDs, é possível notar a percepção do homem (de uma maneira geral) em relação à natureza. Ele é o responsável pela degradação, pelo descuido, pelo esquecimento da natureza em função do cotidiano moderno (encanamentos). As crianças não compartilham com esse mesmo sentido (veja SD 8a). É a vida adulta, preocupada com o *status* e o enriquecimento, que torna a espécie humana desconectada do seu meio.

Por outro lado, simultaneamente, há uma outra visão do ser humano: aquela que se preocupa, que lê a revista ‘Terra da Gente’, que é agente multiplicador das boas ideias em prol do meio ambiente e está disposto a reverter o quadro das notícias ruins. Tanto cientistas e pesquisadores são investidos desse sentido, como o público leitor (que recebe o incentivo da revista para realmente fazer a diferença). Esse sentido de ser humano está expresso em alguns exemplos nas SDs:

14a - Temos, portanto, muito a agradecer. E, também, muito trabalho pela frente. Para prosseguir na busca constante por informação consequente e mobilizadora, e para melhorar o conteúdo e a apresentação de nossa publicação. **Esperamos, assim, continuar contando com sua companhia. Sempre.**

22a - É importante ressaltar, em ambos os casos, o papel dos consumidores no esforço para reverter às ameaças de extinção. **Embora os especialistas estejam diretamente envolvidos na avaliação do status do macaco-prego-galego e na elaboração dos tais planos de conservação, quem decidirá se eles vão funcionar são os habitantes de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte e os turistas em visita ao Nordeste, com a decisão de não comprar**

animais silvestres como mascotes. No caso do Cambuci, os comerciantes de frutas, os confeitadores e os donos de restaurantes podem se empenhar em reavivar a memória cultural, ao colocar o sabor do Cambuci em oferta, mas quem fará diferença mesmo serão os consumidores com suas decisões de compra.

24a - E nós precisamos fazer mais do que esperar que o fio agüente. Precisamos multiplicar nossas ações e contribuir para tecer reforços, amparando estas e outras espécies igualmente ameaçadas na eterna batalha pela sobrevivência.

37a - Esperamos que, ao voltar para suas casas e suas escolas, Alexandre, Amanda, Júlia e Leonardo também compartilhem com seus familiares e colegas o conhecimento adquirido, funcionando como agentes multiplicadores. Não importa se já não lembrarem exatamente do nome daqueles pássaros azuis fotografados no comedouro, em frente à pousada Pica-Pau, ou daquela ave branca de voz forte, cujo canto os acompanhou pelas trilhas. Importa é transmitirem o que quer que tenha ficado marcado em seus corações. Afinal, como disseram as próprias crianças, foi uma viagem para não esquecer.

Dessa forma, a revista apresenta *aqueles* homens que devastam o meio ambiente e *nós*, os que devem se comprometer a alterar o que se tornou hábito, rotina. Por ter um caráter conservacionista, a publicação investe no resgate de valores naturais, em busca de um olhar mais cuidadoso do homem frente à natureza. O discurso movimenta sentidos também de que é preciso observar nosso meio e aprender com ele:

9a – Uma das melhores maneiras de rever tal atitude e manter a água disponível para todos e para sempre é observar a natureza, refletindo esse aprendizado em nosso cotidiano ‘civilizado’.

10a – O reuso da água ajuda a reduzir desperdícios e a conservar os recursos hídricos. Começamos a acordar para essa alternativa um tanto tarde, pois muitas de nossas práticas atuais são poluentes e esbanjadoras. Mas ainda há tempo, se reaprendermos a enxergar na natureza uma fonte de inspiração.

O encantamento pelo aspecto ‘natural’ e pelas suas qualidades independentes do contato com a tecnologia humana não são frequentes nos editoriais, mas estão presentes, como na SD que segue:

28a - A Amazônia gera e alimenta sonhos há pelo menos 4 séculos. Cheia de superlativos, abriga imensas riquezas naturais e altíssima biodiversidade. É onde fica a maior floresta tropical do mundo, o maior rio do mundo, o maior volume de água doce do mundo, a maior mina de ferro do mundo, o maior peixe de escamas do mundo, a terceira maior reserva de bauxita do mundo e vários outros ‘maiores do mundo’ seguidos de ‘maiores do Brasil’ e ‘maiores de região’.

Na SD 28a, embora os fatos sejam verídicos, entende-se que há ênfase e deslumbramento com a grandiosidade da Amazônia. Os superlativos favorecem essa compreensão, assim como a citação de alguns bens naturais: biodiversidade, maior floresta tropical, grande volume de água doce, reserva de bauxita, mina de ferro, etc.

Por meio dessas construções discursivas, infere-se que a revista busca a não identificação do leitor com aquele homem que devasta. Ela separa o homem que destrói os espaços ‘selvagens’ do homem que, muitas vezes longe dele, compra a revista. A vida urbana não constitui o foco de interesse da publicação, embora seu discurso seja sobreposto por ele em algumas ocasiões.

Nos seus editoriais, a FD Ecosocial se faz mais presente que as filiações de sentido ligadas à FD Naturalista, justamente por querer aproximar o tema da preservação ao mundo do leitor. ‘Terra da Gente’ intui, por meio de seu discurso jornalístico, reverter o olhar do público, transformando-o em pessoas que se sensibilizam com a proteção e conservação do meio ambiente. Mediante o detalhamento dos modos de viver das espécies, busca somar forças para cuidar e manter a natureza distante de quem a destrói.

‘Mãe Terra’

Esta publicação também tem seus editoriais filiados à FD Ecosocial. Propõe o envolvimento com o destinatário e toma posicionamento favorável à possibilidade de uma nova situação ambiental. Como já mencionei, os editoriais de todas as revistas constroem a ideia de meio ambiente de forma parecida, esforçando-se para falar da relevância dos atos individuais e da esperança de que realmente é viável viver diferente.

Contudo, nos discursos dos editoriais de ‘Mãe Terra’, há alguns efeitos de sentido alarmistas que acabam por fazer deslizar os sentidos de um olhar humanista,

plural e integrado ao meio ambiente, para uma percepção egoísta (terei de mudar não porque o mundo está em perigo, mas porque eu posso morrer). É característica da concepção da Ecologia Rasa, que põe a espécie humana no centro do mundo.

Os efeitos de sentido alarmistas são derivados do uso de estratégias discursivas voltadas para chocar as pessoas, o que nem sempre gera alguma atitude. Falar de ‘sobrevivência humana’ traz sentidos imediatistas, contrários à preocupação com o futuro das próximas gerações.

1b - De todas as peculiaridades contraditórias de nosso mundo, a mais comprometedora é o desequilíbrio ambiental, na medida em que representar perdas irrecuperáveis, como florestas, espécies e, **principalmente, as alterações climáticas, cujo desfecho coloca em cheque a própria sobrevivência do homem.**

15b - Apesar dos maiores prejudicados serem as localidades que se situam próximas das camadas polares, **países como o Brasil também poderão ser afetados em razão de um possível aumento do nível das águas do oceano.** Erosão em áreas costeiras, alagamentos e alterações dos ecossistemas das regiões de foz dos rios, em face do avanço das águas salgadas, são algumas das conseqüências que o processo de degelo polar pode acarretar. **Isso apenas confirma que o mundo é um só e que não adianta acharmos que algo que ocorre em lugares longínquos – como o Ártico – em nada nos afetará. O degelo é um problema de todos nós.**

Essas SDs permanecem na FD Ecosocial, afinal, os sentidos indicam uma visão abrangente e interconectada do homem com a natureza (as causas do desequilíbrio ambiental afetam a todos). No entanto, elas carregam também sentidos particulares (a preocupação primeira é com a sobrevivência da espécie humana) que entram em choque com a definição dessa FD. Isso ocorre porque os sentidos não são puros, e as FDs estão suscetíveis a cruzamentos vários. Também ocorre porque, às vezes, os efeitos de sentido pretendidos por determinada estratégia discursiva não se realizam tais quais foram imaginados pelo enunciador. A expectativa poderia estar relacionada com a FD Ecosocial, mas o entendimento do outro (o sujeito-receptor) pode ser contrário, dependendo da FId na qual ele se inscreve.

Acrescento, porém, que o predomínio dos sentidos que perpassam os discursos dos editoriais dessa publicação são aqueles que buscam uma relação harmônica entre homem e natureza, na perspectiva de um mundo melhor para todos, como podemos verificar a seguir:

3b - Deste modo, nos congratulamos com todos aqueles que lutam por dias melhores para a humanidade e para a natureza, fazendo deste espaço um veículo para divulgar e disseminar todas as ações e empreendimentos que tenham como meta a preservação do meio ambiente, o desenvolvimento sustentável e o respeito à vida de um modo geral.

23b – A degradação ambiental, a escassez de alimentos, as mudanças climáticas, sem falar nas guerras e nas doenças que assolam grande parte do planeta mostram que o ser humano convive com grandes possibilidades e grandes decepções. Superar as contradições é o desafio do século XXI. Deste modo, fazer com que os extraordinários avanços da ciência e da tecnologia sirvam para estancar a degradação ambiental, reduzir as desigualdades sociais e pôr fim aos conflitos e proliferação de doenças endêmicas é o que deve nortear a ação dos governos e da sociedade civil neste novo milênio.

24b - Na base para superar esses desafios está a educação, a formação dos indivíduos e a construção de uma consciência crítica e holística. É nesse cenário que a educação ambiental se constitui numa modalidade ampla da educação, pois aquele que não compreende e não respeita o meio em que vive não poderá respeitar nem a si mesmo, nem ao próximo. Aquele que pouco se importa com a devastação das florestas, porque vive longe delas, é alheio não apenas ao que acontece lá, mas também com todos os problemas que o cercam. Pensar e agir além do imediato e além do próprio umbigo é sustentáculo para a formação de uma nova geração de homens e mulheres que sejam livres e solidários para com o mundo de uma forma geral. A semente para essa caminhada se chama educação.

25b - Os alicerces de uma nova educação devem passar pela relação do homem com a natureza, visando um modelo de desenvolvimento sustentável, em que o progresso econômico e a geração de renda e empregos caminhem lado a lado com a conservação e a preservação das riquezas naturais, da fauna, da flora e dos ecossistemas ameaçados.

Essas SDs exemplificam a ênfase na ‘superação de desafios’, ‘na luta por dias melhores para a humanidade e natureza’, no ‘pensar e agir além do imediato’ e na busca de ‘um novo modelo de desenvolvimento sustentável’. São sentidos de uma percepção ambiental focada na igualdade entre homem e natureza e na preocupação com o futuro das gerações que estão por vir; sentidos voltados para a compreensão de que dividimos o mesmo espaço e dependemos dele para viver; sentidos que se inscrevem, de forma direta, na FD Ecosocial.

‘Sustenta!’

Os discursos editoriais de ‘Sustenta!’ estão filiados principalmente à FD Ecosocial, sendo condizentes com as ainda recentes teorias do jornalismo ambiental. A revista utiliza vocabulário acessível, fontes diversas, bons recursos de captação do leitor e, o mais importante, acredita estar fazendo um jornalismo transformador.

A revista incita a mobilização de todos para que o futuro seja garantido. Sob a FId que diz que a Terra é um bem de todos, os sentidos de seus discursos buscam sublinhar a dependência entre homem-natureza a partir da necessidade de se ter uma preocupação coletiva com o futuro da humanidade:

2c - A revista que você tem em mãos nasce entusiasmada com as possibilidades de mudança. Mas não é ingênua ou leviana a ponto de achar que tudo caminha bem. Há percalços, injustiças, estupidez, desigualdade. **Cabe a nós adotarmos a postura responsável de apresentar ao leitor o maior número de informação possível, colhidas de fontes diversas e sérias – e reunidas de maneira instigante, que convide à leitura.**

3c - A intenção de Sustenta! é ser profunda no que se propõe discutir, mas jamais sisuda ou intransigente. É também a de ser divertida quando o assunto permitir. E provocativa, sempre, sem se deixar levar pelos discursos oficiais ou o bom-mocismo que muitas vezes toma conta dos diálogos supostamente sustentáveis.

4c - O que buscamos é trazer o tema a partir de uma visão menos viciada, fazendo as perguntas que têm de ser feitas e dando voz às partes envolvidas. E, nesse caso específico, envolvidos somos todos nós, que a cada bife saboreado ou a cada novo móvel na decoração da casa estamos lidando com o uso de recursos extraídos daquela região do país (Amazônia).

Nessas primeiras sequências discursivas (fragmentos do primeiro editorial), apreendem-se sentidos que estão ligados a uma ideia de responsabilidade coletiva sobre as questões ambientais, a iniciar por quem trabalha com a informação ambiental (a revista apresenta o que cabe a ela, o que pretende, sua proposta). Mas, a partir desse sentido de mostrar que quer ‘fazer sua parte’ a favor da causa ambiental, ela também diz, de forma implícita, que o leitor deve cumprir seu papel.

A revista ‘nasce entusiasmada com as possibilidades de mudança’, o que quer dizer que ‘Sustenta!’ acredita na atitude humana e na construção de um novo olhar sobre o meio ambiente (sem um público que acredite no que ela diz, ela deixa de existir). Assim, na SD 4c, ela já inclui o destinatário no seu discurso ‘envolvidos somos todos nós’, a fim de remeter o leitor a uma identificação com a linha editorial e reforçar o seu contrato de leitura.

A revista afirma agir e pensar conforme as ideias que regem o jornalismo ambiental, tentando trazer soluções e olhares novos sobre as temáticas (uma agenda na qual predominam assuntos positivos). Atenta-se que a revista argumenta se diferenciar por afastar-se dos discursos oficiais que vêem a sustentabilidade somente quando esta é progresso financeiro. Dessa forma, neste momento em particular, nega os sentidos oriundos da FD Ecotecnocrática. Essas primeiras demarcações evidenciam uma perspectiva contundente com a preocupação da qualidade de vida do planeta e do compromisso que o meio ambiente precisa alcançar no cotidiano das pessoas.

12c - Começamos bem! Se esperávamos uma boa acolhida ao número 1 da Sustenta!, pela premência do tema, não podíamos imaginar a variedade de lugares a que ela chegou tão rápido, e o entusiasmo com que foi recebida. Sinal de que a sustentabilidade do planeta, sua sobrevivência, é assunto do dia-a-dia, saiu do gueto das ONGs e universidades e já virou assunto das conversas das ‘pessoas comuns’. Isso mesmo, nós.

14c - Não é mais possível que as empresas continuem considerando que sua função primordial é ‘gerar lucro para o acionista’, como ainda se aprende nas escolas de negócios. A preocupação com os fatores sociais e ambientais não pode mais ser encarada pelos administradores como um custo, que deve ser cortado sempre que necessário. Não é só o planeta que não suporta mais o modelo, é a própria economia, e as bolsas arrebentadas mundo afora são a prova maior disso.

21c - Está claro que não é mais possível construir que quer que seja – uma casa, uma estrada, uma indústria, um sistema econômico – sem pensar em seus impactos, suas conseqüências. E é disso, essencialmente, que trata essa revista: de tudo que não foi bem construído pelo homem e de tudo que tem sido feito para que o futuro seja mais saudável.

22c - Dentro dessa nova lógica, da necessidade de mudar mentalidades e atitudes, fazemos uma pequena provocação ao leitor: no mês do Natal, das festas e dos excessos, propomos uma reflexão sobre o consumismo

exacerbado que tem regido nossas relações. Comprar é bom, é necessário, faz a roda do mundo girar. Mas ver objetos materiais como conquistas supremas na vida nos parece um problema.

O bloco acima representa SDs dos editoriais da segunda e terceira edições de ‘Sustenta!’. A FD Ecosocial permanece predominando os sentidos desse espaço discursivo. Por meio de expressões com forte juízo de valor como: ‘não é mais possível...’, ‘está claro que não é mais possível...’, a revista demarca sua posição a favor do meio ambiente e a tentativa contínua de alterar a percepção de que o ambiental está lá (longe, na Antártida, por exemplo) e não aqui (no dia-a-dia das pessoas).

Os sentidos dessas SDs apontam para a descoberta de um outro cidadão – mais consciente e engajado com a proteção das gerações futuras. Isso é percebido quando a revista afirma que a sustentabilidade “já virou assunto das conversas das ‘pessoas comuns’. Isso mesmo, nós”, que “não é só o planeta que não suporta mais o modelo, é a própria economia, e as bolsas arrebentadas mundo afora são a prova maior disso”; que o foco da publicação é “tudo que não foi bem construído pelo homem e de tudo que tem sido feito para que o futuro seja mais saudável”, que é necessário fazer uma reflexão sobre o consumismo de “objetos materiais como conquistas supremas na vida nos parece um problema”. Tomando o lado da sustentabilidade, os editoriais tocam em assuntos cotidianos com o intuito de ‘fazer o público saber’ qual é a situação atual e como se pode interferir nela em razão de um lugar melhor para todos.

Quando assume que hoje existe um dever em alterar as antigas concepções sobre a natureza e nossos modos de vida (‘necessidade de mudar mentalidades e atitudes’), está emitindo sentidos de que procura fazer um jornalismo diferenciado, que vá além do informar, que opere na incorporação de outra visão de mundo.

‘Sustenta!’ traz o leitor para dentro de seus discursos e espera cativá-lo a mudanças no seu dia-a-dia em benefício de um planeta mais sustentável. Além de contar com uma agenda positiva, pauta questões diretamente integradas com a rotina dos centros urbanos (sublinhando a interdependência da atividade humana e o cuidado com a qualidade de vida no planeta).

‘Aquecimento Global’

Os editoriais de ‘Aquecimento Global’ vão ao encontro dos sentidos já expostos nas outras revistas. Regidos pela FD Ecosocial, mostram marcas discursivas de uma mudança possível no quadro das questões ambientais, sendo otimista. A ideia de meio ambiente é construída a partir de maneiras de amenizar os danos ao planeta. Os sentidos de meio ambiente estão relacionados às consequências ambientais com as quais já nos defrontamos:

2d - Nesta edição da revista Aquecimento Global você vai perceber que é difícil, mas possível reverter esse quadro. Estabilizar as emissões de CO2 e de outros gases causadores do efeito estufa é uma opção economicamente viável. Existem soluções em nível político, como o Protocolo de Kyoto, no âmbito energético e de transportes. E as alternativas não param por aí. Toda a comunidade científica concentra esforços para que a situação do planeta não se deteriore ainda mais.

11d - A On Line Editora demonstrou o desejo de amenizar os efeitos do aquecimento global e contribuir para um mundo melhor. No processo de fabricação e comercialização da revista, emitiram-se 6 toneladas de CO2, que já foram recompensados com o plantio de 38 árvores no interior do Estado de São Paulo.

17d – Para tentar, ao menos, amenizar a situação atual do Planeta, a equipe de Aquecimento Global relaciona, a cada edição, alternativas e fatos de fundamental importância.

22d – Depois de me questionar inúmeras vezes, encontrei a resposta em várias iniciativas isoladas que tem feito a diferença não só para as comunidades, mas para todo Planeta. Só nesta edição de Aquecimento Global, existem diversas histórias de quem abraçou a causa ambiental em busca de um futuro melhor.

Como nos demais editoriais analisados, o estímulo para que os leitores façam o que esteja ao seu alcance é constante (a revista questiona o leitor e o faz refletir sobre o que está acontecendo ao seu redor). ‘Aquecimento Global’ costura uma percepção de que o meio ambiente é de todos, tem solução e precisa de informação para se conscientizar. A revista pode ser vista como uma oportunidade de conhecer mais as questões ambientais para, então, agir de forma consciente:

21d – Confesso que, às vésperas do Dia Mundial do Meio Ambiente (5 de junho), cheguei a pensar que não havia motivo para comemorar. Os dados divulgados pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) eram

assustadores: ‘A cada dez segundos, é desmatada uma área equivalente a um campo de futebol na região amazônica’. Ainda tem escassez de água, a crise mundial de alimentos e as alterações climáticas provocadas pelo aquecimento global. É possível celebrar?

32d – Modismos à parte, toda essa carga de informação é necessária para que as atitudes humanas sejam modificadas. E isso não só em relação ao âmbito individual ou familiar, mas também no que diz respeito às condições coletivas, sejam elas em comunidades, municípios, países e até com alcances globais, incluindo-se aí as empresas e as corporações financeiras e políticas. Ou seja: o mundo todo tem que se conscientizar de que o problema do aquecimento global e da degradação do meio ambiente diz respeito a todos e a cada um de nós. E que esforços em prol de reverter o quadro alarmante em que o planeta se encontra devem ser colocados em prática com a máxima urgência e em todos os setores possíveis.

33d – A boa notícia é que milhares de pessoas já pesquisam, estudam, analisam, planejam, conscientizam e agem neste sentido todos os dias. Que tal ser uma delas?

Os sentidos da FD Ecotecnocrática não são representativos nos editoriais de nenhuma das quatro revistas analisadas. Aparecem, eventualmente, disputando sentidos em temáticas econômicas, tecnológicas e científicas. No discurso editorial de ‘Aquecimento Global’, verificou-se uma SD que representa essa FD:

1d - Países em desenvolvimento, como a China, a Índia e o Brasil, são responsáveis por parte das emissões de gás carbônico e outras substâncias nocivas ao meio ambiente. No entanto, **não faz parte dos planos interromper o crescimento econômico para salvar o planeta. No Primeiro Mundo, a realidade não é diferente. Nos Estados Unidos, George W. Bush optou por fazer vista grossa ao fato de que o clima na Terra está mudando e tende a provocar cada vez mais catástrofes.** Nesse ‘jogo de empurra’, ninguém quer se comprometer, mas o resultado será desastroso para as futuras gerações.

Embora o fragmento 1d traga a visão de que os interesses econômicos prevalecem sobre os ambientais, ao final da SD estão presentes os sentidos da FD Ecosocial (a preocupação com as futuras gerações). Identifica-se, assim, nessa SD um atravessamento, com presença de sentidos de duas FDs antagônicas. Nesse caso, a presença da FD Ecotecnocrática ocorre com o objetivo de fazer críticas ao modelo de crescimento econômico sob a perspectiva da FD Ecosocial.

Não é difícil encontrar sequências discursivas na qual a contradição de sentidos está presente. A disputa de sentidos é intrínseca ao funcionamento discursivo.

Concluo este tópico afirmando que o discurso dos editoriais das revistas analisadas falam majoritariamente do mesmo lugar (FD Ecosocial), a partir, então, da mesma FId (de que a Terra é um bem de todos). Ainda que possuam destaques diferenciados (ênfase no alarmismo, nos casos positivos ou na mudança de perspectiva do leitor), elas dão atenção à relação entre homem e natureza de forma equilibrada e percebem o meio ambiente de acordo com as perspectivas do jornalismo ambiental. Buscam refletir sobre as questões ambientais e incluir o público nas ações para que haja sustentabilidade na Terra. A semelhança entre elas pode ser decorrente da especialização temática das publicações, condizente com a visão ecologista de seus editores.

5.4 Os Discursos das Reportagens

A reportagem é o espaço do exercício jornalístico no qual encontramos um texto mais contextualizado, interpretativo, aprofundado e com exposição de causas e consequências. Sousa (2004, p. 97) afirma:

O principal objetivo de uma reportagem é informar com profundidade e exaustividade, contando uma história. No meio jornalístico ouve-se frequentemente a expressão ‘uma reportagem é uma notícia vista à lupa’. Mas, neste gênero, procura-se ainda que o leitor ‘viva’ o acontecimento.

A reportagem jornalística não precisa ter ligação direta com a atualidade (como as notícias), ainda que esteja ancorada nela. Segundo Charaudeau (2006, p. 221), a reportagem “deve adotar um ponto de vista diferenciado e global (princípio de objetivação) e deve propor ao mesmo tempo um questionamento sobre o fenômeno tratado (princípio da inteligibilidade)”, isto é, dedica-se às explicações e questionamentos dos fatos. Além disso, deve agir também conforme o duplo movimento da finalidade da informação, a fim de satisfazer às condições de credibilidade e às de sedução, necessárias para a captação.

Diferente dos editoriais, que possuem um traço argumentativo, as reportagens zelam por um distanciamento do leitor. Seus textos buscam focar-se em estratégias que surtam efeitos meramente informativos (embora, às vezes, os efeitos de sentido sejam outros). Ao invés de aproximar o leitor e explicitar a opinião, as reportagens tendem a buscar efeitos de sentido de objetividade e, ao recorrerem às fontes, sofrem mais deslizamentos de sentidos.

Se nos editoriais a ideia de meio ambiente pareceu ser bastante homogênea nas quatro revistas, nas reportagens essa construção discursiva, pela própria natureza da produção jornalística, torna-se mais heterogênea. Explico: os editoriais são escritos por uma só pessoa, que não entrevista ninguém para isso; já as reportagens são feitas a partir de várias fontes e ainda passam pelos retoques de revisores e editores. Assim, a probabilidade de haver mais divergências de sentidos aumenta quando há mais interferências sobre o mesmo discurso.

‘Terra da Gente’

Os sentidos dados pela revista ‘Terra da Gente’ são os voltados majoritariamente à natureza. O homem, na maioria dos casos, só é mencionado quando há exploração, como agente explorador. Assim sendo, embora a revista possua sequências discursivas que se enquadrem na FD Ecossocial e até na Ecotecnocrática, é a FD Naturalista que recebe maior destaque no discurso de suas reportagens.

As SDs seguintes revelam esse olhar sobre o meio ambiente afastado do homem, independentemente de suas ações. Os indígenas são a exceção nesse contexto (eles são os homens integrados ao meio ambiente). Nas reportagens de capa analisadas, o que recebe destaque são os modos de viver de espécies animais.

15a – Todos os anos, no município de Oiapoque, no extremo Norte do Brasil, os quelônios se aglomeram nas várzeas durante os meses de setembro, outubro e novembro, e então reiniciam seu ciclo de reprodução, em nome da perpetuação das espécies.

16a – Todos os anos, depois da postura, os ninhos são reabertos por lagartos, aves e mamíferos e parte dos ovos é consumida, cumprindo seu papel na cadeia alimentar amazônica. E também os indígenas do Oiapoque recorrem aos ovos – e aos animais adultos – para suprir as necessidades de uma população cada vez maior.

24a – Olhar dócil e semblante calmo, com uma pequena máscara amarela escura contrastando com o topete dourado, reluzente ao sol.

40a – No Brasil, ocorrem 3 espécies conhecidas de cervídeos cujos machos apresentam chifres ramificados, também chamados de galhada. Os chifres podem cair após a estação reprodutiva, crescendo novamente no ano seguinte.

Nesse discurso, a percepção de meio ambiente é construída a partir da FId de ‘natureza intocada’. Há uma reverência sobre as peculiaridades do viver animal longe dos homens. A flora e a fauna são pautas constantes, e as reportagens debruçam-se sobre particularidades e/ou curiosidades de espécies que tornam o mundo mais belo e gracioso. Estão intimamente alinhadas à contemplação e à sacralidade da natureza apontada por Alier (2007) em sua corrente ‘culto à vida silvestre’.

No entanto, a FD Ecosocial não deixa de permear esse foco naturalista, quando menciona o homem como aquele que se identifica com a proposta da revista e quer auxiliar na conservação:

4a - Uma ave rara põe no mapa uma pequena cidade do interior da Bahia, vira inspiração, promove conhecimento e muda a relação da população com o meio ambiente.

11a –Nascem os 3 primeiros filhotes brasileiros, fruto de transferência de embriões. Com boa saúde, eles reforçam o ‘banco de reservas’ do eterno jogo da vida contra a extinção.

17a – O objetivo principal é proteger a reprodução dos trcajás para recompor os estoques naturais e, assim, amenizar o impacto do consumo dos ovos. O projeto inclui ainda um trabalho de resgate cultural através de atividades artesanais em madeira e da construção de um antigo instrumento musical chamado Gawgaw, uma espécie de caixa de ressonância feita com o casco de trcajá, cujo som varia de acordo com o tamanho do casco.

18a – As crianças tornaram-se co-responsáveis no cuidado dos ovos e dos filhotes de trcajás. Elas só não participaram das etapas de identificação dos ninhos e da coleta de ovos – executadas pelos pesquisadores e agentes ambientais com autorização do Ibama – porque implicavam longos deslocamentos pelos rios espalhados pelas terras indígenas. Mas foram colaboradoras entusiasmadas do ‘plantio’ dos ninhos – como é chamado o transporte dos ovos até covas cercadas e situadas nas aldeias. Também ficaram incumbidas de vigiar o cercado até a eclosão dos ovos – o que leva em torno de 60 dias

após a postura – e, principalmente, de cuidar dos filhotes até o endurecimento do casco – o que consome outros 3 meses.

19a – Para Sztutman, os pequenos têm o papel de levar a conscientização para dentro de casa: ‘As crianças se encantam com os tracajazinhos, interagem, se divertem, criam uma relação direta. Os pais, claro, olham e se encantam com esse encantamento’. O envolvimento das crianças leva ainda ao envolvimento das escolas, contribuindo para a disseminação do projeto entre os adultos.

26a – Pelo menos 60% das matas remanescentes com estrutura mínima para abrigar grupos de macacos-galego estão em áreas privadas, pertencentes a usinas de cana-de-açúcar. **Historicamente associadas à devastação da Mata Atlântica no Nordeste, os proprietários de algumas dessas usinas começam a entender seu papel crucial na conservação dos remanescentes florestais e de seus respectivos habitantes em perigo de extinção.** Mas ainda são muito poucas as áreas com corredores de interligação, as matas em condições de sustentar grupos numerosos de primatas ou condições mínimas de segurança contra o assalto dos traficantes.

32a – Extrair minérios da Amazônia sem considerar as questões ambientais e sociais do entorno já não é mais possível. Mas desenvolver um novo padrão de mineração, mais sustentável, não é imediato nem simples. Implica a priorização de transparência, a construção de processos participativos para tomar decisões, cronogramas de implantação muito mais longos e investimentos de porte, não só medidas de redução de impacto, como em projetos paralelos de conservação ambiental.

Revelando-se portadora de um discurso bastante heterogêneo, ‘Terra da Gente’ tem intersecções com discursos oriundos também da FD Ecotecnocrática. Os sentidos voltados para o meio ambiente como fonte de crescimento econômico e vendo o homem como superior à natureza (e, por isso, muitas vezes, como destruidor da mesma, como na SD 17a), são identificados, embora com menor frequência.

6a - Embora a caça permaneça como um hábito culturalmente arraigado, a maior ameaça às aves e demais animais, em Boa Nova, é o desmatamento para a retirada de lenha, ainda o principal combustível dos fogões. É comum deparar com crianças trazendo burros carregados de lenha para vender de casa em casa.

7a - A grande expectativa hoje, em Boa Nova, é a criação de uma unidade de conservação para assegurar a mata de cipó e trazer mais alternativas econômicas para a cidade. Segundo o prefeito Adonias da Rocha Pires de Almeida, a região é propícia para o ecoturismo, por conta de suas

matas, nascentes e cachoeiras, além da grande diversidade de flora e fauna. ‘Já recebemos observadores de aves norte-americanos e europeus há alguns anos, o que se incrementou depois da chegada da Save. **Mas ainda não temos infra-estrutura, e a criação de um parque deverá impulsionar isso**

33a – Para operar Carajás, a Vale construiu um conjunto **de vilas com 1.300 casas, mais estabelecimentos comerciais e estruturas de lazer.** A internacionalização das questões ambientais só começou, timidamente, com a criação de um zoológico e um viveiro de espécies nativas. Agora, a filosofia é outra, de inserção na realidade local.

35a - Em sua nova mina, a Alcoa ainda está investindo em levantamentos de fauna e parcerias para assegurar proteção à biodiversidade. O trabalho começou em 2004, com a Conservação Internacional, com o apoio de projetos de pesquisa e conservação no Parque Nacional da Amazônia, em Itaituba, e agora prossegue em uma das áreas mais ricas em espécies da região, entre os rios Tapajós e Madeira, ao Oeste do Pará e Leste do Amazonas.

38a - ‘Fui ao zoológico e logo vi que não se tratava de um veado-mateiro (*Mazama americana*) e muito menos de um veado-catingueiro (*Mazama gouazoubira*). Era menor do que eles costumam ser, com cerca de 40 centímetros de altura, a pelagem mais avermelhada, mais escuro no dorso, pescoço cinza nas laterais, manchas brancas na base da orelha, na maxila e na mandíbula. As patas dianteiras eram mais curtas que as das espécies conhecidas’, conta (Maurício) Barbanti. Seu coração disparou: ‘**Senti que podia estar diante de algo diferente**’.

39a – O próximo passo é encontrar um representante da espécie em ambiente natural. Isso, sim, foi um desafio. Predados praticamente por todos os carnívoros, inclusive o homem, os cervídeos são bons em fugas: ariscos, desconfiados e rápidos.

41a – A recompensa vem no dia 25 de junho de 2000. O primeiro veado-mateiro-pequeno selvagem é capturado; um macho adulto de 24kg, saudável e esperto. ‘Era tudo que a gente queria!’, comemora Barbanti.

O valor dado ao que é ambiental não é somente atribuído ao recurso financeiro, mas pode ser usado de forma a ganhar visibilidade (como no caso de pesquisadores e empresas). A SD 41a é representativa: a recompensa dos pesquisadores é dada pela captura de um animal que poderia dar reconhecimento à equipe. O comentário do pesquisador na SD 38a tem o mesmo sentido: tirar proveito do meio ambiente em razão de interesses particulares. Como a maioria das fontes são *lattenizadas*, é importante pensar nos investimentos, prêmios e oportunidades que projetos científicos

movimentam quando dedicados ao meio ambiente. O sentido geral da matéria, com certeza, não é divulgar apenas o mérito dos pesquisadores, mas esse é um sentido que desliza entre os demais.

Na situação das empresas (Alcoa e Vale) as intenções podem ser positivas, mas, diante da valorização de ações socioambientais no mercado empresarial, há de se pensar que tal sentido pode manifestar interpretações outras, relativas à visibilidade e aos benefícios, frutos da responsabilidade socioambiental. Nesse caso, os sentidos de se falar em números e ações positivas em relação ao meio ambiente podem gerar significados múltiplos: servir de exemplo para outras empresas, ser reconhecidos pelo seu esforço ambiental ou, ainda, praticar ‘*marketing verde*’. Liana John deixou claro (nas respostas enviadas) que ‘Terra da Gente’ não realiza matérias pagas nem há informes publicitários mesclados no corpo da revista. “Quando citamos uma empresa no corpo da matéria, é porque a empresa faz um trabalho reconhecido pela reportagem ou por especialistas como uma iniciativa de valor ambiental. Não inserimos o nome de empresas em reportagens pelo fato de serem anunciantes, nem fazemos *merchandising*” - disse a editora.

De qualquer modo, a FD Ecotecnocrática surge nas revistas ambientais, na maioria das vezes, para que a FD Ecosocial possa questionar sua postura, culminando em críticas ao seu olhar mecanicista.

12a – Consangüinidade é um ‘veneno’ para as espécies silvestres vítimas de fragmentação florestal. **Quando o homem transforma floresta contínua em ilhas de mata isoladas, os animais perdem a liberdade de circular atrás de suas presas (ou fugindo de seus predadores); perdem fontes de alimento e de abastecimento de água; perdem acesso aos abrigos, tocas e locais adequados para a reprodução; e perdem também a possibilidade de se reproduzirem fora de seu círculo familiar.** Isso é particularmente grave para espécies de hábitos solitários que só buscam parceiros na época de acasalamento, como a maioria dos felinos.

Ademais, os discursos exibem heterogeneidade nos próprios recortes discursivos. Há vários sentidos em tensionamento. Na extração 12a, por exemplo, é possível identificar marcas da FD Ecosocial (preocupação com a perda das espécies) e da FD Naturalista (quando fala dos hábitos solitários das espécies silvestres).

Mesclando sentidos de três filiações distintas, os discursos das reportagens de ‘Terra da Gente’ variam conforme o tema da pauta. Nas reportagens que se destinam à descrição de uma espécie, seus modos de vida e seu habitat, a FD Naturalista é predominante, afastando/apagando a relação do homem com a natureza. Como a maioria das reportagens de capa segue esse viés, no *corpus* analisado, os sentidos predominantes derivam dessa FD. A Ecosocial é a segunda mais recorrente, estando ligada à atuação do homem nos projetos de conservação. Por fim, a Ecotecnocrática ocorre em momentos diversos e esporádicos, seja quando o homem é quem coloca as espécies em extinção (deixando implícita sua relação de poder e dominação diante das outras espécies), seja quando os recursos naturais são colocados para dar visibilidade, reconhecimento ou valor econômico.

‘Mãe Terra’

As reportagens de ‘Mãe Terra’- semelhantes às de ‘Terra da Gente’- possuem discursos atravessados por todas as FDs formuladas para essa análise, entretanto a FD Ecosocial é a que mais aparece aqui. A relação homem-natureza é contínua e o apelo para que mudanças ocorram ou que os leitores se envolvam na causa se repete continuamente:

9b - Como se fosse um ciclo vicioso, à medida que o adensamento populacional crescer, se mantidos os padrões atuais de atividades humanas, a produção de gases de efeito estufa também aumentará, agravando o aquecimento e seus efeitos. Alterações econômicas profundas ocorrerão e doenças como a dengue, a febre-amarela, a cólera e outros males contagiosos poderão se espalhar epidemicamente.

10b - A conclusão de que o aquecimento anormal é resultado da ação humana é defendida por 30 comunidades científicas do mundo, inclusive das grandes potências industrializadas. Poucas são as manifestações científicas contrárias a esta visão, uma delas é o da Associação Americana de Geólogos do Petróleo, que atribui o aquecimento a causas naturais. No entanto, parece que, como outras manifestações individuais, essa parece agir advogando causa própria e imediata, em detrimento do interesse geral de defender a vida do planeta.

31b - A escassez de água e as poucas opções de sobrevivência forçam milhares de famílias a procurar um novo habitat que geralmente fica dentro ou próximo dos

parques nacionais. O conflito entre o homem e os animais é constante.

37b – A temperatura da areia durante o período de maturação dos ovos influencia diretamente no sexo dos futuros filhotes: caso a temperatura média seja acima dos 29° C a maioria das tartaruguinhas será de fêmeas. Por isso a ocupação imobiliária das áreas litorâneas utilizadas para a desova é tão preocupante. A sombra de edifícios acaba esfriando a temperatura da areia e influenciando na população dos animais, agravando para que aumente a população de machos e diminua a de fêmeas.

Nas SDs elencadas no bloco acima, destaca-se um discurso explicativo que expõe conexões entre a atividade humana e a sobrevivência de outras espécies. O descaso com os sinais de desgaste da vida no planeta traz consequências que, às vezes, parecem distantes, entretanto, em um sistema vivo e interdependente (como é o lugar onde vivemos), não há como fugir dos resultados causados por tantos impactos.

A revista possui fragmentos de texto de incentivo às mudanças individuais, típicas de um jornalismo engajado. Não faz o uso de interrogações nem interpelações diretas com tanta ênfase, mas trabalha com a tentativa de chegar ao leitor e mobilizá-lo:

18b - A grande esperança é de que a pressão social e os processos eleitorais em grandes potências como os Estados Unidos, um dos que mais resistem ao Protocolo de Kyoto, sejam capazes de modificar a visão e o compromisso dos governos sobre a gravidade da situação e a urgência da adoção de mecanismos para conter o mal do milênio, que pode levar à destruição do mundo.

34b - Para além dessas questões, esse dia procura, principalmente, fazer com que se reflita sobre o modo de vida criado no século XX, onde se desenvolveu uma espécie de ‘carrolatria’. Nessa cultura, carro é sinônimo de status, de prazer, de competição. Romper com isso é básico, afinal, ele é responsável por grande parte dos danos ambientais e urbanos do ar é gerada por transportes movidos a combustível fóssil.

38b – As tartarugas marinhas, porém, continuam ameaçadas de extinção, o que significa ser fundamental dar continuidade ao programa de conservação, com o apoio de todos e para o bem de todos os envolvidos.

Ao falar da importância da pressão social, da necessidade de romper com o antigo modo de vida e da relevância do apoio de todos, traz consigo o sentido de que o leitor faz parte dessa totalidade. O sentido de coletivo embutido nessas SDs deixa registrado que o dever de mudanças também é seu, meu, da sociedade enfim.

Como já verificado na análise de ‘Terra da Gente’, as filiações de sentidos modificam-se em função da escolha da pauta. Das quatro revistas observadas, duas capas trazem ilustrações relativas aos problemas socioambientais (intensificação do aquecimento global e falta de água) e outras duas enfatizam a ameaça às belezas naturais (savana africana e tartarugas marinhas). Dessa maneira, as primeiras possuem predominância na FD Ecosocial, enquanto as últimas possuem os sentidos divididos entre esta FD e a Naturalista. Seguem, abaixo, SDs que revelam discursividades ligadas à perspectiva naturalista:

26b – O cenário é relativamente familiar. Animais de grande porte, alguns ferozes e velozes. Vegetação rasteira, árvores esparsas, rios e riachos. De repente, um grande estouro surge à frente e centenas de zebras, girafas, e outros tantos bichos atropelam o que estiver pelo caminho.

27b – Mais adiante, animais gigantescos repousam enlameados em pequenos riachos. Cobras, lagartos, pássaros, macacos e, felinos tão sanguinários quanto belos, compõem um cenário que ficou imortalizado pelo imaginário do homem ocidental, seja através dos clássicos de Hollywood, seja através de documentários ou da grande quantidade de livros e revistas sobre tão fascinante local.

28b - Savana africana, um ecossistema ameaçado, que abriga uma das maiores biodiversidades do planeta e cuja fauna é, de longe, a mais espetacular para os olhos.

29b – O domínio da savana africana compreende-se por uma longa e extensa faixa de terra cortando de leste para oeste o continente africano. Geograficamente, podemos dizer que a savana se encontra entre dois imensos desertos na qual estão em permanente processo de expansão.

30b – O instinto de sobrevivência força milhares de animais a migrarem para outras áreas, cujo único destino é a procura de novas fontes de água e algumas esparsas áreas verdes.

35b – Antes mesmo de o homem habitar a Terra, as tartarugas marinhas já transitavam entre os oceanos. Elas existem, segundo os pesquisadores, há 180 milhões de anos. Nesta longa história, sobreviveram a inúmeras mudanças climáticas, coabitaram com animais já extintos e presenciaram o desenrolar da vida humana.

36b - Uma fêmea pode copular com vários machos em um mesmo ciclo. Elas, em média, colocam 120 ovos, em 3 a 5 posturas, com um intervalo de 10 a 15 dias entre elas. Cada desova com um ninho diferente, juntamente com

um novo risco sobre as areias, com exceção da tartaruga de couro, que coloca, em média, 60 ovos.

Tais SDs representam o olhar de um meio ambiente que é belo e perfeito, sem a intervenção do homem (como se o ser humano não dividisse o mesmo espaço). O discurso é lúdico e remonta a um imaginário de meio ambiente como algo selvagem, extremamente oposto à civilização moderna - que é representada pelo homem.

A FD Ecotecnocrática é quase irrelevante nessas análises. Encontramos uma SD (17b) que revela a sobreposição do interesses econômicos em relação ao equilíbrio ambiental, porém ela é atravessada pelos sentidos da FD Ecosocial:

17b - Em toda Terra, registram-se alterações que vêm sendo estudadas para que se tenha uma idéia mais precisa de como poderá ser e se haverá algum futuro para a humanidade. **Interesses econômicos ainda se sobrepõem à necessidade premente de defender a vida, recuperar as áreas atingidas e preservar as condições necessárias para a continuidade da vida no planeta.**

Nessa SD, é constatado o sentido ecotecnocrático ('interesses econômicos se sobrepõem...'), mas há forte embate de sentidos com a FD Ecosocial. Afinal, aquilo que é subjugado pela economia é uma 'necessidade premente de defender a vida' e 'preservar as condições necessárias para a continuidade de vida no planeta'. Isso demonstra, mais uma vez, a heterogeneidade dos discursos e o conflito permanente do qual participam os sentidos. O sentido de crítica pode ser filiado à FD Ecosocial, mas o sentido outro (de caráter informativo) está relacionado à FD Ecotecnocrática. Os atravessamentos são constituintes e promotores de mutações de sentidos. É preciso compreender que a construção de significados também acontece por meio dos contrastes e das ambiguidades.

Essa carência de outros sentidos no discurso de 'Mãe Terra' pode ter acontecido pelo número reduzido de fontes citadas ou, até mesmo, pela ausência delas (como no caso da reportagem sobre a savana). Há um embasamento em relatórios e a citação de especialistas, ambientalistas e pesquisadores de uma forma geral, sem nomações. A única fonte da reportagem sobre as tartarugas marinhas é de um biólogo do Instituto Tamar. Além de ser um tratamento inadequado para a prática jornalística, escrever cerca de oito páginas baseadas só em entendimento pessoal do assunto certamente influencia a

predominância de uma FD única (Ecosocial nas primeiras duas edições e Naturalista nas duas últimas).

‘Sustenta!’

De forma similar aos editoriais, observa-se uma predominância de um olhar humanista, preocupado com as relações entre homem e natureza. O foco na sustentabilidade acompanha boa parte das reportagens em análise.

6c - A qualidade de vida dos moradores das grandes cidades e a própria sustentabilidade das metrópoles está ameaçada pela falta de mobilidade. Qual é a saída?

7c - A qualidade de vida da população destes centros urbanos – por tabela, a própria sustentabilidade das metrópoles – está ameaçada por um novo desafio: a falta de mobilidade. Como é possível ser feliz numa cidade na qual se perde uma hora dentro do carro, parado no trânsito, a cada dia? Ou, sendo usuário de ônibus, de duas a três horas estagnado, sem ar condicionado, música, e muitas vezes em pé, espremido como sardinha em lata?

9c - O preço da tarifa, a demora e o desconforto dos ônibus e vagões de metrô e trens metropolitanos precisariam ser superados para atrair mais usuários, principalmente aqueles que possuem carro, como a química Stella Gonçalves, que prefere ficar dentro do seu carro, parada no congestionamento no fim do dia no centro da cidade, a optar por um meio de transporte coletivo. ‘Eu atravesso distâncias enormes diariamente, não dá para andar de ônibus’.

11c - Para o demógrafo canadense George Martini, do Fundo de População das Nações Unidas, o colapso das grandes metrópoles pode sim ser revertido, desde que as políticas públicas de habitação e transporte passem a atender também à maioria mais pobre da população. Ou, como diz Jaime Lerner, permitam que a sociodiversidade de funções, rendas e idades nas ruas e bairros abram alas para que a mobilidade urbana, enfim, dê sinal verde para a sustentabilidade das metrópoles.

Essas sequências sinalizam para a visão holística tanto almejada como perseguida pelo jornalismo ambiental. O problema da falta de mobilidade não é só visto pelo excesso de automóveis, mas ponderando sobre os outros meios de transporte, a (falta de) qualidade de vida, políticas públicas de habitação, a necessidade do uso dos veículos, o descaso com as condições dos transportes públicos e o planejamento urbano,

a sustentabilidade das metrópoles. A partir desse olhar plural, percebe-se que a noção de meio ambiente perpassa toda a matéria por meio das conexões feitas entre natureza e homem. Compreende-se que o enfoque ambiental se dá por meio da problematização plurívoca, do interesse com o bem-estar social e com a sustentabilidade do ambiente nas grandes cidades. Aqui, novamente, o que predomina é a FD Ecosocial.

Nas SDs que seguem, enfatiza-se a conexão entre a problemática ambiental e as rotinas diárias da maioria da população brasileira (a urbana):

16c - Domingo de sol, família reunida. Diante da churrasqueira, à espera do ponto ideal da picanha, é improvável que alguém pare e pergunte de onde teria vindo aquele pedaço de carne. 'Do supermercado da esquina', seria a resposta mais rápida. 'Do frigorífico', seria outra, mais elaborada. Mas e antes? **E quando esse bife ainda era parte de um boi inteiro, vivo, andando por um pasto? Você já se perguntou como terá sido o processo até ele chegar à sua mesa? Sem querer estragar seu almoço, a maneira como é produzida a carne que comemos – e tudo que se consome em qualquer lugar do mundo – merece um pouco mais de nossa atenção. Ela tem relação com as questões socioambientais que o mundo se vê obrigado a enfrentar hoje para garantir seu futuro.**

17c - A carne brasileira é um dos principais vetores do desmatamento da Amazônia, avisa um estudo lançado no final do mês passado que dimensiona a rede complexa que une nossos hábitos do dia-a-dia à destruição da maior área contínua de floresta tropical do mundo. Intitulado: **'Conexões Sustentáveis São Paulo – Amazônia: Quem se beneficia com a destruição da Amazônia?', o trabalho elaborado pelos jornalistas das ONGs, Repórter Brasil e Papel Social Comunicação, verifica os impactos ambientais e sociais causados pelo avanço da agropecuária, do extrativismo, das plantações de soja até os financiamentos públicos e privados sobre a floresta.**

23c - **Comprar faz parte do dia-a-dia, mas o padrão consumista de uma parcela da população tem efeitos desastrosos no planeta. Às vésperas do Natal (e das compras desenfreadas), Sustenta! propõe uma reflexão: por que comprar é sinônimo de felicidade? Como ser mais consciente?**

24c - Diz uma velha história que o homem feliz não tinha camisa. Em plena sociedade de consumo, é impossível seguir o lema. **Comprar faz parte do dia-a-dia, marca as relações sociais, é a base da economia. Ainda mais na época de Natal: com crise ou não, é hora de celebrar a fartura e ir às compras. O problema é que o consumismo chegou a níveis insanos no mundo, aumentando a demanda por matéria-prima, a produção de lixo, a pressão sobre o meio ambiente.** Resolver esta questão não é simples – mas precisamos encarar. Um relatório da organização WWF

mostra que consumimos 30% acima da capacidade regenerativa do planeta.

Essas abordagens condizem com o pensamento dos ambientalistas de ‘pensar globalmente e agir localmente’ e, também, com o objetivo do jornalismo de aproximar a temática do cotidiano das pessoas (e, em razão disso, representar um valor-notícia que atraia um grande número de leitores). Expondo fatos, suas explicações, consequências e questionamentos, ‘Sustenta!’ promove um jornalismo provocativo. Também incita o leitor na mudança de atitude, como nas SDs abaixo:

19c - Apesar de estar na ponta final da cadeia, quem compra tem poder de provocar mudanças. ‘O consumidor pode usar seu poder de compra para pressionar a rede de varejo a adquirir apenas produtos de fornecedores que tenham cadeia produtiva legal’. Para pôr um freio no ritmo de destruição, o consumidor não precisa abrir mão de comer carne, comprar móveis ou usar óleo de soja. O que é preciso é riscar da lista de compras aquelas marcas que insistem em violar os princípios éticos e de responsabilidade. Nesse sentido, é útil acompanhar o levantamento que o relatório faz de cada setor produtivo na Amazônia, a começar pela pecuária.

27c – É importante ter em mente que cada bem de consumo é fruto de uma cadeia de produção que gera impactos. ‘Na cadeia produtiva convencional, há enorme acúmulo de poder e riqueza. Estudos mostram que o pequeno produtor acaba ficando com uma parcela mínima da renda final’, diz Fabíola Zerbini.

29c – Influencie pessoas para essa nova consciência. O Natal e o final do ano são épocas de balanço e oportunidade para refletirmos sobre o mundo que estamos deixando para as futuras gerações.

É possível observar também que a FD Ecotecnocrática (aquela em que o meio ambiente é visto como fonte para o desenvolvimento econômico e/ou desconectado da natureza) se cruza e transpassa a FD Ecosocial, que pode ser vista como a principal (a que mais se repete).

20c – O ministro (Carlos Minc) aponta os desafios a serem enfrentados na região: ‘Queremos desmatamento ilegal zero e isso não se consegue apenas com Ibama e Polícia Federal. Você fecha uma serraria ilegal em uma hora, mas não substitui 50 empregos em uma hora. Tem que haver um novo modelo de sustentabilidade’.

26c – Fátima (Portilho) considera um erro do movimento ambientalista tachar o que é ‘certo’ e ‘errado’. ‘Não faz sentido dizer que se consome demais ou de menos. É

preciso levar em conta a função do consumo, fundamental para a reprodução material e simbólica da sociedade’.

Nos destaques acima, o meio ambiente é visto como barreira para o desenvolvimento sociocultural. O meio ambiente é posto como algo secundário na vida moderna das pessoas, como um entrave para a evolução da sociedade. Nesses casos, as questões ambientais prejudicam a economia, e o consumo é elevado a um valor simbólico fundamental para a sociedade. Sob a perspectiva desta FD, o que é rentável possui mais poder de decisão. Nos textos de cunho econômico ou científico-tecnológico, geralmente há um domínio dessa FD, já que o meio ambiente é tido como objeto de investigação para escolher soluções que possam otimizar os recursos naturais.

A FD Naturalista não foi encontrada nas reportagens de capa das primeiras três edições de ‘Sustenta!’. O objetivo de tornar o meio ambiente próximo do cotidiano das pessoas o conduz a permanecer sob a FId, que percebe a vida no planeta como responsabilidade de todos.

O discurso de ‘Sustenta!’ aproxima-se daquele proposto pelas teorias do jornalismo ambiental, filiando-se, de maneira marcante, à FD Ecosocial. É um discurso que busca um aprofundamento entre as relações humanas com a natureza, o que sublinha a noção de meio ambiente colocada por Bueno (2007) e assumida como referência nesse trabalho.

Esta análise nos permite verificar que, para a revista ambiental ‘Sustenta!’, o meio ambiente é tratado a partir de uma abordagem holística, múltipla e diversificada. A visão que predomina, conforme a investigação sobre as formações discursivas, é a de um meio ambiente integrado com a vida cotidiana do homem moderno, levando as questões sociais, políticas e econômicas à interconexão com a preocupação ambiental. Além de optar por enfoques cidadãos, a publicação em questão traz questionamentos pertinentes e provocativos sobre nosso modo de ver o meio ambiente. De maneira alguma ele reduz a problemática. Ao contrário, amplia o repertório dos leitores e busca sua mobilização frente à ação socioambiental. A ideologia que permeia tais formações discursivas é aquela comprometida com o futuro do planeta, engajada no bem-estar de todos.

‘Aquecimento Global’

Esta revista não possui SDs filiadas à FD Naturalista. Talvez em função dos temas abordados, não consegue construir o meio ambiente como algo distante do homem. A FD Ecossocial é a que mais se destaca em todas as reportagens. Nas sequências seguintes, essa relação íntima entre homem-natureza pode ser percebida, especialmente, pelas consequências dos danos causados ao meio ambiente que reverberam no cotidiano da população:

5d - Metade das árvores cortadas no mundo é usada como combustível. [...] Além de provocar o empobrecimento acelerado da biodiversidade, com impacto direto na vida de milhões de pessoas que dependem da floresta para sobreviver, o desmatamento é também uma importante fonte de emissões de gases do efeito estufa.

8d - Onde há grandes rios correndo pela floresta, o desmatamento tende a acontecer para que sejam erguidas usinas hidrelétricas, como as duas que, recentemente, foram licenciadas pelo Ibama para ser construídas no Rio Madeira. As barragens alagam uma área enorme, fazendo imergir ecossistemas inteiros, ao mesmo tempo que diminuem o volume de água do rio que continua depois dos paredões de concreto. A alteração ambiental provocada nas florestas pelas hidrelétricas, apesar de serem consideradas produtoras de energia ‘limpa’, é grande.

13d - As consequências das mudanças climáticas vão muito além do aumento do nível dos oceanos e da desertificação. **Com o aquecimento global, também surgem os refugiados ambientais – pessoas que não conseguem sobreviver em seus locais de origem por causa da degradação do meio ambiente. Sem alternativa, eles buscam refúgio em outros lugares, ignorando o perigo.** Muitos desalojados permanecem no seu próprio território, como os migrantes nordestinos, no Brasil, que buscam escapar da seca, e as vítimas do furacão Katrina, em Nova Orleans, nos Estados Unidos.

14d – A pobreza associada aos problemas ambientais é uma causa adicional. **Má nutrição, aumento da população, desemprego, rápida urbanização, doenças crônicas, políticas governamentais desastrosas e conflitos étnicos também ‘encabeçam’ a lista dos motivos que levam a população a se refugiar e a dificultar a distinção entre os desalojados ambientais e as pessoas que abandonaram suas casas por problemas financeiros.**

18d – **Com frequência, os terremotos estão relacionados a motivos naturais, mas a interferência do ser humano na natureza provocou a ocorrência de sismos. “Estes podem ser induzidos por atividades humanas, como injeção sob pressão de fluidos na rocha, enchimento de lagos artificiais em usinas hidrelétricas, explosões nucleares, atividades de extração de óleo, escavações de minas de**

carvão. No Brasil, há casos de indução de abalos sísmicos pela perfuração e exploração de poços profundos para água subterrânea e enchimento de lagos artificiais em usinas hidrelétricas”, conta Tereza, que também é especialista em Geotermia e Sismicidade Induzida.

24d – Com o aumento acelerado da população e a urbanização, os problemas de qualidade e escassez de água têm se agravado pela presença de resíduos, substâncias orgânicas e tóxicas, e pela qualidade do ar. O problema é sinérgico e envolve fatores como o desmatamento, substâncias despejadas na água e esgoto sem tratamento. O conjunto é o problema, que altera os ciclos hidrológicos, piorando a qualidade da água em certas regiões’, opina o pesquisador (José Galizia Tundisi).

Nessas extrações, há sempre uma forma de conexão entre a ação humana e a natureza, geralmente apontando os resultados das atividades humanas que não respeitam a Terra como um sistema único, vivo e que reage: o uso das matas como forma de combustível pelos homens envolve a perda da biodiversidade, impactos referentes à sobrevivência e a emissão de gases do efeito estufa. A construção de barragens traz prejuízos para os ecossistemas locais e diminui o volume de água (que certamente fará falta para os seres vivos que dela dependiam, trazendo desequilíbrio ambiental). O aquecimento global – fenômeno natural, mas que é intensificado pela emissão descontrolada de gases-estufa decorrentes da atividade humana – acarreta problemas de várias ordens, entre eles o de refugiados ambientais. Terremotos podem ser induzidos pela tentativa humana de construir um ambiente artificial (forjar lagos, implodir áreas rochosas, etc.) e gerar resultados devastadores para o planeta. Enfim, são SDs que demonstram a delicada teia de conexões existentes entre as questões que compõem o meio ambiente. O homem é parte dele e, causando interferências, não apenas alterará a vida ao seu redor, como modificará profundamente o espaço no qual vive e do qual depende.

Na sequência, a relação ‘turbulenta’ entre homem e natureza é posta em evidência: a água foi usada por muito tempo de forma irresponsável – apenas como recurso para o bem-estar humano. A FD Ecosocial lembra que ela é um ‘bem’ de todos e que o seu uso indiscriminado pode trazer prejuízos em qualquer parte do globo terrestre (23d). Além disso, explicitar as razões do desequilíbrio ambiental (6d) e expor a apropriação indevida dos conhecimentos tradicionais (30d) em prol de lucros são

construções discursivas concordantes com os sentidos que dão contorno à ideia de equilíbrio entre homem e natureza.

6d - Já removemos perto de dois terços de todos os ecossistemas terrestres do planeta e o substituímos por sistemas agrícolas. **Acontece que, ao substituir florestas por culturas de plantas alimentícias ou por fazendas de gado, a Terra perde a capacidade de controlar o próprio clima e sua química.**

23d – **A escassez de água e a gestão dos recursos hídricos revelam um cenário de total atenção na turbulenta relação entre o ser humano e a natureza.** É um panorama nada animador, que não se traduz apenas em projeções catastróficas, mas se manifesta no dia-a-dia da população mundial. Por muito tempo, a abundância da água fez que o homem a utilizasse de maneira irresponsável, como se fosse um bem livre de maiores implicações. Porém, não é isso que se verifica em diversas regiões do planeta.

30d – **Um dos pontos sensíveis da discussão em torno da biopirataria é a questão da apropriação e da monopolização dos conhecimentos das populações ditas tradicionais, como os indígenas conhecedores de plantas, ervas e substratos.**

A FD Ecotecnocrática, às vezes, cruza a FD Ecosocial, na medida em que a necessidade de crescimento econômico e a justificativa de se acabar com a miséria irrompem nessas SDs, como é o caso da extração 7d:

7d - **Encurralados no paradoxo entre se desenvolver (e acabar com a miséria da população) ou preservar as riquezas naturais, muitos países não conseguem deter o avanço de destruição de suas matas.** O Brasil, onde se encontra a maior parte da Floresta Amazônica, é um bom exemplo: **ao mesmo tempo que o governo adota um plano de ‘desmatamento zero’ em sete anos aprova a construção de duas hidrelétricas no Rio Negro.**

Nessa SD, o olhar ecotecnocrático é posto como solução para acabar com a miséria da população e, ainda, de forma excludente à preservação das riquezas naturais (ou queremos nosso ambiente protegido ou o fim da miséria). Essa é uma abordagem que só leva em conta os interesses baseados no lucro e que utiliza um aspecto social de forma a mascarar suas intenções mercantilistas. O crescimento econômico (que é sinônimo de desenvolvimento para essa FId) não está relacionado, necessariamente, com a preocupação de condições sociais igualitárias. É ingênuo acreditar que tal

colocação é mesmo um paradoxo. A preservação das florestas é uma ação em prol da qualidade de vida e da sustentabilidade deste planeta. A questão brasileira, inserida como exemplo do paradoxo, é uma questão política, mas, acima de tudo, econômica. Contudo, levando em consideração o contexto de onde a SD é extraída (de um discurso filiado à FD Ecosocial), pode-se compreender que os sentidos expostos, ainda que antagônicos, representam uma crítica da revista aos fatos apresentados, permanecendo vinculada à visão ecosocial.

No discurso das reportagens de ‘Aquecimento Global’, há vários sentidos filiados à FD Ecotecnocrática. De todas as revistas analisadas, é a que possui mais deslocamentos de sentido para construir uma ideia de meio ambiente como fonte de recursos para o enriquecimento de poucos, mesmo que seja complementada pelos sentidos da FD Ecosocial:

25d – De acordo com um relatório divulgado pela ONU no início de 2008, **o acesso à água será a principal causa de conflitos armados nos próximos 25 anos, especialmente em regiões mais carentes como o continente africano.**

29d - De acordo com o Instituto Socioambiental (ISA), **a diversidade biológica talvez seja a única esfera que coloca o Brasil como o país mais rico do planeta.**

Nessas duas primeiras SDs, vê-se que os sentidos dados ao meio ambiente estão ligados ao poder (de acesso à água) e à visibilidade ou reconhecimento mundial (o Brasil é o país mais rico do planeta em diversidade biológica). Em ambos os casos, o que se ressalta é o valor do recurso em dado espaço geográfico e não o entendimento do bem como algo de todos.

Também os interesses financeiros ficam claros nas SDs abaixo, as quais os sentidos filiados à FD Ecotecnocrática explicitam um meio ambiente que é sinônimo de matriz energética. Novamente aparece o discurso no qual o desenvolvimento não pode ser interrompido a favor da natureza e em detrimento do lucro.

34d – **No ranking dos maiores emissores de gases-estufa do mundo, cada país apresenta a lista que lhe convém. A China, que surge como o maior emissor do mundo, desbancando os EUA, em função do crescimento econômico e da matriz energética baseada em carvão, prefere classificações que usam como critério as emissões per capita, caindo, assim, para a oitava posição, devido à sua enorme população.**

36d – A China e outros Estados em expansão prometem colaborar nos esforços globais contra o aquecimento, mas dizem que é cedo para falar em limites de CO², já que o uso intensivo de energia é essencial para o crescimento econômico desses países.

37d – Lula sugeriu que os mais ricos assumam uma responsabilidade histórica sobre suas emissões de carbono no passado, e não exijam dos países em desenvolvimento que cortem as emissões a ponto de prejudicar suas economias.

Seja ocultando danos sobre a emissão de gás carbônico ou ignorando a necessidade de limites para tal emissão, seja buscando motivos para continuar agindo contra o meio ambiente, os sentidos que circulam nessas reportagens colocam o homem como detentor da natureza que está enquadrada nos limites geográficos culturalmente delimitados. Está tudo compartimentalizado e à disposição do homem para gerar o que ele bem entender. A FD Ecotecnocrática é antagônica à Ecosocial (que, independentemente dos limites espaciais de cada país, enxerga a completude do planeta e a interdependência de todos os seres), porém, nas reportagens dessa revista, os discursos se atravessam e geram significados conflitantes.

Há o domínio da FD Ecosocial, mas os sentidos opostos, filiados à FD Ecotecnocrática, constroem sentidos múltiplos sobre o meio ambiente.

5.5 As Estratégias Discursivas que movimentam o Discurso Ambiental

Todo discurso sempre tem uma intenção: sempre é formulado visando a algum objetivo (convencer, romper, alertar ou conquistar a confiabilidade diante do destinatário). Assim, nas revistas ambientais, também sempre há uma razão ou intento para se falar de meio ambiente, e isso pode ser percebido por meio da desconstrução de seus discursos e dos procedimentos mais recorrentes na produção desses.

As estratégias discursivas são as variações de artifícios marcadas dentro de um tipo ou gênero de discurso. De acordo com Veròn (2004, p. 245), “as referidas variações estratégicas remetem muito diretamente aos fenômenos de concorrência interdiscursiva, próprias do campo da discursividade enquanto mercado de produção de discurso”. Isso

significa que as estratégias podem ser verificadas a partir das diferenças de discursos dentro de um mesmo campo que engloba o gênero dos produtos⁵⁷.

No ‘Dicionário de Análise do Discurso’, Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 219) afirmam que as estratégias “dizem respeito ao modo como um sujeito, individual ou coletivo, é levado a escolher, de maneira consciente ou não, determinado número de operações languageiras (recursos lingüísticos e/ou discursivos)”. Essa escolha está relacionada ao imaginário e às representações que o sujeito que mobiliza as estratégias tem de si e do outro, à situação de comunicação e às intenções que tem com o discurso que constrói. A natureza de cada estratégia está vinculada ao objetivo que ela busca provocar no outro (pode ser de legitimidade, de convencimento, de convocação, etc.).

Analisando-se as estratégias discursivas mais recorrentes em cada revista, é possível demarcar como o meio ambiente é discursivamente estruturado e, conseqüentemente, quais são os efeitos de sentido que ali estão costurados. Sublinho que toda estratégia discursiva procura determinado sentido. É claro que nem sempre as estratégias pensadas no ato da produção terão a resposta esperada quando alcançarem a instância de recepção, porque o processo de recepção de mensagens é complexo e não há garantias de que o destinatário receberá a estratégia da forma imaginada pelo seu produtor. Há influências de contextos e repertórios, além das possibilidades de fuga e desvio oportunizadas no percurso que existe entre enunciador e enunciatário.

Peruzzolo (2004) coloca que há dois mecanismos principais existentes para assinalar os efeitos de sentido expressos no discurso: a projeção do sujeito e os recursos persuasivos. Ainda que os dois se confundam por ter como função primeira persuadir o outro, a projeção dos sujeitos determina a construção de efeitos de proximidade, afastamento, testemunhalidade, autoridade, imparcialidade, entre outros, enquanto os recursos persuasivos ocupam-se de construir os efeitos de referencialidade e, somando-se aos investimentos temáticos e figurativos⁵⁸, funcionarão como realocadores de sentidos.

⁵⁷ Veròn (2004, p. 244-245) chama de gênero-P aquele gênero que “permite designar e classificar o que se deve chamar de produtos [...] Na caracterização de um gênero-P, entram muito frequentemente em consideração algumas invariantes de “conteúdo”, isto é, um conjunto relativamente estável de campos semânticos é assumido”.

⁵⁸ Nas palavras de Peruzzolo (2004), a tematização compreende os traçados semânticos (pensamentos, ideias, valores) que o enunciador quer fazer circular no seu discurso; já a figurativização reveste os traços com lembranças sensoriais (figurativizar é fazer uma imagem para referenciar as representações vividas).

Os textos das reportagens e os editoriais são materialidades repletas de marcas que nos levam a detectar as especificidades de cada discurso. Com base nesses espaços discursivos, far-se-á o rastreamento das estratégias que ajudam a compreender como o meio ambiente é construído discursivamente para cada revista ambiental.

5.5.1 Formas de expressar o Meio Ambiente

Sendo o discurso das revistas ambientais, em primeira instância, um discurso caracteristicamente jornalístico, é de se esperar que as estratégias discursivas que predominem no campo do jornalismo também se façam presentes nas publicações ambientais em foco. O jornalismo, de uma forma geral, ainda tende a seguir a tradição da objetividade (onde eles tentam omitir a subjetividade, própria do enunciar) e, para tanto, faz uso de recursos para manter a enunciação distante do discurso e firmar o que é dito como fato concreto, real. Essa é uma estratégia de enunciação (que tem o efeito de afastamento, de mero ‘relator dos fatos’), pela qual o jornalista procura firmar, de modo concreto, sua função informativa.

No discurso, a objetividade aparece pelo uso de recursos que emitem efeitos de objetividade, como o uso da terceira pessoa do singular ao invés da primeira pessoa, exclusão de adjetivos e de advérbios de modo, além da utilização abundante de referentes e testemunhas. As estratégias discursivas que geram esses efeitos são frequentemente encontradas em razão da tradição jornalística e da necessidade de a atividade se fazer credível.

As estratégias de referencialidade são percebidas quando são notadas as ancoragens de elementos concretos ao dito, como datas, espaços geográficos, fotografias, nomes próprios. São essas estratégias que geram o efeito de realidade no discurso jornalístico. Essas marcas permitem que o leitor confie no que está escrito como algo que de fato ocorreu, remetendo ao destinatário indicadores de uma existência que é familiar, que é reconhecida.

Já as estratégias de testemunhalidade podem ser identificadas nas citações diretas e indiretas das fontes (as testemunhas) da reportagem. A ancoragem em especialistas, governantes, pessoas que detêm certo conhecimento ou vivenciaram um acontecimento geram o efeito de realidade também. Às vezes, a escolha da fonte possui

um efeito complementar: o de autoridade. Nos discursos das revistas, as estratégias de testemunhalidade são constantes, já que as notícias e reportagens carecem de depoimentos para receberem credibilidade (um efeito segundo a estratégia de testemunhalidade).

Nas publicações ambientais, assim como nos demais produtos do jornalismo, essas estratégias discursivas são comuns. O meio ambiente é, com frequência, construído discursivamente a partir de pesquisadores, professores, especialistas ou outras autoridades do assunto. Fala-se de meio ambiente na terceira pessoa, e ele é sempre atrelado a materialidades que o situem a certo espaço geográfico.

O que se busca distinguir aqui são as peculiaridades com que cada revista do *corpus* expressa seu discurso sobre meio ambiente. Há várias estratégias comuns, típicas do jornalismo, porém há várias outras que singularizam o discurso ambiental de uma publicação para outra.

A partir de um rastreamento apurado em todas as revistas escolhidas para esse trabalho, destaco seis estratégias discursivas que prevalecem no discurso jornalístico sobre meio ambiente. É importante deixar claro que as estratégias aqui reveladas não são exclusivas do discurso jornalístico sobre meio ambiente, podendo ser encontradas, em maior ou menor recorrência, em outros discursos. Foram destacadas estas seis, porque elas se sobressaem pela quantidade com que aparecem nos discursos do *corpus* e, é claro, pela íntima relação com a perspectiva do jornalismo ambiental. Faço agora uma breve apresentação de cada uma delas e, em seguida, parto para a análise individual das estratégias discursivas de cada revista.

Estratégias pró-ativas ou de encorajamento – Produzem efeitos de sentido relacionados à esperança. São detectadas por meio da ênfase das ações positivas em relação ao meio ambiente.

Estratégias alarmistas – Produzem efeitos de sentido de ameaça à vida, de perigo iminente, de medo. São detectadas por palavras que amedrontam o leitor.

Estratégias pedagógicas – Produzem efeitos de sentido relativos ao ensinar, educar, explicar os conceitos. São detectadas sempre que um vocábulo é ‘traduzido’ e exemplificado para o leitor.

Estratégias de reverenciação à natureza – Produzem efeitos de sentido que enaltecem as belezas naturais. São detectados por adjetivação positiva, uso do diminutivo e formas poéticas de se referir ao meio ambiente no qual o homem não tem espaço.

Estratégias de inclusão do leitor – Produzem efeitos de sentido de concordância com aquilo que está sendo dito, como se ele pertencesse à mesma formação ideológica do discurso. Aparece sempre que os verbos são conjugados na 1.^a pessoa do plural ou quando se inserem expressões como “todos nós”, “a gente”, “os consumidores”, “os brasileiros”.

Estratégias de interpelação⁵⁹ – Produzem efeitos de sentido de intimação, de chamamento do outro. São detectadas quando interrogações ou evocações (uso do imperativo) são postas no decorrer dos discursos.

‘Terra da Gente’

As estratégias utilizadas pela ‘Terra da Gente’ nos fazem ver o meio ambiente como algo distante do leitor (de todas as revistas, é a que mantém destinatário mais distante do seu discurso). Em razão do predomínio da FD Naturalista, é de se esperar que as estratégias de reverenciação à natureza sejam as mais acionadas. Essas são estratégias que realçam as belezas naturais pelo uso de adjetivos que engrandecem essa visão selvagem de natureza intocada ou a utilização do diminutivo e de traços poéticos. Seguem alguns exemplos:

5a - Essa situação mudou rapidamente quando se descobriu que o gravatazeiro (*Rhopornis ardesiacus*), um **passarinho** comum na região, na verdade era uma ave rara: só existia na mata de cipó dali, uma vegetação meio Caatinga, meio Mata Atlântica, da qual só restam 2,6% da área original.

19a – Para Sztutman, os pequenos têm o papel de levar a conscientização para dentro de casa: ‘As crianças se encantam com os **tracajazinhos**, interagem, se divertem, criam uma relação direta. Os pais, claro, olham e se encantam com esse encantamento’.

⁵⁹ A interpelação é uma estratégia da interlocução. Os fenômenos da interlocução são os que envolvem o eu e o tu e suas relações não objetivizadas. Os sentidos de interlocução estão relacionados à subjetivização do discurso. Eles podem ser reconhecidos quando se percebe uma tentativa de ‘conversa’ do enunciatador com o enunciatário, podendo ser mais ou menos fático, dependendo dos motivos de quem escreve.

20a – ‘O envolvimento das crianças leva ainda ao envolvimento das escolas, contribuindo para a disseminação do projeto entre os adultos. O conceito de alimentos ganhou uma conotação de futuro, a tal da segurança alimentar. Ao liberarem os filhotes com os demais **coleguinhas** da escola, cria-se a idéia não de esse **bichinho** como animal de estimação, mas, sim, de que esse é um bem comum de todos nós **coleguinhas** da escola, da aldeia e das Terras Indígenas’, enfatiza Silveira, coordenador do projeto.

24a – Olhar dócil e semblante calmo, com uma pequena máscara amarela escura contrastando com o topete dourado, reluzente ao sol.

27a – Considerando, porém, a resistência dos fragmentos da Mata Atlântica à expansão da agricultura e das cidades nordestinas – e considerando a capacidade de esses remanescentes de mata resguardarem refúgios para várias espécies endêmicas de pássaros, algumas espécies recém-descobertas de borboletas e prováveis espécies novas de aves de rapina – não é demais sonhar com a possibilidade de ver, um dia, **numerosas cabeças douradas saltitando pelas copas de árvores seculares.**

28a - A Amazônia gera e alimenta sonhos há pelo menos 4 séculos. Cheia de superlativos, abriga **imensas riquezas naturais** e **altíssima biodiversidade**. É onde fica **a maior floresta tropical do mundo, o maior rio do mundo, o maior volume de água doce do mundo, a maior mina de ferro do mundo, o maior peixe de escamas do mundo, a terceira maior reserva de bauxita do mundo** e vários outros ‘**maiores do mundo**’ seguidos de ‘**maiores do Brasil**’ e ‘**maiores de região**’.

Ao usar o diminutivo para tratar do pássaro, das crianças indígenas e dos tracajás (SDs 5a, 19a e 20a) e caracterizar o macaco-galego de forma literária: ‘olhar dócil e semblante calmo, com uma pequena máscara...’ (SD 24a), a revista torna lúdico o discurso descritivo das reportagens. Tais estratégias, que enaltecem peculiaridades da vida afastada da civilização, estão constantemente entrelaçadas ao discurso das reportagens. A SD 28a demonstra a abundância de adjetivações inscritas nos aspectos naturais do discurso dessa revista.

Outro tipo de estratégia presente em ‘Terra da Gente’ são as chamadas pró-ativas ou de encorajamento, aquelas que destacam ações positivas (aparecem geralmente nos editoriais):

1a – Melhor que iniciar o ano dando **boas notícias** é começar divulgando **bons exemplos concretos**. Por isso, guardamos para esta edição algumas **histórias com claras mudanças de**

atitude, sempre na **esperança** de ver **casos assim multiplicando-se pelo nosso País** pelas mãos da população, com o apoio das mais diversas instituições.

21a – A segunda soltura está prevista para este mês de maio. Enquanto você lê essa reportagem, os indiozinhos do Oiapoque devem devolver aos rios e às lagoas cerca de 470 filhotes de tracajás. Ao nadarem de volta para a liberdade, **levam consigo a alegria das crianças e consagram o sucesso do trabalho de etnoconservação**. Levam adiante o velho ciclo de vida de sua espécie e a **esperança de sobrevivência** da cultura indígena do extremo norte do Brasil.

36a - Compartilhar o que sabemos com as novas gerações não é apenas nossa obrigação como equipe. **É também um imenso prazer**. E nenhuma outra experiência de nossos 4 anos de existência como revista traduziu esse compartilhar tão bem como a oportunidade de levar quatro leitores-mirins para a Mata Atlântica, neste mês de outubro.

Ao dar ênfase para aspectos positivos que estão sendo desenvolvidos a favor do meio ambiente, outra estratégia discursiva é posta em funcionamento: a de inclusão do leitor. Assim, além de incentivar o público por meio de ‘boas notícias’, ‘Terra da Gente’ insere seu leitor nos desafios e propostas para um planeta melhor. Veja, nas SDs abaixo, que a inclusão pode se dar tanto pelo uso da terceira pessoa do plural, como por expressões que indiquem o coletivo:

10a – O reuso da água ajuda a reduzir desperdícios e a conservar os recursos hídricos. **Começamos** a acordar para essa alternativa um tanto tarde, pois **muitas de nossas práticas** atuais são poluentes e esbanjadoras. Mas ainda há tempo, se **reaprendermos** a enxergar na natureza uma fonte de inspiração.

24a - E **nós precisamos** fazer mais do que esperar que o fio agüente. **Precisamos** multiplicar **nossas** ações e contribuir para tecer reforços, amparando estas e outras espécies igualmente ameaçadas na eterna batalha pela sobrevivência.

Então o discurso de ‘Terra da Gente’ funciona a partir de, principalmente, três estratégias discursivas: a de reverência à natureza (contundente com o domínio da FD Naturalista), a pró-ativa (em sintonia com a linha editorial da revista que investe na agenda positiva) e a de inclusão do leitor (já que busca informar para aumentar os adeptos à conservação). As estratégias alarmistas, que expõem aspectos trágicos, dificilmente são encontradas. Exemplos raros são os que seguem:

25a – Segundo Marcelo Marcelino, até agora foram confirmadas apenas 8 localidades com ocorrência de macaco-galego. A estimativa é algo em torno de 200 indivíduos em vida livre. Isso coloca a espécie num **estado extremamente crítico** de conservação.

34a – Em diversos casos, o esforço em cumprir leis e normas ambientais veio com a necessidade das mineradoras se diferenciarem dos garimpos, cujo **rastro de destruição** ainda se faz presente nos rios e no relevo de muitas localidades amazônicas.

Nessas duas SDs, há marcas de algo que está em perigo e talvez não tenha reversão. São formas de elaborar o discurso de modo a sensibilizar o leitor pelo medo, pela perda. Ainda que ‘Terra da Gente’ se estruture a partir dos aspectos positivos, ao falar de meio ambiente, tais marcas são difíceis de ser excluídas em função da realidade dos dados.

‘Mãe Terra’

‘Mãe Terra’ se diferencia das formas de expressar o meio ambiente pelo uso quase excessivo de estratégias discursivas de pedagogização, que são entendidas como as formas de se tentar produzir determinados efeitos de sentido relacionados ao educar, ensinar. Nelas persiste a ideia de explicar o que significam os fenômenos ambientais. O meio ambiente é visto, pelo discurso da revista, como algo ainda não compreendido por muitas pessoas e que, por isso, precisa ser decifrado, decodificado, compreendido e exemplificado.

2b - Mãe Terra é uma publicação **voltada para levar ao público noções básicas** dos problemas ambientais do planeta. **Nossa missão é introduzir o leitor** aos temas de relevância **de modo didático e objetivo**.

Nessa linha, a revista possui prioritariamente estratégias de cunho pedagógico no seu discurso. Às vezes, ela até se aproxima de uma apostila, de um livro, fazendo-o de uma forma exageradamente didática, que é criticada pelos teóricos que estudam o jornalismo ambiental, como se observa nos trechos abaixo:

4b - Altas temperaturas, derretimento das calotas polares, grandes enchentes e o aumento da força dos furacões e ciclones. Esses fenômenos têm sido observados por cientistas

de todo o mundo nas últimas décadas, e a perspectiva é de que se mantenham no decorrer dos próximos cem anos. **Esse conjunto de mudanças climáticas é genericamente chamado de aquecimento global.**

5b - O aquecimento global é atribuído ao aumento dos gases responsáveis pelo chamado efeito estufa. Contribuem ainda causas naturais como a variação solar e a ação dos vulcões. Mas, inegavelmente, a ação antropogênica, ou seja, aquela decorrente das atividades humanas, como os processos industriais, a agricultura e até alguns itens que compõem o conforto do homem moderno são responsáveis pelas mudanças climáticas.

6b - Os gases de efeito estufa são assim chamados porque podem absorver radiações infravermelhas emitidas pela superfície da Terra, impedindo que haja perda de calor para o espaço, o que mantém a Terra aquecida. O efeito estufa é, portanto, um fenômeno natural e necessário, pois sem ele o planeta seria muito mais frio, sua temperatura média seria em torno de 33°C mais baixa, inviabilizando a própria vida. O problema é o aumento demasiado da concentração desses gases na atmosfera, que leva o planeta a tornar-se mais quente.

7b - A atmosfera é uma camada de gases que envolve a Terra. Ela é composta principalmente de Oxigênio (O²) e Nitrogênio (N²), que juntos compõem 99% dessa camada gasosa. Os principais gases de efeito estufa são o dióxido de carbono (CO²), o óxido de nitrogênio (NO²), os clorofluorcarbonos (CFC's), o metano (CH₄) e o vapor d'água.

14b – O degelo polar é um dos temas que mais inquieta a comunidade científica, os governos e as organizações não governamentais. Resultante do aquecimento global, esse fenômeno pode acarretar diversas conseqüências, que vão desde a alteração nos ecossistemas marinhos e terrestres, até efeitos de médio e longo prazo, em um tempo no qual a escassez de alimentos está na ordem do dia em face da recente escalada inflacionária das *commodities* agrícolas.

19b - Furacão é uma das denominações de um fenômeno meteorológico chamado ciclone tropical. Esse fenômeno pode ser definido, a grosso modo, como sendo uma grande tempestade marcada por ventos extremamente rápidos. Na verdade, os furacões são, muitas vezes, formados por várias tempestades, estendendo-se por distâncias que chegam a centenas de quilômetros.

20b - Os ciclones tropicais recebem diversas denominações: no Atlântico Norte e no leste do Pacífico Norte, são chamados de furacões; no Pacífico Norte, de tufão; e na Índia e na Austrália, de ciclone. Anualmente, eles possuem suas temporadas de atuação, o que mobiliza os preparativos e ações governamentais para enfrentar as conseqüências desses fenômenos, muitas vezes terríveis.

21b - O aumento e a intensidade dos ciclones tropicais em decorrência do aquecimento global é uma das grandes preocupações dos cientistas. Um dos argumentos para essa hipótese baseia-se no fato de que o número médio de furacões em cada temporada do Atlântico dobrou no último século.

Destaca-se, nesses trechos, a tentativa da revista de dar significado (e, é claro, sentido) aos vocábulos já conhecidos, de tantas vezes serem citados, mas nem sempre compreendidos. A ênfase nesse aspecto didático é uma característica diferencial de ‘Mãe Terra’. O caráter didático é relevante para fazer com que públicos diferentes compreendam sem dificuldades as peculiaridades do campo ambiental, mas o excesso pode descaracterizar o tom narrativo de contar histórias, próprio dos discursos das reportagens.

Para além dessa predominância e fixação pela explicação de conceitos do campo ambiental, o discurso é permeado também (embora com menos ênfase) por estratégias de interpelação, que buscam trazer o leitor para as questões abordadas na publicação e induzi-los à reflexão. Sob esse outro enfoque, ‘Mãe Terra’ também faz uso das estratégias pró-ativas ou de encorajamento articuladas às de inclusão do leitor. Veja alguns exemplos:

15b - Apesar dos maiores prejudicados serem as localidades que se situam próximas das camadas polares, países como o Brasil também poderão ser afetados em razão de um possível aumento do nível das águas do oceano. Erosão em áreas costeiras, alagamentos e alterações dos ecossistemas das regiões de foz dos rios, em face do avanço das águas salgadas, são algumas das conseqüências que o processo de degelo polar pode acarretar. Isso apenas confirma que **o mundo é um só e que não adianta acharmos que algo que ocorre em lugares longínquos – como o Ártico – em nada nos afetará. O degelo é um problema de todos nós.**

18b - A grande esperança é de que a pressão social e os processos eleitorais em grandes potências como os Estados Unidos, um dos que mais resistem ao Protocolo de Kioto, sejam **capazes de modificar a visão e o compromisso dos governos** sobre a gravidade da situação e a urgência da adoção de mecanismos para conter o mal do milênio, que pode levar à destruição do mundo.

24b - Na base para **superar esses desafios** está a educação, a **formação dos indivíduos** e a **construção de uma consciência crítica e holística**. É nesse cenário que a educação ambiental se constitui numa modalidade ampla da educação, pois aquele que não compreende e não respeita o meio em que vive não poderá respeitar nem a si mesmo, nem

ao próximo. Aquele que pouco se importa com a devastação das florestas, porque vive longe delas, é alheio não apenas ao que acontece lá, mas também com todos os problemas que o cercam. **Pensar e agir além do imediato e além do próprio umbigo é sustentáculo para a formação de uma nova geração de homens e mulheres que sejam livres e solidários para com o mundo de uma forma geral.** A semente para essa caminhada se chama educação.

38b – As tartarugas marinhas, porém, continuam ameaçadas de extinção, o que significa ser fundamental dar continuidade ao programa de conservação, **com o apoio de todos e para o bem de todos os envolvidos.**

Ao falar que ‘o degelo é um problema de todos nós’ ou que as tartarugas precisam ‘do apoio de todos’, o discurso insere o leitor na sua construção de como se deve perceber o meio ambiente. O apelo dessa estratégia é forte: afinal, quem compra uma revista ambiental já possui uma determinada preocupação com a questão e, ao ler reportagens pelas quais se sente tocado e representado, intensifica suas ideias sobre envolvimento ambiental.

A combinação entre essas duas estratégias (a que gera efeitos de sentido positivos em relação ao meio ambiente, mais a que surte efeitos de concordância do leitor com o que é dito) ativa um efeito outro, que movimenta o dever de pró-atividade, a necessidade do leitor de se mobilizar também em prol da causa ambiental.

‘Mãe Terra’ ainda apresenta estratégias de cunho alarmista. Seja para impactar o leitor, seja para fazê-lo ‘acordar’ para a realidade ambiental que enfrentamos, recorre a palavras com efeitos de sentido catastróficos:

8b - O aquecimento global é apontado pela maioria dos cientistas como uma das principais **ameaças à vida na Terra.** Se ele não for contido com a diminuição da produção dos gases estufa, **as conseqüências já antevistas pelos cientistas poderão ser fatais** para o planeta ao longo dos anos, porque as alterações climáticas serão mais rápidas do que a capacidade de adaptação das espécies. **A extinção** poderá ser o caminho natural a partir das **graves alterações nos ecossistemas existentes em todo o mundo.**

9b - Como se fosse um ciclo vicioso, à medida que o adensamento populacional crescer, se mantidos os padrões atuais de atividades humanas, a produção de gases de efeito estufa também aumentará, **agravando o aquecimento e seus efeitos.** **Alterações econômicas profundas** ocorrerão e **doenças como a dengue, a febre-amarela, a cólera e outros males contagiosos poderão se espalhar epidemicamente.**

11b - A repercussão das **sombrias expectativas científicas** quanto ao futuro do mundo tem levado ambientalistas e movimentos sociais a promoverem manifestações em todo o planeta, cobrando das autoridades mundiais medidas protecionistas e reparatórias capazes de conter e reverter o quadro.

12b - Apesar dos **riscos futuros** e das **alterações já sentidas em várias partes do mundo, o enfrentamento ao aquecimento global ainda não se mostrou efetivo e eficaz**. Ele depende do envolvimento, compromisso e vontade política das nações, especialmente dos países industrializados que encabeçam a lista dos grandes poluidores do mundo.

13b - Durante todo o ano de 2008, novos eventos ocorrerão e serão os termômetros do nível de compromisso das nações em relação à continuidade do controle ambiental, especialmente dos Estados Unidos, um dos maiores poluidores do globo e o mais resistente até agora. As eleições para presidência também influenciarão muito nesse processo. **O mundo ainda corre perigo**, razão pela qual ativistas, ambientalistas, movimentos sociais e até alguns governos e empresas permanecem mobilizados para salvar a vida no planeta Terra.

16b - O Katrina foi mais um dentre as 11 tempestades registradas em 2005. Além dele, também passaram pelas Américas do Norte e Central os furacões Dennis e Emily, deixando um **rastro de medo, destruição** e uma **apreensão maior em relação aos males** provocados pelas **mudanças climáticas**.

22b - Por outro lado, esse novo mundo também pode **afastar os homens das relações mais próximas da natureza**, além de **reforçar a individualização** e o fortalecimento de uma **cultura excessivamente tecnológica**, cujos **efeitos só serão sentidos por gerações futuras**.

32b - Outro **alarmante** processo é a crescente prática da pecuária e da agricultura familiar que permite que os animais selvagens visitem estas áreas constantemente, deixando um **rastro de destruição** entre as plantações e **a morte de vários animais domésticos**. Em contrapartida, **a morte e a caça indiscriminada de animais selvagens** começam a **afetar o ecossistema** de muitos parques nacionais.

33b - Com esta possível **alteração climática**, inúmeras espécies de animais estarão na lista de **extinção**.

As estratégias alarmistas desencadeiam um rol de sentidos articulados à desesperança. ‘Extinção’, ‘sombrias expectativas’ e ‘rastro de medo’ são algumas marcas discursivas que nos levam às estratégias alarmistas. Ao assustar e pôr em evidência as possíveis tragédias que ocorrerão com o lugar onde vivemos, a revista

promove uma ideia de meio ambiente em estado de decomposição, sem possibilidade de recuperação.

‘Mãe Terra’ constrói o meio ambiente de maneira a fazer com que o leitor o compreenda e se sensibilize com o discurso da revista. Também inclui o público em suas problemáticas. A marca de seu discurso está no destaque para as estratégias pedagógicas. Ao instituir uma ideia de meio ambiente, a análise de seu discurso dá pistas de que a publicação vê seu leitor como aquele que desconhece os fenômenos que fazem parte desse campo e que as pessoas lêem a revista para aprender sobre eles. A didatização perpassa todas as matérias de forma muito enfática. Ao lado dessa estratégia, a impressão do medo e dos efeitos de sentido de ‘terra arrasada’ são também representativos nos exemplares do *corpus*. Ainda que o objetivo primeiro do uso das estratégias alarmistas seja promover uma ação mais rapidamente possível, esse tipo de efeito de sentido, como já afirmei, carrega sentidos negativos em demasia e pode surtir efeitos de paralisia diante da situação.

As estratégias de encorajamento e de inclusão do leitor aparecem regularmente, mas em menores quantidades. Tal qual ‘Terra da Gente’, essas operacionalizações costumam aparecer mais nos discursos dos editoriais.

‘Sustenta!’

A marca discursiva da revista ‘Sustenta!’ é a utilização excessiva da estratégia de interpelação. Toda vez que o enunciador invoca o enunciatário (pelo uso da primeira ou da segunda pessoa) e por palavras que induzam a uma ideia de ordenação, pedido, direcionamento, estamos diante de estratégias que geram efeitos de aproximação com o discurso da revista e de chamamento para o que ela lhe mostra. No discurso jornalístico sobre meio ambiente, essa interpelação busca o efeito de sentido de apelo para mudança de atitude.

‘Sustenta!’ recorre sistematicamente para essa estratégia, interrogando o leitor, evocando-o para que faça sua parte, incluindo no texto adjetivos com tom de ordem (ex.: é necessário, é preciso, etc.), fazendo uso do imperativo. Observe nas extrações abaixo:

10c - Mas será que é possível resolver apenas com mais bicicleta, metrô e ônibus as necessidades cada vez maiores de locomoção da nossa sociedade? Muitos especialistas acreditam que não. Afirmam que parte da solução é reduzir a

demanda pelo transporte, reorganizando as cidades para que as pessoas possam viver e trabalhar nos mesmos bairros e regiões.

16c - Domingo de sol, família reunida. Diante da churrasqueira, à espera do ponto ideal da picanha, **é improvável que alguém pare e pergunte de onde teria vindo aquele pedaço de carne.** ‘Do supermercado da esquina’, seria a resposta mais rápida. ‘Do frigorífico’, seria outra, mais elaborada. **Mas e antes? E quando esse bife ainda era parte de um boi inteiro, vivo, andando por um pasto? Você já se perguntou como terá sido o processo até ele chegar à sua mesa? Sem querer estragar seu almoço, a maneira como é produzida a carne que comemos – e tudo que se consome em qualquer lugar do mundo – merece um pouco mais de nossa atenção.** Ela tem relação com as questões socioambientais que o mundo se vê obrigado a enfrentar hoje para garantir seu futuro.

19c - Para pôr um freio no ritmo de destruição, o consumidor não precisa abrir mão de comer carne, comprar móveis ou usar óleo de soja. **O que é preciso é riscar** da lista de compras aquelas marcas que insistem em violar os princípios éticos e de responsabilidade. Nesse sentido, **é útil acompanhar o levantamento que o relatório faz de cada setor produtivo na Amazônia, a começar pela pecuária.**

27c – É importante ter em mente que cada bem de consumo é fruto de uma cadeia de produção que gera impactos. ‘Na cadeia produtiva convencional, há enorme acúmulo de poder e riqueza. Estudos mostram que o pequeno produtor acaba ficando com uma parcela mínima da renda final’, diz Fabíola Zerbini.

30c – Influencie pessoas para essa nova consciência. O Natal e o final do ano são épocas de balanço e **oportunidade para refletirmos sobre o mundo que estamos deixando para as futuras gerações.**

Esse bloco de SDs demonstra um pouco da repetitividade das estratégias de interpelação e alguns contextos de sua inserção: para provocar reflexão, para ressaltar alguma ideia, para ordenar um novo hábito. Essa estratégia é bastante comum, nas revistas em geral, em quadros ou boxes para pontuar dicas.

A estratégia de inclusão do leitor no texto busca, de outra forma, a aproximação ideológica do leitor com a perspectiva da revista. Seguem algumas SDs que demonstram isso:

13c - Neste número 2, nossa cobertura avança sobre questões inevitáveis, e a Amazônia é uma delas. Pode ser que aquele bife que **você compra** no mercado venha de lá, assim como **sua** cozinha planejada. Há, porém, caminhos para conciliar a produção do que **nós consumimos** com a preservação da

floresta, e é nessa direção que aponta a reportagem de capa desta edição. Uma edição de um momento de crise, palavra que, em latim, remete muito mais a ‘mudança’ do que a ‘problema’. Mudança necessária ao planeta, não apenas nas atitudes, mas nos valores que as produzem.

15c - Não só ele, mas diversos produtos que talvez **você** nem imagine que estão contribuindo para a devastação da Amazônia. Uma pesquisa detalhada sobre essa conexão aponta os caminhos que governos, empresas e consumidores podem tomar para mudar esse quadro.

25c - Só que consumir é tão parte **da nossa vida** que é difícil parar e refletir. Se **compramos** uma roupa nova, raramente **consideramos** que foi necessário cultivar algodão, processá-lo, fabricar a peça, empacotá-la, transportá-la. Se **embarcamos** em um avião, não pensamos que cada componente dele vem da natureza. É uma espécie de ‘ilusão de ótica’, diz o professor da UFRJ, José Augusto de Pádua, já que **continuamos** tão dependentes da natureza quanto **nossos** ancestrais.

28c – O momento em que o mundo atravessa uma crise financeira sem precedentes é uma boa hora para **refletirmos** sobre o papel que as coisas passaram a representar em **nossa cultura**, quanto isso custa em força de trabalho e quanto custa em recursos naturais. Não se trata de consumir ou não. O consumo é parte necessária da vida. Trata-se de consumir com consciência dos impactos produzidos.

Por meio dessas estratégias, o meio ambiente é construído como algo intimamente relacionado a cada um de nós e também dependente de nossas atitudes para perdurar para as futuras gerações. A construção da ideia ambiental é feita buscando sempre a proximidade com o leitor e as conexões com o nosso dia a dia. ‘Sustenta!’ busca incentivar seus leitores e o faz de forma imperativa.

Com menor frequência que as estratégias relacionadas diretamente com o modo de se relacionar com o outro, as estratégias pró-ativas também são movimentadas. Aliás, essa é uma estratégia que parece ser comum a todas as revistas ambientais analisadas. As alarmistas são articuladas com cuidado, para evitar efeitos relativos ao desânimo, sendo, por isso, sempre seguidas das estratégias de encorajamento. Elas são raras no discurso de ‘Sustenta!’, mas, quando acionadas, são construídas como na SD 1c:

1c - O século 21 começou com **notícias sombrias** sobre os **estragos produzidos pelo homem no planeta**, muitos deles apontados como **irreversíveis**. **Os tempos são difíceis**, é verdade. *Mas também são muito interessantes: nunca foi tão premente a necessidade de inovar, encontrar soluções e práticas mais inteligentes, rever conceitos e pensar todo*

um modelo de produção de bens e riquezas. Isso é bom. É novo. E já está tornando as novas gerações mais conscientes de seu papel na sociedade.

Nesse fragmento acima, a estratégia alarmista está em negrito e a pró-ativa ou de encorajamento, em itálico. Isso exemplifica que o tom pessimista, muitas vezes derivado do uso de estratégias alarmistas, é ‘dissolvido’ pelo incentivo e abundância de estratégias pró-ativas. Mediante as análises, observa-se que ‘Sustenta!’ objetiva fabricar um discurso sobre meio ambiente com sentidos de esperança, questionamento e reflexão, como mostram os destaques a seguir:

5c - A mobilidade urbana (**ou seria imobilidade?**) – é pauta obrigatória de uma **publicação comprometida com as questões do futuro**, mas precisa ir além do cicloativismo e das boas intenções: **é preciso avançar na discussão** sobre como as grandes cidades foram planejadas e sobre **o que é possível fazer** para que seus habitantes possam retomar as ruas que são suas de direito. **Defendemos o direito de todos os ciclistas**, mas, acima de tudo, **defendemos a liberdade de escolha**. E **apostamos** que, como diz a sabedoria popular, uma andorinha só não faz verão.

A SD 5c, além de trazer a indagação sobre a mobilidade urbana e reforçar seu compromisso com o futuro do planeta (característica do jornalismo ambiental), ainda traz a reflexão (por meio de um ditado popular) de que é necessário que todos contribuam para melhorar a reversão do quadro atual.

8c - O cicloativismo é hoje o principal movimento organizado por um novo padrão de mobilidade nas grandes cidades. **‘A percepção do automóvel como meio de transporte insustentável** está cada vez maior. Ao mesmo tempo, **muitas pessoas estão dispostas a exercer sua cidadania e lutar por uma cidade mais humana**’, afirma Thiago Benicchio, 29 anos, que participa todos os meses de uma bicicletada na Avenida Paulista, centro financeiro e cartão-postal de São Paulo.

18c - Apesar de estar na ponta final da cadeia, **quem compra tem poder de provocar mudanças**. **‘O consumidor pode usar seu poder de compra** para pressionar a rede de varejo a adquirir apenas produtos de fornecedores que tenham cadeia produtiva legal’.

22c - Dentro dessa nova lógica, da **necessidade de mudar mentalidades e atitudes**, **fazemos** uma pequena provocação ao leitor: no mês do Natal, das festas e dos excessos, **propomos uma reflexão sobre o consumismo exacerbado** que tem regido nossas relações. Comprar é bom, é necessário,

faz a roda do mundo girar. Mas ver objetos materiais como conquistas supremas na vida nos parece um problema.

Nesse bloco de extrações, apresenta-se uma mescla de estratégias de encorajamento (quando se diz, em 8c, que as pessoas estão dispostas a lutar por uma cidade mais humana; em 18c: “quem compra tem o poder de provocar mudanças”, e “o consumidor pode usar seu poder de compra para pressionar a rede de varejo...”; e, em 22c, na qual é preciso “mudar mentalidades e atitudes”) com estratégias de inclusão do leitor (as pessoas, o consumidor, o leitor). Essa união de mecanismos discursivos é estrategicamente articulada para reforçar a intenção de pró-atividade no leitor: ao inserir o outro no discurso da revista, ela o aproxima do que diz e, como o seu dito é de encorajamento, o estimula nessa direção.

‘Sustenta!’ fala das questões ambientais, trazendo quem lê para dentro de sua perspectiva. Induz seu leitor à reflexão, acreditando que, posteriormente (após se dar conta do que acontece e o que pode fazer no seu cotidiano em relação ao meio ambiente), ele modifique seus hábitos. É a publicação que mais se aproxima do público, mantendo uma relação de diálogo com aquele que a lê.

‘Aquecimento Global’

Apresenta um discurso com variadas estratégias discursivas, o que dificulta a eleição de somente uma que possa representar sua forma de dizer o meio ambiente. Todas as estratégias de testemunhalidade remetem ao efeito de autoridade, já que cidadãos comuns não possuem voz nas matérias.

Uma característica forte (já apresentada nas demais revistas) é a estratégia em que o leitor é incluso no discurso, geralmente com o efeito de promoção de novas atitudes. A estratégia de interpelação (acionada pelo uso do imperativo e de expressões de ordem) é atrelada nesse contexto. Assim, as estratégias de encorajamento, inclusão do leitor e interpelação trabalham afinadas, como se vê nos exemplos abaixo:

3d - As florestas estão sendo destruídas em um ritmo admissível. **É preciso deter esse processo. E já!**

10d - Cada um de nós pode, individualmente, fazer muito para deter o desflorestamento desenfreado. São pequenas ações isoladas, mas que, em conjunto, têm um impacto

positivo. **Desligue as luzes** quando não estiver no ambiente. Economizar energia elétrica diminui sua demanda, evitando a destruição de ecossistemas para a construção de hidrelétricas. **Procure comprar papel ou produtos certificados** pelas comissões de proteção às florestas como sendo sustentáveis e provenientes de regiões de manejo florestal. (...) **Se todas as pessoas que você conhece fizerem o mesmo, quantas árvores serão preservadas? Divulgue essas dicas e estimule as pessoas a segui-las.**

12d - Mergulhe nestas páginas e **confira matérias especiais para refletir**, constatar a realidade atual e **descobrir soluções para salvar o planeta**. Afinal, **nossa função vai além da informação, pois nós também somos responsáveis pela formação de cidadãos mais conscientes.**

16d – A natureza é mesmo imprevisível. Se, por um lado, não temos como evitar ou sequer prever determinados fenômenos, por outro lado, **há atitudes que estão ao alcance do ser humano** e ele simplesmente ignora como evitar o aquecimento global.

26d – **Confira**, a seguir, algumas dicas para praticar o consumo racional da água. São pequenos hábitos que podem fazer diferença, especialmente na guerra contra o desperdício: - **Mantenha a torneira fechada enquanto escova os dentes, ensaboa as mãos ou faz a barba;** - **Evite banhos muito demorados e desligue o chuveiro enquanto estiver se ensaboando.**

As sequências acima expõem estratégias discursivas relativas ao estímulo da mudança nos destinatários do discurso, ao incentivo do pró-ativismo. Incluindo o leitor no discurso ambiental da revista e incitando-o à mudança por meio de chamamentos, ordenações, ‘Aquecimento Global’, revela que ela acredita na possibilidade de mudança de atitude das pessoas diante das questões ambientais. Para a publicação, o meio ambiente está em perigo, mas pode ser ‘salvo’ com a participação de todos. Ele é posto como algo que precisa deixar de ser negligenciado no nosso dia-a-dia e que pode (e deve) ser melhorado com a participação cidadã de todos.

Ao dar sugestões e dicas para que cada um faça sua parte, a exemplo do que ocorre na SD 26d, ocupa o papel de quem pode ditar as regras do dia-a-dia do leitor. De forma até autoritária, a revista busca nortear os hábitos de seus destinatários por meio de atitudes simples, mas ‘que podem fazer a diferença na guerra contra o desperdício’.

Além disso, estratégias de alarmismo são encontradas. São as que surtem o efeito de calamidade, terra arrasada, perda e, conforme o repertório do destinatário, podem desencadear um efeito segundo de pró-ativismo em frente aos desastres ou de desânimo completo e incorporação de que não há mais salvação para o meio ambiente.

Possui o efeito de sentido primeiro de trauma, choque. A partir disso, pode surtir sentidos outros. Na perspectiva dessa estratégia, o meio ambiente está em um momento de revolta, em que só se pode esperar catástrofes e destruição.

As estratégias alarmistas estão quase sempre ligadas às projeções. O que é posto em risco é o futuro. Dessa forma, o modo de dizer o meio ambiente se refere ao que pode vir acontecer adiante, sempre em tom pessimista.

9d - A **perda** de florestas – e, em conseqüência dos ecossistemas que abrigam – é **irreparável**. Do lado meramente humano da questão, essas florestas são o lar de populações indígenas e estão cheias de espécies raras de animais e de plantas, algumas das quais contêm substâncias que podem curar o câncer ou outras doenças que assombram a humanidade. Do ponto de vista do clima do planeta, elas são vitais. Graças à capacidade de evaporar enormes volumes de água, as florestas servem para manter fria e úmida a região que as abriga, revestindo-as com nuvens que refletem o calor e trazem a chuva que as sustentam.

14d – A **pobreza** associada aos **problemas ambientais** é uma causa adicional. **Má nutrição, aumento da população, desemprego, rápida urbanização, doenças crônicas, políticas governamentais desastrosas e conflitos étnicos** também ‘encabeçam’ a lista dos motivos que levam a população a se refugiar e a **dificultar** a distinção entre os **desalojados ambientais** e as pessoas que abandonaram suas casas por problemas financeiros.

15d – Mesmo com **um cenário um tanto desanimador**, existem soluções para desenvolver as **regiões afetadas** e manter as populações de forma sustentável. “Um método básico de lidar com **desertificação, salinização** e, de fato, qualquer tipo de **degradação do solo** é plantar árvores, porque retêm umidade e combatem a erosão”, propõe o professor Norman Meyers.

20d – Ao contrário de **tsunamis, terremotos e erupções vulcânicas, os tornados, ou ciclones**, sofrem grandes influências das **alterações climáticas provocadas pelo homem**, uma vez que se originado choque entre correntes de ar frio e quente, criando um vórtice, cuja velocidade é de 115 a 180km. A passagem de um tornado é **devastadora**. Apesar da relativa imunidade do Brasil aos **desastres ambientais**, esta é uma **ameaça real** aos brasileiros.

35d – O que gera **alarme** é a constatação de que a demanda global por energia subirá muito nas próximas décadas, devido à ascensão econômica da China e da Índia, que reúnem 40% da população mundial e têm como principal fonte energética o carvão mineral, **muito poluente**.

O uso de expressões como ‘catástrofes’, ‘ameaças’ e ‘consequências irreparáveis’ e de adjetivos como ‘devastador’ e ‘desastroso’ simbolizam o tom pessimista. Leonel Aguiar (2008) afirma que a produção de sentidos, relacionada aos problemas ambientais (de consequências cataclísmicas), está vinculando o tema ao princípio da responsabilidade⁶⁰, ou seja, os riscos planetários, por meio da heurística do medo, conformam os valores da sociedade contemporânea. A negatividade seria uma maneira de trazer o valor da coletividade à tona nos dias atuais.

Com isso, compreende-se por que tais estratégias discursivas são encontradas com facilidade quando há a intenção de provocar reação rápida nos leitores. Os riscos ecológicos globais podem atingir qualquer um, unindo a população para ações político-pedagógicas que ajudem a enfrentar a questão ambiental. Entretanto, esses efeitos de sentido não podem ser controlados e podem acionar uma paralisia inesperada diante de tantas previsões negativas.

‘Aquecimento Global’ também incorpora estratégias pedagógicas, relacionadas ao explicar, ensinar, não com a mesma intensidade de ‘Mãe Terra’, mas, ainda assim, de forma bem marcada:

4d - Apesar de todos os protestos mundiais, as florestas tropicais estão sendo destruídas em um ritmo impiedoso. A cada minuto, em todas as horas de cada dia da semana, uma área de floresta tropical semelhante a 37 campos de futebol é devastada em todo mundo. As matas são derrubadas, principalmente, para fornecer combustível, madeira de lei, material de construção de prédios e estradas, matéria-prima para a fabricação de produtos de papel, e também para dar lugar a áreas agrícolas e pastagens pra gado.

19d – As tsunamis, ou ‘ondas de enseada’, ocorrem em todos os oceanos, mas são mais freqüentes nos limites do Pacífico, onde estão os maiores vulcões do mundo. Tais ondas resultam de movimentos sísmicos do fundo dos mares – os maremotos -, ou de atividade vulcânica submarina, e podem invadir a costa sem qualquer aviso.

27d – Falar sobre biopirataria não é uma tarefa fácil. A própria legislação que trata do assunto é confusa e não deixa os limites entre biopirataria, tráfico de animais e pesquisa

⁶⁰ O princípio da responsabilidade é trazido por Aguiar (2008) a partir da obra: ‘Le principe responsabilité: une éthique pour la civilization technologique’, de H. Jonas. Segundo ele, “o princípio da responsabilidade, ao reconhecer que a irredutibilidade dos riscos globais implica no fim das certezas dadas pela ciência (PRIGOGINE, 1996) e seus instrumentos de controle típicos da Modernidade, também atua como imperativo do dever moral indutor de um sentimento do medo coletivo”.

científica. **Um organismo geralmente é pirateado por dois possíveis motivos: comércio ilegal como animal de estimação ('pet'); ou para bioprospecção de medicamentos e outros produtos.**

28d – De maneira legal, **a biopirataria é definida como a exploração, a manipulação, a exportação ou a comercialização internacional de recursos biológicos que contrariam as normas da convenção sobre diversidade biológica (CDB), documento assinado pelo governo brasileiro durante a ECO 92, no Rio de Janeiro, e ratificado em 1994.**

31d – Não é novidade que o assunto 'meio ambiente' veio para ficar em todas as esferas da nossa vida. Termos como 'responsabilidade ambiental', 'desenvolvimento sustentável', 'ecologicamente correto', entre outros, já nos soam familiares há algum tempo, mas, **com tanta informação circulando por aí, fica difícil entender precisamente o que significa cada um deles, ainda mais porque, vira e mexe, surge um novo conceito, que passa a ficar em evidência.**

As SDs elencadas acima mostram a preocupação do discurso da revista em desvelar as razões pelas quais as matas são queimadas, o que são as *tsunamis*, o que pode ser compreendido pela biopirataria e por que é importante conhecer o significado dos termos relacionados à esfera ambiental. O efeito de sentido de ensinar e esclarecer é facilmente detectado.

'Aquecimento Global' apresenta, em suas páginas, uma série de estratégias que movimentam, de modos diversos, a construção da noção de meio ambiente. Não há como mensurar qual estratégia possui mais destaque, até porque, em várias SDs, as estratégias de inclusão do leitor, de interpelação e de encorajamento andam vinculadas. As pedagógicas e alarmistas se fazem presentes também. Apenas as de reverenciação à natureza não podem ser consideradas – não aparecem, até em razão dos temas abordados: todos articulados com a ação humana.

6. Considerações sobre a Construção Discursiva das Revistas Ambientais

Entender o sentido da expressão meio ambiente, tão corriqueira nos dias atuais, é fundamental para aqueles que, como eu, desejam ou precisam escrever sobre o tema que ela denomina. Saber reconhecer seus múltiplos efeitos de sentido é dever dos jornalistas ambientais, ainda que não consigamos impedir o atravessamento por formações discursivas antagônicas ao pensamento da justiça ambiental ou da concepção ecossocial. É preciso estar atento às escolhas das formas de se dizer algo, especialmente porque os discursos jornalísticos ambientais ajudam a construir maneiras de pensar e agir em relação aos problemas que cercam o planeta no qual vivemos. Os discursos ambientais legitimados pelo campo jornalístico auxiliam na estruturação e no reforço das representações sociais que circulam na sociedade contemporânea.

Perceber como se dá o funcionamento da engrenagem discursiva possibilita que os sujeitos-produtores avaliem a eficácia de suas escolhas e articulem suas intenções com recursos discursivos mais apropriados. É claro que a construção dos discursos jornalísticos não poderá preceder sempre uma análise como esta em razão da falta de conhecimento, do curto tempo, das rotinas produtivas, das prioridades e necessidades de cada organização profissional. Mas, se o sujeito-jornalista tiver subsídios para analisar as estratégias discursivas das quais faz uso e de seus respectivos efeitos de sentidos, assim como das filiações de sentido que transpassam seu discurso, poderá construir textos mais qualificados. Acredito que verificar o mecanismo e os efeitos dos discursos seja um dos objetivos dos pesquisadores (neste caso, analistas do discurso jornalístico) e, por isso, deve-se levar o resultado das pesquisas para as redações, a fim de que os jornalistas tenham ciência do que constroem e das possíveis consequências de seus discursos.

O trabalho jornalístico executado com responsabilidade e qualidade promove novas atitudes e amplia a discussão sociopolítica das pessoas, auxiliando no exercício da cidadania. Em um mundo que está se tornando cada vez mais complexo, suscitar

debates e reflexões que transcendam múltiplas esferas (individual, política, econômica, social, etc.) e resultem em conhecimento efetivo para a ação é desafio não somente dos jornalistas ambientais, mas de todos profissionais comprometidos com a ética.

Na mesma linha que o jornalismo cívico, o jornalismo ambiental opera em direção a uma transformação social, ao despertar das pessoas em prol de seus direitos e contra as injustiças. Nos dois casos, os jornalistas acabam por assumir um lugar de defensores dos direitos da população. Na análise feita, essas marcas ficam visíveis no tom imperativo que as publicações assumem diante dos leitores para provocá-los às mudanças e nos argumentos encorajadores ou alarmistas que elas repetem para ‘acordar’ os leitores do ‘sono’ da desinformação e do comodismo.

A pesquisa em questão levantou questionamentos e comprovações interessantes a partir da tentativa da desconstrução dos discursos ambientais. Ainda que saiba que o assunto exige outros olhares de pesquisa (por ser um tema recente), vejo este trabalho como uma contribuição e um incentivo para outras observações na área do jornalismo ambiental, especialmente pelo viés da segmentação.

A pesquisa bibliográfica inicial fundamentou o andamento da análise, servindo para situar o contexto do material analisado (as peculiaridades do jornalismo especializado), entender o objeto escolhido para o estudo (discurso jornalístico de revistas) e formular as formações discursivas (derivadas de estudos diversos sobre meio ambiente). A recuperação da trajetória histórica e de conceitos que são pertinentes ao entendimento da pesquisa acaba por acionar novas indagações (complementares), que contribuem para o refinamento do manuseio do *corpus*.

A análise dos discursos das quatro revistas ambientais que compõem o *corpus* me permitiu identificar alguns aspectos que são similares ao âmbito da produção editorial de revistas especializadas em meio ambiente, como as dificuldades de permanência nas bancas. Em janeiro de 2008, quando iniciei a coleta, talvez em função do *boom* midiático ambiental decorrente da publicação do terceiro relatório do IPCC, muitas revistas mostraram-se dispostas a investir em publicações relacionadas ao meio ambiente. Um ano depois, as adversidades econômicas já prejudicavam suas periodicidades. Em 2010, apenas ‘Terra da Gente’ resiste (‘Mãe Terra’ e ‘Aquecimento Global’ cessaram a produção em razão da falta de dinheiro, e ‘Sustenta!’ migrou para a *internet*). É compreensível, pois o mercado impresso, especialmente o de revistas, é um espaço restrito, caro e de altos índices de mortalidade - mas não haverá uma saída?

As revistas são espaços singulares para abordar, de forma leve, os assuntos mais complexos que são inerentes ao campo ambiental. São produtos jornalísticos mais atrativos e com a apresentação de conteúdos mais trabalhados, justamente por contarem com maior tempo para apuração, planejamento gráfico, edição das reportagens. Mostram-se ideais para cultivar, aos poucos, outras concepções sobre nossos hábitos urbanos, sobre a conectividade existente na ‘teia da vida’ da qual fazemos parte.

Ainda que as empresas (possíveis financiadoras) estejam acordando e aprendendo a lidar com as questões ambientais, creio que falte um pensamento que ultrapasse a rivalidade dos interesses econômicos com os ambientais. Eles não podem ser antagonicos, como percebemos hoje. Devem caminhar para o equilíbrio do bem-estar social. Lamento a rápida extinção das publicações, mas acredito que com a sensibilização de outros setores, as informações ambientais tratadas com profundidade e didática poderão voltar a circular pela sociedade.

Nas análises dos editoriais de todas as publicações, ficou claro que a intenção de quem faz é a mesma: buscar envolvimento com o público, fazê-lo crer no seu poder de consumidor e de cidadão. Sob a formação ideológica que percebe a Terra como um bem comum e a formação discursiva que corresponde a uma relação nivelada entre homem e natureza, pretendendo uma solução que não busque o crescimento a qualquer custo, todas elas demonstram ter uma percepção de que o começo da mudança precisa vir também com a ação individual de cada um. Com as tragédias climáticas que vêm aumentando de intensidade nos últimos anos, muitos estão percebendo que o seu cotidiano interfere nas alterações ambientais e, muitas vezes, não é compatível com a regeneração do ambiente, e acabam adotando outras maneiras de conduzir suas vidas. Essas pequenas ações são correspondentes ao que Alier (2007) delineia como ‘ecologismo dos pobres’, na qual aposta que virão as transformações que precisamos para alcançar a sustentabilidade do planeta.

No discurso das reportagens, os sentidos são mais transpassados e sofrem por mais ressignificações. A sobreposição, o atravessamento e o confrontamento de sentidos filiados a formações discursivas divergentes são intrínsecos ao processo discursivo e revelam o tensionamento permanente que faz parte da construção dos significados. No *corpus*, essas disputas acontecem por diversas vezes, demonstrando que a expressão ‘meio ambiente’ está carregada de sentidos conflitantes.

Individualmente, as revistas revelam algumas diferenças que as destacam do conjunto. Defini aqui quatro perfis decorrentes das análises (dos sentidos e estratégias) realizadas nas reportagens de capa, editoriais e nomes das revistas.

- 1) **‘Terra da Gente’** – Com uma linha editorial calcada no preservacionismo, opta por pautas distantes do cotidiano humano e cultua os aspectos peculiares da natureza. Justamente por ter essa proposta, abusa de estratégias discursivas de reverência à natureza e possui seus sentidos filiados predominantemente à FD Naturalista. Aposta no discurso das notícias positivas, utilizando, para tanto, muitas estratégias pró-ativas ou de encorajamento. Também movimenta estratégias de inclusão do leitor, a fim de mostrar que cada um pode fazer a diferença. Nesse sentido, é atravessado, muitas vezes, por sentidos da FD Ecosocial. De forma geral, o meio ambiente é construído como aquele que é cultuado e contemplado pelo homem.
- 2) **‘Mãe Terra’** – Não possui uma linha temática tão definida, apresentando edições mais filiadas à FD Naturalista e outras à FD Ecosocial (de acordo com o assunto eleito para a capa). Seu diferencial está articulado na recorrência (quase excessiva) de estratégias de pedagogização, o que é confirmado na sua proposta editorial. Também faz uso de estratégias de inclusão do leitor e pró-ativas. Nas suas reportagens distribui recursos que despertam o medo, o catastrofismo, trazendo para a sociedade a representação do senso comum a respeito do meio ambiente: ora tragédias ambientais, ora belezas intocadas. Aqui o meio ambiente é percebido como algo desconhecido, que necessita de inúmeras explicações.
- 3) **‘Sustenta!’** – Produz reportagens com íntima ligação ao dia-a-dia das pessoas. É uma publicação que investe na interpelação do público. Os temas são urbanos, e os sentidos que mais se repetem estão filiados à FD Ecosocial, portanto à FId, que busca um planeta mais equilibrado. O foco na sustentabilidade do ambiente e o nome da revista reforçam esse olhar. Em

‘Sustenta!’, o meio ambiente possui uma abordagem holística e plural, sendo a que mais se aproxima da prática ideal proposta pelos estudiosos empenhados na estruturação de uma teoria do jornalismo ambiental. A perspectiva é de que o meio ambiente está em tudo (em cada atividade diária) e que depende de cada um de nós auxiliar na manutenção e na melhoria da qualidade de vida do planeta.

- 4) **‘Aquecimento Global’** – O nome da revista já desloca o sentido de meio ambiente para os problemas, as tragédias. Contudo, nas reportagens, a publicação revela o discurso mais tensionado por sentidos antagônicos. Há cruzamentos da FD Ecotecnocrática na FD Ecosocial (que é a mais recorrente), assim como utilização de recursos alarmistas. Mas o discurso da revista é bastante heterogêneo e engloba estratégias de pedagogização, de inclusão do leitor e de encorajamento. Não apresenta sentidos e estratégias discursivas vinculadas ao meio ambiente afastado da ação do homem. Para esta publicação, o meio ambiente está relacionado à atividade humana, mas possui múltiplos atravessamentos que dificultam definições mais específicas.

A partir dessas observações, posso dizer que há mais regularidades entre as quatro revistas ambientais que diferenças. Os editoriais, todos filiados à FD Ecosocial e objetivando a aproximação do leitor, comprovam essa representação de meio ambiente como algo de todos e que depende de ações individuais e coletivas. O apelo para que cada leitor faça sua parte é característico de todas as publicações, assim como o afastamento da FD Ecotecnocrática (os sentidos aparecem, mas são sobrepostos pela FD Ecosocial).

‘Terra da Gente’ é a revista que mais se afasta das demais. Suspeito que essa diferença seja decorrente da conjuntura de seu nascimento. É a revista mais antiga e que surgiu baseada em um programa televisivo que possui o mesmo nome (que a sustentou por vários meses). Seu público é mais específico, e os quatro anos de existência certamente proporcionaram que ela pesquisasse e pudesse se afinar com determinado nicho do mercado.

Todas as demais revistas foram lançadas recentemente (no calor do *boom* ambiental) e não contavam com uma estrutura que as mantivesse até elas poderem se autossustentar. Suas redações são enxutas e dependem de *freelancers*. ‘Aquecimento Global’, ‘Mãe Terra’ e ‘Sustenta!’ são revistas antenadas nas problemáticas encontradas pelo público nos seus cotidianos (para esclarecer termos, para dar dicas de como fazer diferente e para questionar os hábitos já naturalizados). Elas criam identidade própria, mais pelos modos de dizer (através das estratégias discursivas) do que pelo que dizem.

As três revistas em questão possuem quase sempre os sentidos vinculados à FD Eossocial, na qual a ideia de meio ambiente complexo e integrado com o cotidiano do homem urbano se faz presente. As concepções da Ecologia Profunda (CAPRA, 1996), da Corrente Eossocial (CAPORAL E COSTABEBER, 2001) e do Ecologismo dos Pobres (ALIER, 2007) permeiam tais discursos, levando em conta ainda as características do jornalismo ambiental. Também (com mais ou menos frequência) são transpostas por sentidos filiados à FD Ecotecnocrática, relacionados ao desenvolvimento econômico, alinhado com o pensamento egoísta da Ecologia Rasa e com as delimitações da corrente denominada por Alier (2007) de ‘Evangelho da Ecoeficiência’. Nesses casos, são os recursos mobilizados para exprimir tais sentidos que ganham relevância.

‘Mãe Terra’ coloca em evidência, nos seus discursos, as estratégias discursivas de pedagogização que geram efeitos de sentido voltados ao ensinar, ao educar, ao explicar. Já ‘Sustenta!’ caracteriza-se pelos questionamentos e interpelações que estão trançados na sua trama discursiva. E ‘Aquecimento Global’ acaba por se diferenciar justamente por não ter apenas uma estratégia discursiva que se sobreponha, carregando nos discursos de suas edições uma mescla de recursos persuasivos que ora amedrontam o leitor, ora o encorajam à mudança.

Este estudo é relevante tanto para ratificar a validade dessas publicações para uma mudança de percepção, quanto para agregar conhecimento à área de jornalismo ambiental. É preciso dar continuidade à discussão para aprimorar e dar contornos mais nítidos ao exercício jornalístico calcado na preocupação ambiental. O jornalismo, legitimador de realidades, assume um papel crucial na transformação das representações que temos sobre o meio ambiente. Justamente por produzir discursos institucionalizadores de ideias, noções e formas de agir, é aí, na prática jornalística, que os sentidos de ambiente compartilhado, de equilíbrio planetário e de bem comum devem

aparecer. Se o compromisso do jornalismo é com o interesse público, também o é com as questões ambientais.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Cintia Maria. **Sustentabilidade**: caminho ou utopia? São Paulo: Annablume, 2006.

AGÊNCIA NACIONAL DE DIREITOS DA INFÂNCIA (ANDI). **Mudanças climáticas na imprensa brasileira**: Uma análise de 50 jornais no período de julho de 2005 a junho de 2007. Brasil, 2007. 59 p.

AGUIAR, Leonel Azevedo de. Discurso jornalístico e crise ambiental na sociedade de riscos. In: **Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Natal - RN, 2008.

ALIER, Joan Martínez. **O ecologismo dos pobres**: Conflitos ambientais e linguagem de valorização. São Paulo: Contexto, 2007.

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis - RJ: Vozes, 2009.

BACCHETTA, Víctor. El periodismo ambiental. In: BACCHETTA, Víctor (org.). **Ciudadanía planetaria**: Temas y desafíos del periodismo ambiental. Uruguay: Federación Internacional de Periodistas Ambientales; Fundación Friedrich Ebert, 2000.

BELMONTE, Roberto Villar. Cidades em Mutação. In: BOAS, Sérgio Vilas (org.). **Formação e informação ambiental** – Jornalismo para iniciados e leigos. São Paulo: Summus, 2004.

BENETTI, Márcia. Análise do discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, Claudia; BENETTI, Márcia (org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. Blogs jornalísticos e formações imaginárias. **Eco-Pós** (UFRJ), v. 12, p. 38-60, 2008.

BERGER, Christa. **Campos em confronto: a terra e o texto**. Porto Alegre-RS: Editora da UFRGS, 2003.

BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. Interação social no cotidiano. In: MORTENSEN, David. **Teoria da comunicação – Textos básicos**. São Paulo: Editora Mosaico, 1980.

BIRD, Elisabeth; DARDENNE, Robert. Mito, registro e ‘estórias’: explorando as qualidades narrativas da notícia. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Vega, 2003.

BRANCO, Samuel Murgel. **Eossistêmica – Uma abordagem integrada dos problemas do meio ambiente**. São Paulo: Editora Edgard Blücher Ltda., 1999.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação, jornalismo e meio Ambiente**. São Paulo: Mojoara Editoria, 2007.

_____. **Jornalismo ambiental: explorando além do conceito**. In: GIRARDI, Ilza; SCHWAAB, Reges (org.). **Jornalismo ambiental – Desafios e reflexões**. Porto Alegre: Editora Dom Quixote, 2008.

CALDAS, Álvaro (org.). **Deu no jornal: O jornalismo impresso na era da internet**. Editora Loyola, 2002.

CANDOTTI, Ennio. Divulgação e democratização da ciência. In: **Revista Ciência e Ambiente**, Santa Maria: UFSM, v. 23, jul./dez., 2001.

CAPORAL, Francisco Roberto, COSTABEBER, José Antônio. Agroecologia e sustentabilidade: Base conceptual para uma nova extensão rural. In: Encontro Internacional sobre Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, 2001, Botucatu (SP). **Anais do Encontro Internacional sobre Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**. Botucatu (SP): UNESP/FCA/DGTA/Instituto Giramundo Mutuando, 2001. p. 1-22. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/desenvolvimentorural/textos/13.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2008.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 1996.

_____. Alfabetização ecológica: O desafio para a educação no século 21. In: TRIGUEIRO, André (org.). **Meio ambiente no século 21**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

CARNEIRO, Augusto. **A História do ambientalismo**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2003.

CARVALHO, Isabel, C. M. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. Os sentidos do ambiental: A contribuição da hermenêutica à pedagogia da complexidade. In: Leff, Enrique (org.). **A complexidade ambiental**. São Paulo, Blumenau, 2003. p. 99-120.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CRESPO, Samyra. Uma visão sobre a evolução da consciência ambiental no Brasil nos anos 1990. In: TRIGUEIRO, André (coord.) **Meio ambiente no século 21**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DIB-FERREIRA, Declev. **Pra início de conversa - o que é meio ambiente?** Folha da Ilha, Rio de Janeiro, p. 9, 1.º set. 2008.

DIEGUES, Antonio Carlos Santana. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 2001.

ECOGUIA: guia ecológico de A a Z / Fundação Nicolas Hulot; [tradução: Mariana Nunes Ribeiro Echalar]; apresentação e adaptação da edição brasileira Martha Argel. São Paulo: Landy Editora, 2008.

ERBOLATO, Mário. **Técnicas de decodificação em jornalismo** – Redação, captação e edição no jornalismo diário. São Paulo: Ática, 1991.

FAUSTO NETO, Antônio. Mutações nos discursos jornalísticos: da 'construção da realidade' à 'realidade da construção'. In: FELIPPI, Ângela; SOSTER, Demétrio de Azeredo; PICCININ, Fabiana. **Edição em jornalismo: ensino, teoria e prática**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

FERNANDES, Márcio. **Civic journalism: Haverá um modelo brasileiro?** Guarapuava: UNICENTRO, 2008.

_____. **Civic journalism no Brasil: A construção de um plano de referência para um Jornalismo Público**. In: 1.º Colóquio Mídia & Agenda Social, 2007, Rio de Janeiro. **Anais do 1.º Colóquio Mídia & Agenda Social**. Brasília: Edição dos Autores, 2007.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro (org.). **Glossário de termos do discurso**. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 2001.

_____. Linguagem, ideologia e psicanálise. In: **Estudos da lingua(gem): Michel Pêcheux e a Análise do Discurso**. Vitória da Conquista, n. 1, p. 69-75, jun. 2005.

_____. O quadro atual da análise do discurso no Brasil. In: INDURSKY, Freda (org.). **Michel Pêcheux e análise do discurso: uma relação de nunca acabar**. São Carlos: Claraluz, p. 13-22, 2005.

FRANCISCATO, Carlos; NEVES, Jaqueline. A divulgação científica nos veículos de comunicação do estado do Sergipe. In: SOUSA, Cidival Morais de; BORTOLIERO, Simone; FERREIRA, José Roberto (org.) **Jornalismo científico e educação para as ciências**. Taubaté-SP: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2006. p. 55-68.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Tradução: Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIRARDI, Ilza; MASSIERER, Carine; SCHWAAB, Reges. Pensando o jornalismo ambiental na ótica da sustentabilidade. In: **UNirevista**, v. 1, n. 3, jul. 2006. Disponível em: < www.alaic.net/ponencias/UNIrev_Girardi.pdf>.

GOULART, Alexandre. Uma lupa sobre o jornalismo de revista. In: **Observatório de imprensa**. São Paulo, PROJOR - Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo, 07 jul. 2006. Disponível em:

<<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=388DAC001>>. Acesso em: 11 jun. 2008.

GREENPEACE. **Mudanças do clima, mudanças de vida**: Como o aquecimento global já afeta o Brasil. Brasil, ago. 2006. 65 p.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Apresentação. In: GREGOLIN, Maria do Rosário (org.). **Discurso e mídia**: A cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003.

_____. O acontecimento discursivo na mídia: Metáfora de uma breve história do tempo. In: GREGOLIN, Maria do Rosário (org.). **Discurso e mídia**: A cultura do espetáculo. São Carlos: Editora Claraluz, 2003.

HALL, Stuart. The work of representation. In: HALL, Stuart (org). **Representation, cultural representation and signifying practices**. Londres: Sage, 1997.

HAMÚ, Denise & GONTIJO, Maria José. Apresentação. In: BELTRAND, Marcello Vernet de. (org.) **Manual de comunicação e meio ambiente**. São Paulo: Peirópolis, 2004. p. 9-10.

HANNIGAN, John. **Sociologia ambiental** – A formação de uma perspectiva social. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

JOHN, Liana. Imprensa, meio ambiente e cidadania. In: **Revista Ciência e Ambiente**. Santa Maria: UFSM, v. 23, jul./dez., 2001.

JUNGES, José Roque. **Ética ambiental**. São Leopoldo - RS: Editora Unisinos, 2004.

KARAM, Francisco José. **A ética jornalística e o interesse público**. São Paulo: Summus, 2004.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**: O que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

LEAL, Bruno Souza. O jornal, sua identidade, sua voz. In: **Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom)**. Natal - RN, 2008.

MARIANI, Bethania. **O PCB e a imprensa**: os comunistas no imaginário dos jornais. Rio de Janeiro: Revan, 1998.

_____. Os primórdios da imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói memória). In: ORLANDI, Eni (org.). **Discurso fundador**. Campinas: Pontes, 1993.

MAZIÈRE, Francine. **A análise do discurso** – História e práticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas**: a segmentação da cultura no século XIX. São Paulo: Olho d'Água/ Fapesp, 2001.

MONTIBELLER F.º, Gilberto. **O mito do desenvolvimento sustentável** – Meio ambiente e custos sociais no moderno sistema produtor de mercadorias. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004.

MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando contra os fatos** – Jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

MORIGI, Valdir; RADDATZ, Vera Lúcia Spacil. Mídia e representações sociais. In: MORIGI, Valdir; ROSA, Rosane; MEURER, Flávio (org.). **Mídia e representações da infância**: narrativas contemporâneas. Curitiba: Champagnat; Porto Alegre: UFRGS, 2007.

MORIN, Edgar. **Terra-Pátria**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MOUILLAUD, Maurice. O Nome do Jornal. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.). **O Jornal** – Da forma ao sentido. Brasília: Paralelo 15, 1997. p. 85-98.

_____. O título e os títulos. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.). **O Jornal** – Da forma ao sentido. Brasília: Paralelo 15, 1997. p. 99-116.

_____. Posturas do Leitor. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.). **O Jornal** – Da forma ao sentido. Brasília: Paralelo 15, 1997. p. 173-190.

NELSON, Peter. **Dez dicas práticas para reportagens sobre meio ambiente**. EUA: The Center for Foreign Journalists, 1994.

ORLANDI, Eni. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. São Paulo: Pontes, 2005.

PAINEL INTERGOVERNAMENTAL DE MUDANÇAS CLIMÁTICAS. **Relatório do IPCC/ONU**. Paris, 2007. 42 p.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET & HAK (org.). **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

_____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PERUZZOLO, Adair. **Elementos da semiótica da comunicação – Quando aprender é fazer**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. **Os (Des)caminhos do meio ambiente**. São Paulo: Contexto, 2005.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). **Relatório de Desenvolvimento Humano 2007/2008: Combater as alterações climáticas – Solidariedade humana num mundo dividido**. Estados Unidos, 2007. 386 p.

REIGOTA, Marcos. **Meio ambiente e representação social**. São Paulo: Cortez, 2007.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da comunicação**. Lisboa: Presença, 1990.

_____. O acontecimento. In: **Revista de Comunicação e Linguagens**, v. 8, 1988.

ROCHA, José Andrade et al. **Guia do meio ambiente: coletânea de temas**. Brasília: Tablóide, 1992.

SACHS, Ignacy. **Ecodesenvolvimento**: crescer sem destruir. São Paulo: Vértice, 1986.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. Por que as revistas existem, abrem e fecham. In: **Observatório de Imprensa**, São Paulo, PROJOR - Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo, n. 245, 07 out. 2003. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/al071020031.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2008.

SCHAFFER, Jan. **O papel dos meios de comunicação na construção das comunidades**. Disponível em: <<http://www.pewcenter.org>>. Acesso em: 14 jan. 2008.

SCHWAAB, Reges Toni. **O discurso jornalístico da sustentabilidade em programas de rádio sobre meio ambiente**: Análise do quadro mundo sustentável e do programa Guaíba Ecologia. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre- RS, 2007.

SHARF, Regina. O jornalismo impresso. In: BELTRAND, Marcello Vernet de (org.). **Manual de comunicação e meio ambiente**. São Paulo: Peirópolis, 2004. p. 69-76.

SILVA, Marconi Oliveira da. **Imagem e verdade**: Jornalismo, linguagem e realidade. São Paulo: Annablume, 2006.

SORHUET GELÓS, Hernán. Periodismo ambiental: eje comunicacional del siglo XXI. In: GIRARDI, Ilza; SCHWAAB, Reges (org.). **Jornalismo ambiental – Desafios e reflexões**. Porto Alegre: Dom Quixote, 2008.

SOUSA, Jorge Pedro. **Introdução à análise do discurso jornalístico impresso**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.

TRIGUEIRO, André. **Mundo sustentável – Abrindo espaço na mídia para um planeta em transformação**. São Paulo: Globo, 2005.

TUCHMAN, Gaye. A objetividade como um ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Vega, 1993.

URBAN, Teresa (comp.). **Em outras palavras – Meio ambiente para jornalistas**. Curitiba: SENAR - Pr/ SEMA, 2002.

VERÓN, Eliseo. **Construir el acontecimiento**. Buenos Aires: Gedisa, 1987.

_____. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

VILLAR, Roberto. **Jornalismo Ambiental - Evolução e perspectivas**. Disponível em: <<http://www.agirazul.com.br/artigos/jorental.htm>>. Acesso em: 19 set. 2009.

WWF-Brasil. Relatório Planeta Vivo 2008. Suíça, out. 2008. 48 p.

ZAMBERLAN, Liége. **Comunicação e meio ambiente na mídia impressa: Poder, cultura e ideosfera: Um diálogo complexo**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul: Porto Alegre - RS, 2004.

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A

Relação de Matérias Analisadas

Nome da Revista	Edição	Tipo de Produção Jornalística	Título	Localização
Terra da Gente	Ano 4/Nº45 Janeiro de 2008	Editorial	Boas novas para 2008	Página 5
Terra da Gente	Ano 4/Nº 45 Janeiro de 2008	Matéria de Capa	Boa Nova e o Gravatezeiro	Páginas 24-31
Terra da Gente	Ano 4/Nº 47 Março de 2008	Editorial	O exemplo da floresta	Página 5
Terra da Gente	Ano 4/Nº 47 Março de 2008	Matéria de Capa	Jaguatirica de Proveta	Páginas 28-34
Terra da Gente	Ano 5/Nº 49 Maio de 2008	Editorial	De roupa nova	Página 5
Terra da Gente	Ano 5/Nº 49 Maio de 2008	Matéria de Capa	Lições de conservação	Páginas 18-27
Terra da Gente	Ano 5/Nº 51 Julho de 2008	Editorial	Suspensos por um fio	Página 3
Terra da Gente	Ano 5/Nº 51 Julho de 2008	Matéria de Capa	Trajatória de um sobrevivente	Páginas 18-27
Terra da Gente	Ano 5/Nº 53 Setembro de 2008	Editorial	O ideal, o real e os números	Páginas 4-5
Terra da Gente	Ano 5/Nº 53 Setembro de 2008	Matéria de Capa	Ajuste de conduta	Páginas 36-43
Terra da Gente	Ano 5/Nº 55 Novembro de 2008	Editorial	Uma viagem inesquecível	Página 5
Terra da Gente	Ano 5/Nº 55 Novembro de 2008	Matéria de Capa	Sem a espada da dúvida	Páginas 54-61
Mãe Terra	Ano 1/Nº 1 Maio de 2008	Editorial	Sem título (apresentação da revista)	Página 3
Mãe Terra	Ano 1/Nº 1 Maio de 2008	Matéria de Capa	A Terra aquece	Páginas 6-13
Mãe Terra	Ano 1/Nº 2 Julho de 2008	Editorial	“O avanço do degelo polar”	Página 3
Mãe Terra	Ano 1/Nº 2 Julho de 2008	Matéria de Capa	Aquecimento global traz mudanças e problemas no	Páginas 6-15

			mundo todo	
Mãe Terra	Ano 1/Nº 3 Setembro de 2008	Editorial	Educar ainda é a saída	Página 3
Mãe Terra	Ano 1/Nº 3 Setembro de 2008	Matéria de Capa	Muito além dos domínios de Tarzan	Páginas 26-31
Mãe Terra	Ano 1/Nº 4 Novembro de 2008	Editorial	Um dia para reflexão	Página 3
Mãe Terra	Ano 1/Nº 4 Novembro de 2008	Matéria de Capa	Tartarugas marinhas	Páginas 38-45
Sustenta!	Ano 1/Nº 1 Outubro de 2008	Editorial	Admirável mundo novo	Página 4
Sustenta!	Ano 1/Nº 1 Outubro de 2008	Matéria de Capa	Móveis e imóveis	Páginas 24-30
Sustenta!	Ano 1/Nº 2 Novembro de 2008	Editorial	Crise=mudança	Página 4
Sustenta!	Ano 1/Nº 2 Novembro de 2008	Matéria de Capa	O seu bife vem daqui	Páginas 16-21
Sustenta!	Ano 1/Nº 3 Dezembro de 2008	Editorial	Que venha 2009!	Página 4
Sustenta!	Ano 1/Nº 3 Dezembro de 2008	Matéria de Capa	Sonhos de consumo:dá para viver sem eles	Páginas 20-25
Aquecimento Global	Ano 1/Nº 2 Janeiro de 2008	Editorial	O tempo vale ouro	Página 3
Aquecimento Global	Ano 1/Nº 2 Janeiro de 2008	Matéria de Capa	Desmatamento	Páginas 18-23
Aquecimento Global	Ano 1/Nº 3 Março de 2008	Editorial	Carbon Free!	Página 3
Aquecimento Global	Ano 1/Nº 3 Março de 2008	Matéria de Capa	Refugiados ambientais	Páginas 30-35
Aquecimento Global	Ano 1/Nº 4 Maio de 2008	Editorial	Desafios da natureza	Página 3
Aquecimento Global	Ano 1/Nº 4 Maio de 2008	Matéria de Capa	Desafios naturais	Páginas 32-37
Aquecimento Global	Ano 1/Nº 5 Julho de 2008	Editorial	É tempo de celebrar	Página 3
Aquecimento Global	Ano 1/Nº 5 Julho de 2008	Matéria de Capa	Artigo de luxo	Páginas 24-29
Aquecimento Global	Ano 1/Nº 6 Outubro de 2008	Editorial	Novas alternativas	Página 3
Aquecimento Global	Ano 1/Nº 6 Outubro de 2008	Matéria de Capa	Piratas modernos	Páginas 24-29
Aquecimento Global	Ano 1/Nº 7 Novembro de 2008	Editorial	Faça parte	Página 3
Aquecimento Global	Ano 1/Nº 7 Novembro de 2008	Matéria de Capa	Os seis maiores poluidores do planeta	Páginas 20-25